

JOSH McDOWELL

CONEXÃO COM O PAI

Como fazer diferença
na autoestima e no
senso de propósito
do seu filho





JOSH McDOWELL

CONEXÃO COM O PAI

Como fazer diferença
na autoestima e no
senso de propósito
do seu filho



UNITED PRESS 
UM SELO EDITORIAL HAGNOS

JOSH McDOWELL

CONEXÃO COM O PAI

Como fazer diferença
na autoestima e no
senso de propósito
do seu filho

© 1996, by Josh McDowell
© 2008, update and republished by Josh
McDowell
Originally published by B&H Publishing Group,
USA
Under title The Father Connection
© 2015 Portuguese Edition by Editora Hagnos
Ltda.
Associação Religiosa Cruzada Estudantil e
Profissional para Cristo
Rua Gregório Serrão, 274 - Vila Mariana -
041006-040 - São Paulo/SP/Brasil

Tradução
Onofre Muniz

Revisão
Andrea Filatro
Josemar de Souza Pinto

Capa
Maquinaria Studio

Diagramação e e-book
Felipe Marques

1ª edição - Junho de 2015

Editor
Juan Carlos Martinez

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Todos os direitos desta edição reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 620

04815-160 - São Paulo - SP - Tel/Fax: (11) 5668-
5668

hagnos@hagnos.com.br

www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

McDowell, Josh

Conexão com o pai: como fazer diferença na autoestima e no senso de propósito de seu filho / Josh
McDowell ; tradução de Onofre Muniz. – São Paulo: Hagnos, 2015.

ISBN 978-85-243-0498-9

1. Pai e filho 2. Paternidade 3. Ética cristã 4. Vida cristã I. Título II. Muniz, Onofre

15-0518

CDD 306.874

Índices para catálogo sistemático:

1. Pais e filhos : Relacionamentos

Editora associada à:



1. Ser pai em tempos difíceis
2. A conexão com o pai
3. O amor e a aceitação incondicional do pai
4. A pureza do pai
5. A verdade do pai
6. O pai confiável
7. O pai que conforta e apoia
8. O pai como refúgio
9. O pai como amigo
10. O pai que disciplina
11. O pai e o perdão
12. O pai e respeito
13. Um pai segundo o coração de Deus

60 coisas divertidas que um pai pode fazer com seus filhos

Agradecimentos

Querido pai,

É uma honra e um privilégio escrever esta carta. Fico extremamente impressionada pela maneira como você ama mamãe, meus irmãos e a mim. Você sempre me faz sentir importante. Guardo no coração tantas lembranças do tempo passado juntos, como jogar balões de água, pular na cama, arrumar seus cabelos e sair à procura de chocolate quente com sorvete. A maneira como você tratava mamãe com respeito, falava francamente comigo sobre pureza sexual e os “encontros” para os quais você me levava quando adolescente gravaram em minha mente como eu queria que um homem me tratasse e me deram uma visão saudável do casamento. Oro para que eu venha a me casar com alguém que tenha a sua compaixão e a sua integridade.

Serei sempre grata pela maneira como você demonstrou que o meu valor decorre do fato de eu ter sido criada à imagem de Deus. Saber que possuo valor inerente me ajudou a crescer, a ter liberdade de experimentar novas coisas e de falhar sem me sentir fracassada. Muito obrigada por me dar as ferramentas para fazer as escolhas certas, amando-me incondicionalmente quando eu cometia erros. Você tem sido o exemplo do que é admitir os erros e buscar o perdão quando necessário, bem como permitir que outros cometam erros e se apressar em perdoar sem ressentimento.

O tempo que você passou comigo enquanto eu crescia me mostrou que você valorizava ser meu pai. O amor incondicional que você me dá permitiu sentir-me segura e ser capaz de amar os outros. Gosto muito de você e sempre vou valorizar as nossas longas conversas e as nossas muitas risadas. Você me ensinou a amar a Deus, a me importar com os outros e abraçar a vida ao

máximo. Sei que este livro motivará outros a investirem tempo em seus filhos e lhes dará as ferramentas necessárias para capacitarem os filhos a fazerem as escolhas certas. Estou muito orgulhosa de você e grata pelo fato de você ser meu pai.

*Com amor,
Kelly*

Querido pai,

Embora eu tenha ouvido você falar sobre os cuidados dos pais muitas vezes – e, claro, esse tem sido um de seus interesses pessoais! –, ler este livro foi realmente surpreendente para mim. Agora que sou pai, muitas vezes me surpreendo pensando: “Como meus pais lidariam com isto? O que meu pai faria nesta situação?” Minha sincera oração é que Deus me capacite a ser um pai tão bom para os meus filhos quanto você foi para Kelly, Katie, Heather e eu.

As pessoas sempre me perguntam como é ser filho de Josh McDowell. Para surpresa de alguns, essas não são as principais lentes através das quais eu o vejo – como seu filho. Meu primeiro pensamento a respeito de você é como meu pai – o homem que ama minha mãe, que se sacrificou muito para estar em meus jogos de basquete, que venceu desafios incríveis desde a infância, que se desculpou ao cometer erros, que sorri e desfruta a vida e que defende corajosamente o que crê. Por essas razões, tenho orgulho de chamar você de pai.

Um dos pontos mais importantes que você apresenta neste livro é quão fundamental é construir lembranças com seus filhos. Ao recordar minha infância, fico impressionado diante das lembranças incríveis que você construiu para nós como família.

Lembro-me de muitos momentos engraçados, como comer pipoca na banheira, dormir debaixo de uma lona encerada sob a chuva numa ilha do Havaí e assistir às quartas de final da Associação Atlética Universitária Nacional. Também me lembro de quando compramos uma árvore de Natal e alguns pequenos presentes para Terry, que não tinha nenhum familiar que cuidasse

dela. Vê-la chorar e sentir a alegria de doar um pouco do nosso amor são lembranças gravadas para sempre em minha memória.

Você alcançou algumas realizações surpreendentes em sua vida, pai. Mas, para mim, a realização mais esplêndida é que você tem sido um pai que se conecta com seus filhos. Você não apenas escreve sobre o amor paterno. Você o vive. Eu amo você!

Seu melhor amigo,

Sean

Querido pai,

Nunca esquecerei o dia em que você foi me buscar na escola primária numa charrete para levar minhas amigas e eu a uma sorveteria onde devoramos um monte de *bananas split*. Lembro-me de ter andado de charrete por nossa pequena cidade, sentindo-me inigualável e especial. Tenho ótimas lembranças de momentos em que você fez de tudo para transmitir seu amor e sua aceitação a mim. Sempre soube que você me ama e sente orgulho por ser meu pai.

Sempre me surpreendo com a forma como você se relaciona com nossa família. Kelly, Sean, Heather e eu temos um relacionamento bem diferente com você do que você teve com o seu pai. No primeiro capítulo deste livro você escreveu:

“Quando criança, nunca conheci o amor de um pai. Nunca me beneficiei com o exemplo de um pai. Não consigo me lembrar de uma única vez em que o meu pai tenha me levado a algum lugar especial e passado tempo comigo. Não consigo me lembrar de sentir orgulho do meu pai, ou de querer imitá-lo”.

É doloroso ler essas palavras porque conheço a profunda dor que você deve ter experimentado como resultado de sua família desestruturada, especialmente no relacionamento com seu pai. Mas, ao ler esse texto, eu também me regozijo. Regozijo-me na graça de Deus por ele ter se mostrado a mim por seu intermédio. É por causa dessa graça que posso dizer:

“Quando criança, sempre conheci o amor de um pai. Sempre me beneficiei com o exemplo de um pai. Lembro-me de muitas vezes em que meu pai me levou a algum lugar sozinho e passou

algum tempo comigo. Tenho orgulho do meu pai e espero imitá-lo no cuidado com meus filhos”.

Pai, sou muito grata pelas inúmeras vezes em que você fez de tudo para transmitir seu amor e aceitação a mim. Seu amor incondicional por mim me deu a liberdade de viver sem medo de fracassar. Vivo cada dia sabendo que sou amada e aceita.

Tenho muito orgulho de você. Amo você e sinto enorme prazer em ser sua filha.

*Com amor,
Katie*

Querido pai,

Tenho pensado em nossa vida juntos, e duas coisas bem distintas que você me tem dito ao longo dos anos fazem muita diferença no incrível relacionamento que temos como pai e filha.

Certa vez você disse que eu poderia me sentar em seu colo “em qualquer momento, em qualquer lugar”. Isso aconteceu quando eu tinha 9 anos de idade e, agora que cheguei aos 21, você continua fiel àquela promessa. Mas, tantos anos atrás, foi mais do que um assento reservado; foi a promessa fundamental de que o meu pai sempre estaria disponível para mim, “em qualquer momento”, sem importar onde estivesse ou com quem estivesse falando. Ele era meu pai. Embora eu tenha certeza de que você não espera que eu ainda me sente no seu colo, existe algo em mim que sempre precisa de você. Amo você profundamente, e sei que Deus planejou que você fosse meu pai muito antes de eu me tornar uma McDowell.

A segunda coisa é esta: Você se lembra quando eu tinha cerca de 13 anos e lhe perguntei o que você faria se eu engravidasse? No momento, pensei que aquilo seria o erro mais terrível que eu poderia cometer. Mas você respondeu bem rápido e de modo muito confiante. Você disse que me amaria independentemente do que acontecesse e que resolveríamos qualquer circunstância juntos, porque “é para isso que existem os pais”.

Ao longo dos anos, tenho telefonado a você preocupada com a escola e os meninos, com carros quebrados e documentos, com assuntos de aluguel de casa e colegas de classe, e a cada telefonema você tem demonstrado prudência e amor a mim... porque é para isso que existem os pais.

Eu o amo muito e sou grata a Deus por ele ter escolhido você
para ser meu pai.

Com amor,
Heather

Ser pai em tempos difíceis

Mais de trinta anos atrás, tive em meus braços minha filha primogênita.

Lembro-me nitidamente dos pensamentos e das emoções que me inundaram naquele momento. Baixei o olhar para a face da minha filha recém-nascida, Kelly, envolta num macio cobertor amarelo. Contei seus dedos e fiquei maravilhado com a perfeição e a complexidade de sua forma diminuta. Ela era indefesa, tinha um valor inestimável e, acima de tudo, era minha.

Enquanto eu olhava para ela com amor e admiração, senti outra emoção surgir em meu peito, uma emoção que conhecia muito bem. Pavor.

– O que estou fazendo? – disse para mim mesmo. – Eu não sei ser pai!

Quando criança, nunca conheci o amor de um pai. Nunca me beneficieei com o exemplo de um pai. Não consigo me lembrar de uma única vez em que o meu pai tenha me levado a algum lugar especial e passado tempo comigo. Não consigo me lembrar de sentir orgulho do meu pai, ou de querer imitá-lo. Na verdade, eu o odiava. Cresci numa fazenda de gado leiteiro de 150 acres, próxima a uma pequena cidade em Michigan. Todos se conheciam naquela cidadezinha e, claro, todos sabiam a respeito do meu pai e do seu vício pela bebida. Meus amigos adolescentes faziam piadas a respeito, e eu ria, também, na esperança de que o riso escondesse minha dor.

Eu odiava meu pai pela vergonha que ele me causava e também pela forma como tratava minha mãe. Às vezes eu ia até o celeiro e encontrava minha mãe deitada no esterco atrás das vacas, espancada tão brutalmente

que mal conseguia se levantar. Às vezes, quando ele chegava em casa bêbado, eu o arrastava até o celeiro, o amarrava numa baia e o deixava lá dormindo. Quando adolescente, eu prendia seus pés com um nó correição que terminava em seu pescoço, na esperança de que ele, ao tentar se libertar, se enforcasse. Quando minha mãe morreu no mês da minha formatura no colégio, culpei meu pai pela tragédia.

Embora Deus tenha ocasionado uma reconciliação com meu pai após minha conversão a Cristo, e tenha me permitido ajudá-lo a crer e ser salvo em Cristo (catorze meses antes de sua morte em consequência de um ataque cardíaco), tornei-me pai com um agudo senso de que estava totalmente despreparado para a paternidade.

A TAREFA MAIS ASSUSTADORA DO MUNDO

Você pode não ter experimentado um relacionamento tão infeliz com seu pai, mas pode compartilhar minha percepção de que a paternidade talvez seja a tarefa mais amedrontadora do mundo. Para piorar as coisas, não existe um lugar onde alguém possa obter um certificado de paternidade. Há bem poucos requisitos para a função. Muitos de nós precisamos aprender no trabalho, por tentativa e erro – a maior parte por erro! De fato, alguém já disse que as pessoas só se tornam bons pais quando seus *filhos* também se tornam pais!

Ao longo dos anos, tenho observado e aconselhado muitos pais bem-intencionados que se sentem sobrecarregados pela tarefa de se tornarem pais efetivos. Muitos admitem que estão tentando equilibrar casamento, carreira e paternidade. A maioria se vê pega na armadilha de uma agenda de trabalho intensa e das pressões decorrentes. Muitos se sentem limitados por uma falta de habilidades práticas de paternidade, por um casamento difícil ou por padrões pouco saudáveis em sua vida.

Além disso, os desafios da paternidade são mais acentuados hoje do que antes. Vivemos num mundo que frequentemente ameaça nossos casamentos, nossas famílias e nossos filhos. Vivemos numa cultura que

rejeita a verdade da Bíblia, zomba da moralidade bíblica, enaltece o sexo e a violência, ri da embriaguez e da grosseria. Vivemos numa sociedade que rejeitou amplamente as noções de verdade e moralidade, uma sociedade que, de certo modo, perdeu a capacidade de decidir o que é verdadeiro e certo, uma sociedade na qual a verdade se tornou uma questão de gosto, e a moralidade foi substituída pela preferência individual.

Deparamo-nos com a hercúlea tarefa de criar filhos numa cultura em crise. As pesquisas mostram uma estatística de horror do que está acontecendo *diariamente* na América:

- 1.000 garotas adolescentes solteiras se tornam mães
- 1.106 garotas adolescentes fazem aborto
- 4.219 adolescentes contraem doenças sexualmente transmissíveis
- 500 adolescentes começam a usar drogas
- 1.000 adolescentes começam a ingerir bebidas alcoólicas
- 135.000 crianças levam um revólver ou outra arma para a escola
- 3.610 adolescentes são agredidos; 80 são estuprados
- 2.200 adolescentes deixam a escola de ensino médio
- 7 garotos (com idade entre 10 e 19 anos) são assassinados
- 7 jovens (de até 17 anos) são detidos por assassinato
- 6 adolescentes cometem suicídio¹

Não é de admirar que muitos homens enfrentem a tarefa da paternidade com temor e tremor. Mas a paternidade não é apenas a tarefa mais *assustadora* do mundo em muitos aspectos; ela está igualmente entre as tarefas criticamente mais *necessárias* do mundo.

O TRABALHO MAIS IMPORTANTE DO MUNDO

A tarefa de ser pai é de fundamental importância, e nunca foi mais verdadeiro do que nestes dias em que vivemos. O relacionamento de um filho com o pai é um fator decisivo na saúde, no desenvolvimento e na

felicidade daquele ou daquela jovem. Pense nas bem documentadas constatações a seguir:

- O dr. Loren Moshen, do Instituto Nacional de Saúde Mental, analisou os números do censo norte-americano e descobriu que a ausência de um pai é um fator mais forte do que a pobreza na delinquência juvenil.
- Um grupo de cientistas comportamentais de Yale estudou a delinquência em 48 culturas ao redor do mundo e descobriu que as taxas de crimes foram mais altas entre os adultos que foram criados somente por mulheres na infância.
- O dr. Martin Deutsch descobriu que a presença do pai e do diálogo, especialmente à hora do jantar, estimula uma criança a ter melhor desempenho na escola.²
- Um estudo entre 1.337 médicos formados pela Universidade *Johns Hopkins* entre 1948 e 1964 constatou que a falta de proximidade com os pais era o fator comum na hipertensão, doença cardíaca coronária, tumores malignos, doença mental e suicídio.³
- Um estudo com 39 garotas adolescentes que estavam sofrendo de anorexia nervosa mostrou que 36 delas apresentavam um denominador comum: a falta de uma estreita relação com seus pais.
- Os pesquisadores da Universidade *Johns Hopkins* descobriram que “garotas adolescentes brancas que viviam em famílias órfãs de pais... apresentavam 60% mais probabilidade de ter relações antes do casamento do que as que viviam em lares com os dois pais”.⁴
- A pesquisa do dr. Armand Nicholi verificou que um pai emocional ou fisicamente ausente contribui para 1) baixa motivação de uma criança para a realização; 2) incapacidade de adiar a gratificação imediata por recompensas posteriores; 3) baixa autoestima; e 4) suscetibilidade à influência do grupo e à delinquência juvenil.⁵

Com base em minha interação com centenas de mães, pais e adolescentes, eu concordaria com essas constatações. Não somente isso, mas os resultados desses estudos também correspondem à pesquisa entre jovens das igrejas cristãs evangélicas.

Não faz muito tempo, encomendei uma pesquisa com mais de 3.700 adolescentes em igrejas evangélicas – a mais extensa pesquisa já realizada com jovens evangélicos. Realizada pelo *The Barna Research Group*, a pesquisa revelou a importância da conexão entre pai e filho.

Dos 3.795 jovens pesquisados naquele estudo, 82% deles frequentaram uma igreja evangélica semanalmente, e 86% disseram que haviam feito um compromisso de confiar em Cristo como Salvador e Senhor. Todavia, o estudo mostrou que 54% dos adolescentes e pré-adolescentes de famílias evangélicas da igreja disseram que raramente ou nunca conversavam com seus pais sobre suas questões pessoais (comparados aos 26% que disseram que raramente ou nunca conversavam com suas mães sobre tais coisas). Um em cada quatro jovens pesquisados afirmou que *nunca* tivera uma conversa significativa com seu pai. Mais de dois em cada cinco (42%) disseram que raramente ou nunca faziam algo especial com seu pai que envolvesse “apenas vocês dois”. E um em cada cinco disseram que seus pais raramente ou nunca demonstravam amor por eles.⁶

Ao mesmo tempo, o estudo revelou que os jovens que estão “muito próximos” de seus pais são mais propensos a:

- sentir-se “muito satisfeitos” com sua vida
- abster-se de relações sexuais
- adotar padrões bíblicos de verdade e moralidade
- frequentar a igreja
- ler a Bíblia sistematicamente
- orar diariamente

A pesquisa – não somente entre jovens cristãos, mas entre todos os jovens – indica fortemente que a “conexão com o pai” é um fator crucial na saúde, no desenvolvimento e na felicidade da criança. Isso não significa que as mães não sejam importantes. Entretanto, revela o fato de que, na maioria dos casos, a mãe está lá, fazendo seu trabalho, cuidando dos filhos, conversando com eles e gastando tempo com a família. Como resultado, parece que os filhos *esperam* que a mãe seja acessível, amorosa, comunicativa e tolerante.

Com o pai, entretanto, a lei da oferta e da procura entra em cena. Em muitos casos, ele é *menos* acessível, *menos* envolvido ou *menos* comunicativo que a mãe. E, porque sua atenção e seu tempo têm menor oferta, uma aura de grande importância se constrói em torno desse relacionamento. Assim como todos nós, nossos filhos anseiam pelo que não têm, e em muitos casos eles não têm um relacionamento estreito com os pais.

É por isso que a conexão com o pai é o fator mais importante na vida dos filhos, independentemente da idade deles. Pai, o seu relacionamento com os seus filhos e as suas filhas é um fator que se pode constatar no crescimento deles em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e das pessoas. Você pode fazer toda a diferença na autoestima, no respeito pelos outros e no senso de propósito de seus filhos.

O TRABALHO MAIS GRATIFICANTE DO MUNDO

Embora eu tenha começado a experiência da paternidade com um exemplo menos que perfeito que era meu próprio pai, tenho sido abençoado com uma série de modelos e mentores ao longo dos anos. O mais importante deles tem sido minha esposa, Dottie, a esposa mais fantástica que um homem já pôde ter e uma mãe sábia e amorosa para os nossos quatro filhos. Aprendi também muito com Dick Day, que (junto com meu filho Sean) é o amigo mais chegado que já tive. E Norm Wakefield, um amigo com quem escrevi vários livros, também tem sido para mim um exemplo maravilhoso de pai cristão.

Norm e sua esposa, Winnie, são pais de cinco filhos, todos adultos agora. Um dos momentos mais gratificantes na vida de Norm ocorreu quando Joel, seu filho, completou 24 anos de idade.

– O casamento de Joel foi um acontecimento especial para mim – diz Norm –, porque ele havia me pedido para ser seu padrinho no casamento. Quando me coloquei ao lado desse jovem, minha mente retrocedeu muitos anos. Lembrei-me de quando Joel ainda estava no jardim de infância e eu trabalhava num programa de doutorado em Louisville, Kentucky. Certo dia cheguei em casa e descobri que meu filho havia ferido a cabeça num acidente estranho. Corri com Joel para o pronto socorro do hospital. Quando a equipe médica começou a examiná-lo, fiquei sozinho com meu medo e desamparo, e então comecei a soluçar ao me dar conta de quão precioso meu filho era para mim e como eu o valorizava.

Não demorou para que Norm soubesse que o ferimento de Joel não causaria danos sérios ou duradouro; logo ele se recuperaria por completo.

– Mas descobri naquele dia – Norm diz – quanto meu filho significava para mim.

Durante os vinte anos seguintes, Norm se esforçou para ser um pai amoroso, envolvido e competente para Joel e seus outros quatro filhos, um esforço que pareceu, de muitas maneiras, culminar no dia do casamento de Joel.

– Quando me coloquei ao lado daquele filho de 24 anos de idade, a quem amo e respeito – ele diz –, eu estava cheio de uma alegria transbordante. Eu sabia que ele, bem como suas irmãs, estavam comprometidos em honrar e servir a Cristo, e sabia que ele estava comprometido em ser um marido amoroso para Lisa, sua esposa. Eu estava sinceramente grato pela fidelidade de Deus. Ele havia honrado o meu compromisso e o compromisso de Winnie de amar, apreciar e educar nossos filhos. No processo, eles haviam se tornado nossos amigos mais queridos.

Que homenagem Joel prestou ao seu pai! De todos os amigos que Joel poderia ter escolhido para ser o padrinho – colegas de classe, membros do time, companheiros do jogo –, ele escolheu o pai!

A paternidade pode ser a tarefa mais assustadora do mundo, porém é também a mais importante e gratificante que um homem pode enfrentar. Independentemente de suas limitações ou deficiências, você pode se tornar um pai efetivo. Pode superar os obstáculos e enfrentar as dificuldades dispostas contra você; pode se tornar o pai de que seus filhos precisam.

Quero desafiar, encorajar e motivar você a agir pelas ideias expostas neste livro. Não finjo ser um especialista em paternidade. Tive um começo pouco promissor. Lutei com frequência, talvez da mesma forma que você tenha lutado. Fracassei muitas vezes. Mas aprendi muito com outros a respeito de ser pai e espero que você seja ajudado pelas coisas que têm sido uma bênção para mim no relacionamento com meus filhos.

Reconheço, claro, que você pode se sentir um pouco desconfortável enquanto lê, percebendo que não tem sido tão efetivo como poderia ser. Isso é natural. Todos nós experimentamos as pressões de sermos pai, e todos podemos melhorar em alguma parte. Mas não quero que você caia na armadilha da culpa. Veja que alguns passos simples podem ajudá-lo a evitar ser consumido pelo remorso e por suas imperfeições.

Primeiro, veja a paternidade de uma perspectiva positiva, otimista. Olhe para a paternidade como uma influência positiva que não somente enriquecerá a vida do seu filho, mas também será um meio que Deus usará para expandir você mental, emocional e espiritualmente. Considere-a uma grande oportunidade de investir sua vida em alguém, crendo que o tempo investido produzirá frutos durante anos – talvez por gerações.

Em segundo lugar, olhe para o crescimento como uma série de pequenos passos dados durante a vida toda. Não permita ser sobrepujado pelo que você não está fazendo; ao contrário, foque em algum passo novo e pequeno que

você gostaria de dar hoje. (Ao final de cada capítulo, sugerimos algumas perguntas e pontos de ação para ajudar você a priorizar suas ideias e a avançar.) Em algum momento, essas pequenas mudanças farão uma diferença significativa no relacionamento com seus filhos. Além disso, tenha em mente que, não importa quanto tentemos, a maioria de nós nunca se sentirá completamente satisfeita com sua atuação como pai. Por isso, faça um esforço consciente para redirecionar esse descontentamento em passos para o crescimento em vez de ocasiões para se tornar desestimulado ou deprimido.

Em terceiro lugar, resolva dedicar-se ao privilégio e à responsabilidade da paternidade. O salmista nos deu uma perspectiva saudável sobre o desafio perante nós:

Os filhos são herança do SENHOR, e o fruto do ventre é a sua recompensa (Sl 127.3).

Na verdade, há momentos em que questionamos se nossos filhos são realmente uma “recompensa” do Senhor! Mas, quando pensamos que o Deus todo-poderoso nos incumbiu da tarefa de preparar vidas jovens para a maturidade responsável e digna, a missão assume um significado eterno. A paternidade é de fato um privilégio dado pelo Senhor – uma incomparável oportunidade para dedicar nossa vida àqueles a quem tanto amamos.

Ao iniciarmos nossa jornada juntos, convido você a assumir o compromisso comigo de, independentemente de quão difícil possa ficar, quão indiferentes seus filhos possam ser, qual rumo a estrada possa tomar no futuro –, dedicar-nos ao privilégio e à responsabilidade da paternidade consciente, amorosa, envolvida e comunicativa.

Nas páginas que se seguem, você descobrirá dez qualidades que o ajudarão a se tornar o tipo de pai que você quer ser, o tipo de pai de que seus filhos precisam, o tipo de pai que Deus o chamou para ser. Você descobrirá uma fonte totalmente nova de energia e visão de paternidade,

que coloca o seu papel e a sua responsabilidade em uma perspectiva saudável e nova. E, quando você começar a ter a experiência da *Conexão com o pai*, começará a colher os benefícios da tarefa mais gratificante do mundo.

UMA OBSERVAÇÃO ESPECIAL ÀS MÃES

Imagino que muitas mães lerão este livro – isso é ótimo! Sei que vocês encontrarão informações valiosas sobre a paternidade efetiva, mas não precisam parar aqui. Eu as encorajo a tomar a iniciativa de convidar seu marido a ler este livro e de ser um estímulo à medida que ele lê.

Quero que vocês saibam que não é o meu desejo ou propósito subestimar seu importante papel na vida de seus filhos ao dirigir este livro aos pais. Creio firmemente numa abordagem de equipe na criação dos filhos: mãe e pai trabalhando juntos para criar a família. Infelizmente, vejo muitos pais se ausentando de suas responsabilidades. Muitos homens falham em assumir parte ativa na vida de seus filhos, deixando a maior carga da condição de progenitor para a mãe.

E então escrevi este livro para ajudar os pais a compreenderem o papel dado por Deus e a se tornarem, junto com a esposa, verdadeiros craques nas tarefas de amar, instruir e orientar os filhos.

Se você é uma mãe solteira, talvez se preocupe em como seus filhos são afetados por não terem um pai por perto (seja fisicamente, seja emocionalmente, ou ambos). Se possível, compartilhe este livro com o pai de seus filhos. Tendo em mente o bem-estar de seus filhos, ajude seu “ex” a ser o melhor pai que ele puder ser. É para o bem de todos, e seus filhos lhe agradecerão por isso.

Se o pai de seus filhos não está mais por perto ou não for um pai adequado, procure homens idôneos, cristãos de sua igreja, que possam ser um modelo positivo de virilidade cristã para seus filhos. Talvez outro pai esteja disposto a incluir seus filhos em passeios familiares ou se empenhar em fazer amizade e conversar com seus filhos. Você verá na leitura deste

livro como a figura do pai tem tremenda influência na vida de um filho. Em famílias nas quais o pai é ausente, é prudente tentar preencher essa lacuna com um amigo que sirva como um modelo masculino positivo para seus filhos.

E para todas as mães: vocês, mais do que ninguém, determinarão como seus filhos verão o pai deles. Vocês têm poder enorme, seja para apoiar o pai em sua missão, seja para fazê-lo parecer incompetente aos olhos dos seus filhos. Incentive seu marido em suas tentativas com relação à paternidade. Ele precisa disso. Seja apoiadora quando se referir a ele e encare amorosamente suas ações (ou a falta delas).

Mães, vocês são importantes! Estou orando por vocês em seus esforços para ajudar os pais a se tornarem tudo aquilo para o que Deus os criou.

Para reflexão, discussão e ação

1. Você é pai em tempo integral para seus filhos quando está em casa, ou sua tendência é permanecer preocupado com questões do trabalho e outras coisas?
2. De que maneira você se vê “em falta”, quando se trata do papel da paternidade? Que tarefas que são de sua responsabilidade como pai você tem delegado à mãe, aos professores ou aos que trabalham com jovens?
3. Os resultados das pesquisas citadas neste capítulo surpreenderam você? Sim ou não e por quê?
4. O que seus filhos diriam ser a principal fonte de informação sobre a verdade e os valores morais?
5. Seus filhos apreciam o estreito relacionamento com você como pai, algo essencial para o desenvolvimento saudável deles? Sim ou não e por quê?

*6. Dedique-se de todo o coração ao privilégio e à responsabilidade da paternidade cristã. Estude este livro com a caneta na mão, sublinhando pensamentos-chave e pontos de ação. Considere formar um pequeno grupo de pais dedicados para estudar e discutir esses princípios juntos.

*7. A coisa mais importante que aprendi neste capítulo foi:

*8. Com relação a meu filho, preciso começar

* Ao final de cada capítulo, sugiro perguntas e pontos de ação para ajudar você a refletir sobre os princípios vistos no capítulo. Se você tiver tempo de reflexão adequado e se estiver estudando este livro num grupo com outras pessoas, recomendo que reserve tempo para trabalhar cada pergunta conscientemente. Entretanto, se tempo é um problema para você, priorize as perguntas marcadas por um asterisco (*).

1 Compilado de números publicados pelo Children's Defense Fund e do livro *13th Generation*, de Neil Howe e Bill Strauss, e de uma reportagem especial da revista *Fortune*: "Childrens in Crisis: The Struggle to Save American's Kids" [Filhos em crise: a luta para salvar as crianças americanas], August 10, de agosto de 1992.

2 CALDWELL, Louis O. *When Partners Become Parents* [Quando parceiros se tornam pais]. Grand Rapids, MI: Baker Book House, n.d.

3 WALLIS, Claudia. "Stress: Can We Cope?" [Estresse: podemos superar?], *Time* (6 de junho de 1983), p. 48-54.

4 FURY, Kathleen. "Sex and the American Teenager" [Sexo e a adolescência americana], *Ladies' Home Journal* (Março de 1986), p. 60.

5 NICHOLI JR, Armand. "Changes in the America Family" [Mudanças na família americana], *White House Paper* (25 de outubro de 1984), p. 7-8.

6 MCDOWELL, Josh; HOSTETLER, Bob. *Right from Wrong*. Dallas: Word Publishing, 1994, p. 255.

A conexão com o pai

Se você é igual à maioria dos homens, até mesmo aqueles que tiveram experiências medíocres ou dolorosas com os próprios pais, você tem uma ideia geral do tipo de pai que quer ser. Você tem um quadro mental – talvez de forma rudimentar, mas mesmo assim ele existe – de como é ser um pai exemplar:

- Você quer ser o tipo de pai cujo filho se sinta seguro e confiante, amado e aceito.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho se resguarda do sexo para o casamento e permanece fiel ao seu cônjuge no casamento.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho desenvolve uma reputação como homem, ou mulher, íntegro – honesto, ético e esforçado.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho possa dizer: “Meu pai mantém suas promessas”.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho resiste à pressão nociva do grupo, que desenvolve amizades saudáveis, que conquista o respeito e a admiração de seus colegas.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho pode dizer não ao vício das drogas e do álcool e aos comportamentos de risco.
- Você quer ser o tipo de pai cuja filha adulta manda um cartão apenas para dizer: “Pai, obrigada por estar pronto quando precisei de você”, o tipo de pai cujo filho lhe pede para ser o padrinho no casamento dele.

- Você quer ser o tipo de pai cujo filho pode vir sentar-se ao seu lado e dizer: “Pai, estou realmente lutando com algumas coisas agora e preciso do seu conselho”.
- Você quer ser o tipo de pai cujo filho rapidamente admite seus pecados e erros, que é perdoador e paciente com os outros, e que desfruta de um saudável senso de autoestima e autoconfiança.
- Você quer ser o tipo de pai que pode, por acaso, ouvir a filha dizer a uma amiga: “Quero casar com alguém que seja como meu pai, alguém que eu possa admirar e respeitar”.

Esse é o tipo de pai que todos nós queremos ser. É o tipo de pai que eu quis ser quando jovem. Mas não sabia como. Eu sabia que meu pai não era *nada* daquelas coisas, e temia me tornar mais parecido com ele do que com o pai que eu queria ser. Eu sabia que uma das coisas de que precisava era de um exemplo, um pai que me servisse de padrão, um pai com quem eu pudesse aprender e a quem pudesse imitar. Por isso, comecei a procurar homens que se parecessem com o tipo de pai que eu queria ser. E os encontrei.

PROCURANDO UM MODELO

Um dos meus modelos mais antigos e positivos de paternidade foi Dick Day, mencionado por mim anteriormente. Conheci Dick quando estávamos no seminário na década de 1960. Dick era um pouco mais velho do que eu, já estava casado e tinha quatro filhos. Assim como eu, ele era filho de um pai alcoólatra e fruto de um lar desestruturado. Convertido a Cristo no início dos seus 20 anos, ele havia ingressado no seminário em resposta ao chamado de Deus para o ministério.

Dick e eu nos conhecemos já na inscrição para as aulas no seminário e nos demos bem imediatamente. Tornamo-nos amigos firmes. Logo me tornei um verdadeiro membro da família Day, não raro fazendo breves visitas nas horas mais impróprias, como 6h30 da manhã ou depois das 11

horas da noite para conversar sobre alguma coisa que a meu ver não podia esperar. Dick era sempre paciente, afável e amoroso – características que eu pouco conhecera durante minha fase de crescimento.

Fiquei imediatamente impressionado pela maneira como Dick e Charlotte tratavam os filhos e um ao outro. Eles tinham um relacionamento rico e gratificante com cada filho. Eu observava com admiração a óbvia alegria que eles compartilhavam mutuamente, quase sempre sorrindo, gargalhando e se abraçando. (Na verdade, pode-se dizer que aprendi a abraçar com os Days.) Vi em Dick o tipo de pai que eu queria ser um dia. Vi um modelo concreto daquilo em que eu queria me transformar.

Mais tarde, quando Dick e eu nos unimos à equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, seguimos direções separadas durante certo tempo. Comecei a dar palestras em *campi* universitários pelos Estados Unidos e no Canadá, ocasião em que acabei conhecendo Dottie. Quando começamos a namorar, fiquei intrigado com sua constante referência à família e quanto sua mãe, seu pai e seus irmãos significavam para ela. Durante as férias de Natal alguns meses depois, conheci a família de Dottie.

É difícil dizer o que mais me atraiu naqueles primeiros dias do nosso relacionamento – conhecer Dottie ou conhecer seu pai. Comecei a compreender por que Dottie o admirava tanto. Ele era um tipo convencional, nada espalhafatoso (um pouco austero, na verdade), mas era óbvia a razão pela qual ela o amava e o respeitava tanto. Desde o começo, aprendi com ele o que significa ser um marido e um pai amoroso. Vi um homem que tinha o amor e o respeito de seus filhos, um homem cujos filhos confiavam nele e eram tão bem criados que ele podia genuinamente desfrutar da sua companhia e se deleitar com sua amizade.

Durante anos, esses dois homens preencheram minha necessidade de um modelo de pai que eu queria ser. Eles mostraram as qualidades

paternas que eu havia desejado toda a minha vida e que eu queria muito imitar algum dia em minha família. Beneficiei-me imensamente com o exemplo deles, mas somente anos depois aprendi com um modelo muito melhor uma maneira muito melhor de me tornar o pai que eu queria ser.

O PAI EXEMPLAR

Norm Wakefield, o amigo que mencionei no primeiro capítulo, é uma das pessoas que me ajudou a conseguir um avanço significativo e poderoso em relação ao meu papel como um pai que luta. Embora a infância e as experiências de Norm tenham sido diferentes das minhas, ele compartilhou de minhas lutas em tentar formar um modelo saudável de paternidade. Norm explica isso da seguinte forma:

Só quando cheguei à metade da fase adulta é que consegui estabelecer um relacionamento cordial e amigável com meu pai. A carreira do meu pai fora cheia de pressões e desânimos. Ele tinha dificuldade de se divertir com os filhos, e achávamos difícil nos aproximar dele.

Lembro-me de ter entregue minha vida a Jesus Cristo aos 12 anos de idade – o primeiro membro da minha família a se tornar cristão. Mas, quando comecei a formar uma imagem mental do amor do meu Pai celestial por mim, eu não podia deixar de sobrepor o meu relacionamento com meu pai terreno. Pelo fato de meu pai nunca parecer satisfeito comigo, eu achava que Deus devia sentir o mesmo. Era como se Deus dissesse: “Norm, por que você não se endireita? Por que tenho de aturar você? É melhor você se organizar, meu jovem, ou eu...”.

Você pode imaginar o impacto que essas ideias tinham sobre minha autoimagem como adolescente, sem falar em minha impressão equivocada quanto ao amor de Deus! É muito comum as crianças pensarem que Deus as avalia da mesma forma que seus pais as consideram. Se o pai é amoroso, cordial e protetor, elas tendem a criar uma imagem mental de Deus amoroso, cordial e protetor. Mas, se o pai é visto como frio, distante e ocupado com “coisas mais importantes”, elas provavelmente sentem que Deus é inacessível e não tem interesse nelas como indivíduos.

Cultivei essa imagem errada de Deus até meus 14 anos, quando ele provocou certas circunstâncias em meu caminho que literalmente transformaram o meu relacionamento com ele. Descobri como ele é um Deus amoroso, cuidadoso e essencialmente interessado! E, curiosamente, foi por meio dessas mesmas circunstâncias que os muros finalmente caíram, e meu pai e eu pudemos nos aproximar muito mais do que jamais havíamos feito.

Como parte da minha nova descoberta da natureza de Deus, li os salmos com a caneta na mão, anotando cada menção do Senhor. Ao estudar aqueles versículos, percebi que quase todas as referências tinham uma descrição direta ou indireta do nosso Pai celestial. Logo enchi várias páginas do meu caderno de anotações com aqueles atributos, e deles emergiu um perfil do que a maioria de nós consideraria um pai “ideal”. Minha conclusão? As qualidades básicas da paternidade vistas em nosso Senhor são as qualidades que ele deseja formar nos pais cristãos de hoje.

Descobri uma teologia da paternidade – tendo o próprio Deus como modelo a seguir!

Sim, Deus é o pai exemplar! Em minha busca por modelos de paternidade, tive a felicidade de encontrar dois dos melhores exemplares. Mas Norm me ajudou a ver que eu me esquecera do maior de todos os modelos – o original, o padrão de paternidade eficaz –, o próprio Deus. A imagem mental que eu tinha do tipo de pai que eu queria ser era, de fato, a imagem do meu Pai celestial, que é a fonte de tudo o que é bom (Tg 1.17).

Ele é o *Pai, de quem todas as coisas procedem* (1Co 8.6). Ele soprou o fôlego da vida no primeiro homem, Adão, e este se tornou o primeiro *filho de Deus* (Lc 3.38, NTLH). A partir daquele momento, cada um de nós foi feito à semelhança do *nosso Pai e criador, que nos criou e nos formou* (Dt 32.6). Literalmente a partir do primeiro dia, Deus não apenas desejou estabelecer um relacionamento Pai-filho conosco, mas também criou o modelo de como deve ser uma paternidade saudável.

Ele é um Pai terno que nos convida a tratá-lo de *Aba*, o equivalente em aramaico a *Pai* (Rm 8.15; Gl 4.6). É um pai que escuta e nos propõe aproximar-nos dele como *Pai nosso que estás no céu* (Mt 6.9). É um Pai amoroso que demonstrou espontânea e convincentemente seu amor de Pai no batismo do seu Filho, Jesus, com uma voz como de um trovão, que disse: *Este é o meu Filho amado, de quem me agrado* (Mt 3.17). É um *Pai doador que dá boas dádivas a seus filhos* (Mt 7.11). É o *Pai de todos* (Ef 4.6), a própria definição de paternidade, a origem de tudo o que é bom, moral e digno de imitação.

Então, se algum homem quer se tornar um pai bom e eficiente, o padrão – o modelo – é Deus, o Pai. As características que eu desejara encontrar em meu pai eram as características de Deus. Os traços que tanto admirei em Dick Day e no pai de Dottie me atraíam tanto porque refletiam os atributos do meu Pai celestial. As qualidades que aspirei a demonstrar aos meus filhos eram as qualidades que se assemelhavam à natureza do Pai celestial.

Essa compreensão, essa percepção, me transformou e me envolveu. Eu não precisava mais ficar incapacitado pelo exemplo do meu pai terreno. Eu não precisava mais procurar modelos a imitar (embora ainda pudesse me beneficiar de exemplos terrenos e aprender com seus sucessos). Eu não precisava mais lutar para formar uma imagem de como um pai deveria ser, do pai que eu deveria ser. Todas as minhas necessidades como pai podiam ser satisfeitas em Deus, o modelo de Pai!

OS RECURSOS (PROVENIENTES) DO PAI

Ainda que essa percepção tivesse sido tão transformadora, eu ainda tinha muito a aprender. E desde então tenho trilhado uma emocionante jornada de descoberta, determinado a compreender o máximo que puder a respeito das qualidades de Deus, sabendo que esse conhecimento não apenas aprofundará minha consciência sobre ele, mas também me ensinará sobre o pai que preciso ser para os meus filhos. Ao fortalecer minha conexão com Deus, fortaleço minha conexão com meus filhos e aumento a efetividade do meu relacionamento e da minha interação com eles.

A chave para essa conexão bilateral com o Pai é a percepção de que Deus não é apenas o *modelo* incomparável de paternidade efetiva; ele é o *recurso* indispensável para você se tornar o pai que deseja ser. A conexão com o pai não é mera imitação, não é simples emulação; é associação. Não se trata de saber como; trata-se de conhecer quem – o Senhor! A conexão com o pai não é um novo conjunto de regras para a paternidade. Há muitos livros que simplesmente acrescentam novos itens à lista diária de “afazeres”, dizendo o que você *deve* ou *precisa* fazer para ser um bom pai. Não, a conexão com o pai é um relacionamento que – quando aplicado ao seu papel como pai – pode transformar você, seus filhos, sua família e seu futuro.

Descobri que, quanto mais forte era meu relacionamento com meus filhos, mais eles pareciam poder enfrentar a pressão dos colegas, tomar

decisões sábias, honrar os desejos dos pais e obedecer às suas regras. Um forte e atualizado relacionamento com o pai parece não apenas torná-los mais *dispostos* a ter uma vida saudável, feliz, cristã; parece torná-los mais aptos para isso. A confiança, segurança e satisfação que fluem do relacionamento com o pai os fortalecem contra as armadilhas e as tentações que eles enfrentam quando estão na escola ou com os amigos.

Coisa semelhante acontece num nível mais profundo em meu relacionamento com Deus, o Pai. Quando o meu relacionamento com ele é forte e atualizado, não fico apenas *disposto* a ser o tipo de pai que quero ser; sou literalmente *capacitado* a fazê-lo por meio do Espírito que habita em mim. Nesse caminho decisivo, Deus não é apenas um modelo para mim como pai, mas também o meu recurso.

Parafraseando Salmo 28.7: *O SENHOR é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia e nele sou socorrido.*

FAZENDO A CONEXÃO

Um amigo meu relata sua experiência quando adolescente como *disk jockey* na estação de rádio do seu colégio. A rádio operava durante o verão, e era tarefa de Bob chegar por volta das 7h30 da manhã e ligar o transmissor (um volumoso aparelho de segunda mão de uma estação de rádio comercial que transmitia o sinal de rádio para a torre nas proximidades, distribuindo-o para um raio de cerca de 13 a 16 quilômetros). Após alguns minutos, o transmissor estava plenamente operacional, e Bob começava às 8 horas da manhã uma apresentação de quatro horas.

Naquela manhã em especial, Bob se sentiu excepcionalmente impetuoso. Sua escolha de músicas parecia inspirada. Seus efeitos do tipo “segue” – o processo de sobrepor o fim de uma música ao início da seguinte – se misturavam engenhosamente. Suas brincadeiras entre as músicas exalavam humor e inteligência. Ele estava começando a sentir-se confiante, quase convencido... até pegar uma prancheta para fazer a medição horária das leituras do medidor no transmissor.

O transmissor estava inativo.

Bob bateu nos medidores e sacudi os vários fios que entravam e saíam do transmissor. Então deu uma olhada para a parede. O grande pino da tomada estava solto da tomada. De alguma forma, aquilo tinha ficado desligado a manhã toda! A entusiasmada e inteligente apresentação de Bob havia chegado à audiência de uma só pessoa – ele mesmo! – porque o transmissor não estava conectado à tomada de força.

Os capítulos que se seguem destacam dez qualidades de Deus, o Pai – a fonte de poder de todo cristão – que caracterizam a interação com seus filhos e proveem um modelo para o seu papel e tarefas como pai. Cada capítulo não apenas revelará um atributo específico do Pai, mas ajudará você a aplicar e a cultivar essa qualidade com a ajuda do Espírito Santo em sua vida e família.

Junte-se a mim em um compromisso de sermos exemplos do nosso Pai celestial para nossos filhos. Creio que esse é um compromisso que compensará cada porção de tempo e energia requerida, porque você não apenas estará dando a seus filhos um lindo retrato da paternidade de Deus, mas também lhes dará um pai digno de amor e respeito, no qual os filhos confiam, um homem que pode genuinamente desfrutar da companhia de seus filhos, orgulhando-se de sua criação e se regozijando na amizade construída na família.

Para reflexão, discussão e ação

1. Reserve alguns momentos para refletir sobre o tipo de pai que você quer ser. Depois, preencha a declaração a seguir tantas vezes quantas forem necessárias até que você tenha uma declaração completa de suas expectativas e objetivos como pai. (Use uma folha de papel separada, se necessário.)

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

Eu quero ser o tipo de pai que

2. Quais têm sido seus modelos mais positivos de paternidade? Liste-os a seguir pelo nome e pelo exemplo que você vê em cada modelo.

*3. Como você pode melhorar o relacionamento com o seu Pai celestial?
Selecione qualquer uma das ações a seguir que se aplique à sua vida:

- Iniciar o hábito regular de oração e leitura da Bíblia
- Retomar o hábito regular de oração e leitura da Bíblia
- Continuar o hábito regular de oração e leitura da Bíblia
- Reunir-se regularmente em adoração e louvor com outros que amam o Pai
- Reunir-se em oração, estudo bíblico e/ou com grupo de prestação de contas

4. Se você ainda não o fez, escolha outros dois ou três pais que se comprometam a formar, com você, um grupo de prestação de contas. Estude este livro e trabalhe as perguntas em conjunto, comprometendo-se a orar e encorajar uns aos outros rumo à excelência da paternidade cristã.

O amor e a aceitação incondicional do pai

Vários anos atrás, aceitei falar na assembleia de um colégio em Fênix, Arizona. Dadas as questões de agenda e espaço, eu tinha de falar a todo o corpo discente de uma só vez – uma multidão enorme para caber no auditório da escola. Assim, a reunião foi realizada ao ar livre, e me posicionei em cima de uma grande pedra para me dirigir a cerca de mil alunos que se sentaram na grama no pátio da escola.

Assim que comecei a falar, um grupo de *punks*, ostentando cabelo fluorescente e usando metros de correntes, subiu até cerca de 6 metros de distância de onde eu estava. Alguns professores e outros alunos lançaram olhares atentos sobre o grupo colorido, talvez esperando que eles causassem algum tipo de perturbação. Mas continuei minha palestra e terminei falando sem interrupções.

Assim que desci da pedra, entretanto, aquele que parecia ser o líder dos *punks* correu na minha direção e se colocou a menos de 30 centímetros de onde eu estava. Um sobressalto atingiu a multidão, e mil pares de olhos se voltaram para mim e para o jovem.

A maioria da multidão, entretanto, não pôde ver as lágrimas que escorriam pela face do *punk*, nem pôde ouvi-lo me pedir para abraçá-lo. Logo uma onda de murmúrio perpassou a multidão assim que estendi meus braços em torno do jovem. Ele enterrou a cabeça no meu ombro e chorou.

O abraço durou cerca de um minuto – um longo abraço para um *punk*! Finalmente, ele me soltou e, entre lágrimas, explicou:

– Meu pai nunca me abraçou nem me disse “Eu amo você”.

Aquele jovem estava clamando pelo amor de um pai. Ele queria sentir o amor e a aceitação que somente seu pai podia dar. Sua excêntrica aparência e seu comportamento extravagante eram um clamor por atenção – algo que ele definitivamente não estava obtendo de seu pai.

A NECESSIDADE MAIS BÁSICA DE UM FILHO

Tenho ouvido ou testemunhado histórias semelhantes centenas, milhares de vezes. Tenho visto a dor e a devastação em rapazes e moças cujos pais são incapazes de transmitir amor e aceitação aos seus filhos ou se recusam terminantemente a fazê-lo.

Certa vez falei a um grande número de adolescentes em *Fishmet*, um grande festival de música ao ar livre acompanhado de conferências de ensino que eram realizados numa fazenda na Virgínia. Numa manhã, quando eu falava sobre a importância e o valor de preservar o sexo para o casamento, disse aos cerca de 12 mil jovens na multidão que eles eram especiais e nunca deveriam se esquecer de que tinham valor imensurável e, ainda, que alguém que verdadeiramente os amasse reconheceria seu valor e os honraria ao esperar pelo casamento para fazer sexo.

Mais tarde naquela manhã, observei que uma jovem loira de cerca de 20 anos estava me seguindo. Parei e perguntei:

– Você quer falar comigo?

Ela respondeu um tanto timidamente:

– O senhor realmente acha que sou especial?

– Sim! – respondi afirmativamente. – Deus a fez especial, e nunca se esqueça disso.

Cautelosamente coloquei meus braços em torno de seus ombros e lhe dei um terno abraço paternal. Repentinamente, ela rompeu em lágrimas.

– O senhor não imagina por quanto tempo esperei por isso – ela confessou. – Minha mãe e meu pai se divorciaram há cinco anos, e meu pai nunca me abraçou nem me disse que sou especial.

Cinco dias depois, ao sair para o aeroporto, o bilhete de um jovem me foi entregue por um segurança do hotel. O bilhete bem dobrado tinha apenas cinco palavras escritas em vermelho:

Obrigada por me amar...

Koreen.

Aquela jovem estava clamando por amor e aceitação, o tipo de afeto que somente um pai pode dar e que ela nunca havia recebido.

Não posso calcular quantas vezes o meu coração se partiu pela constatação de que a experiência de Koreen é muito comum. Inúmeros jovens já me disseram: “Meu pai nunca demonstra afeto” ou “Meu pai só presta atenção em mim quando faço algo errado”.

Já ouvi pais chamando os filhos de “estúpidos”, “idiotas” ou coisa pior.

Tenho visto pais berrando zombarias contra seus filhos no jogo de basquete ou futebol.

Tenho jantado com pais que nunca falaram com seus filhos nem os incluíram na conversa durante toda a refeição.

Conheci pais que passaram bem pouco tempo com suas filhas, exceto para criticar o que elas estavam usando ou quem elas estavam namorando.

Tenho observado pais que falam com toda a franqueza sobre as falhas e as deficiências dos filhos, mesmo quando eles estes estão perto o suficiente para ouvir. E, tragicamente, tenho visto a devastação emocional que esses pais criam nos próprios filhos por suas ações ou por sua inércia.

Os filhos, independentemente da faixa etária, têm profunda necessidade de se sentirem importantes, aceitos e amados. Deus quer que essa necessidade normal e saudável seja atendida primeiro em casa, pelo pai e pela mãe. Se ambos não satisfizerem essa fome de amor e aceitação, o jovem procurará alguém ou algo mais que preencha esse vazio emocional, o que leva a comportamentos que podem destruir ou mutilar seriamente o filho. Um pai que não comunica amor e aceitação ao seu filho não é uma influência *indiferente* na vida do filho; é uma influência *negativa*.

Esse não é o tipo de pai que eu queria ser. Eu queria ser o tipo de pai cujo filho se sinta aceito e amado, e se torne um homem, ou uma mulher, seguro, autoconfiante, capaz de amar e se dar aos outros.

Esse é o tipo de pai que o meu Pai é.

EM PRIMEIRO LUGAR, ACIMA DE TUDO E PARA SEMPRE, O AMOR

Falo a muitos jovens e adultos que não se dão conta de que Deus os amou antes mesmo de eles se converterem. Quando estávamos em trevas, quando ainda éramos inimigos de Deus, ele nos amou e morreu por nós (v. Ef 5.8; Rm 5.8). *Ele nos amou primeiro* (1Jo 4.19). Ele não esperou que nos tornássemos limpos. Não esperou que atendêssemos às suas expectativas. Não esperou que o fizéssemos se orgulhar de nós. Simplesmente nos amou.

E não somente isso; Deus *mostrou* seu amor por nós. Ele não é o tipo de pai que tem dificuldade em abraçar um filho ou em dizer: “Eu amo você”. Ele não é o tipo de pai que “tem coisas mais importantes a fazer”. Ele nos ama acima de tudo (v. Rm 8.28-39). Ele expressou seu amor por nós com a Palavra (Jo 1.14). Mostrou seu amor para nós numa cruz. E escreveu seu amor por nós com sangue.

O Pai não apenas nos ama em primeiro lugar e acima de tudo; ele também nos dedica *amor eterno* (Jr 31.3). O amor do Pai por nós é completo, constante e incondicional. Não o merecemos. Não podemos fugir dele. Não podemos apagá-lo. Deus pode ficar desapontado quando lhe desobedecemos, ou entristecido quando nos afastamos dele, ou aflito quando pecamos, mas ele nunca, nunca deixa de nos amar. O amor incondicional do nosso Pai por nós é tal que...

... nem morte, nem vida, nem anjos, nem autoridades celestiais, nem coisas do presente nem do futuro, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.38,39).

Esse é o tipo de pai que eu quero ser, mesmo para os meus filhos adultos. Quero que os meus filhos saibam que eu os aceito e os amo.

Quero que eles saibam que eu os amei antes que eles pudessem retribuir o meu amor. Quero que eles saibam que eu os amei quando a primeira interação deles comigo envolvia mamadeiras, arrotos e fraldas sujas. Quero que eles saibam que o meu amor por eles é incondicional, não baseado em qualquer coisa que façam, mas naquilo que eles são.

Quero também que os meus filhos saibam que o meu amor por eles está acima de tudo. Meu trabalho, meus passatempos, meus amigos, meu *status* na igreja ou na comunidade – nada disso é mais importante para mim do que eles. O meu amor por eles está acima de todas as coisas.

Finalmente, quero comunicar aos meus filhos que os amo para sempre. Quero que eles saibam que os aceito e os amo independentemente do que aconteça. Eles não precisam merecer o meu amor; não podem fugir do meu amor; não podem apagar o meu amor.

Esse é o tipo de pai que eu quero ser. Mas, claro, esse tipo de paternidade não surge naturalmente para muitos homens, talvez menos ainda em mim. É algo que precisei aprender.

CRIANDO UM CLIMA DE AMOR E ACEITAÇÃO

Nada é mais importante para um pai do que aprender e dar amor e aceitação incondicional. Se seus filhos não sentem isso da sua parte, nunca se sentirão seguros. Uma criança insegura raramente (ou nunca) está disposta a ser vulnerável. A criança insegura não é transparente. Ela não fala abertamente sobre o que está acontecendo na escola. Não compartilha francamente sobre como o namorado a trata. Quanto mais você transmitir aceitação incondicional a seus filhos, mais propensos eles estarão a falar com você, a se abrirem, a compartilharem ideias, preocupações e lutas com você.

Como eu disse, a aceitação incondicional não é algo fácil. De fato, para ser honesto, não é sequer possível. Somente Deus pode aceitar totalmente quem quer que seja. Como pecadores, somos limitados em nossa capacidade de aceitar nossos filhos, mas nossa fraqueza pode ser superada

pelo poder do Espírito Santo, que nos dá habilidades que não imaginávamos possuir.

Então, o que fazer? Como nós, pais, transmitimos amor incondicional e aceitação aos nossos filhos, o tipo de amor que o nosso Pai demonstra para conosco?

Isso começa, é claro, com oração sincera e confiança constante em Deus. Se estivermos conectados a Deus por meio do seu Espírito Santo, podemos então nos conectar às necessidades dos nossos filhos, desenvolvendo consciente e diligentemente os fundamentos do amor e da aceitação incondicional, como veremos a seguir.

Demonstrar afeição

Uma das formas mais básicas de atender às necessidades dos filhos por amor incondicional é demonstrar afeição. Há imenso poder num simples abraço ou beijo, em algumas palavras afetuosas ou num olhar amoroso.

Em seu livro *The Total Man* [O homem total], Dan Benson pondera sobre o valor desses momentos em sua infância:

Nunca me esquecerei dos abraços de família que sempre aconteciam em nossa cozinha durante minha infância. Pela soleira da porta, eu via papai envolvendo mamãe em seus braços (não era uma visão incomum em casa). Aquilo me fazia sentir bem por dentro, *tão bem que eu não conseguia deixar de me juntar a eles*. Então eu atravessava a cozinha e envolvia meus braços em torno das pernas deles. Mamãe e papai sempre ficavam felizes por me incluir. Se outros irmãos estivessem por perto, juntavam-se, e a família ficava cada vez maior. Mamãe e papai faziam de nossa casa um lar de amor, mais pelo exemplo do que pelo discurso. Nós nos sentimos seguros como filhos porque papai assumiu a liderança em conferir ao nosso lar uma atmosfera de amor e alegria.¹

Demonstrações de afeto não são o mesmo que amor incondicional e aceitação, claro. Alguns pais que abraçam e beijam seus filhos não demonstram amor incondicional e aceitação. Entretanto, abraços e beijos podem ajudar um pai a dizer a seu filho: “Eu aceito e amo você exatamente como você é”.

Deleitar-se na singularidade de cada filho

Deus criou cada um de nós como indivíduos singulares. Pense nisto: dos mais de 6 bilhões de pessoas que vivem agora no planeta Terra, não existe ninguém exatamente igual a você. E não existe ninguém exatamente igual a seu filho ou filha.

O pai de Dottie, a quem me referi no capítulo 2, adotava uma maneira simples de reconhecer cada filho como indivíduo. Ele dizia a Dottie: “Você é a minha garotona favorita”. Depois ele dizia à filha mais nova: “Você é a minha garotinha favorita”. Ao irmão, dizia: “Você é o meu garotão favorito”. Pode parecer simples, até mesmo bobo, mas funciona e é uma forma de fazer que os filhos se sintam especiais.

É uma tragédia ouvir um pai dizer a um filho: “Por que você não pode ser igual a seu irmão?” ou “Sua irmã nunca teve esse tipo de dificuldade em matemática!” É muito melhor deleitar-se na singularidade de cada filho reconhecendo-o como indivíduo com características, talentos e dons distintos. Se você prestar atenção nos próprios filhos, descobrirá muitas formas pelas quais eles são singulares: um riso contagiante, a habilidade de fazer amigos, o espírito compassivo, uma linda voz, um sorriso radiante, o amor pelos animais. Não se esqueça de comunicar as glórias e as maravilhas dessas singularidades a seu filho de forma positiva.

Reafirmar o valor pessoal do seu filho

O seu filho precisa de um senso de valor pessoal. Uma pessoa precisa desenvolver a crença e a sensação de que é alguém de valor.

Os pais podem comunicar o valor pessoal de um filho de muitas maneiras. Uma das mais importantes é gastando tempo com o filho. Tempo transmite importância. De fato, digo com frequência que as crianças soletram a palavra amor de maneira diferente de seus pais; elas soletram “T-E-M-P-O”. Esse foi um desafio particular para mim porque metade do tempo eu estava longe de casa. Eu trabalhava duro para compensar essa ausência, entretanto; levava meus filhos comigo sempre

que possível, telefonava para casa todos os dias e saía com eles para tomar o café da manhã quando retornava de viagem.

Certo sábado fui convidado para falar ao time *San Diego Chargers* em sua capela antes do jogo. Levei meu filho Sean, e, após minha fala, procuramos nossos assentos no estádio. O time havia nos dado assentos privilegiados, bem perto dos jogadores! Cinquenta mil espectadores enchiam o estádio, e o estrondo era ensurdecedor.

Coloquei minha mão sobre os ombros do meu filho e disse:

– Olhe para todas essas pessoas, companheiro.

Sean deu um giro de 360 graus em seu assento para ver todos, especialmente os que estavam mais acima. Para aqueles olhos de 10 anos, parecia que o mundo inteiro estava ali.

– Uau, pai – Sean exclamou –, é muita gente!

– Sim, é. Mas sabe de uma coisa? Você significa mais para mim do que todas essas pessoas juntas. E o que você pensa a respeito de mim como seu pai significa mais do que a opinião de todas essas 50 mil pessoas!

Os olhos de Sean se arregalaram. Novamente, ele avaliou o estádio inteiro. Depois, com aquela animação infantil, exclamou:

– É mesmo, pai? Mais que todos eles?

Ele pulou para o meu colo, sentindo-se muito seguro e importante.

Naquele momento, Sean soube que podia contar comigo.

Promover um sentimento de pertencimento

Se nossos filhos não sentem que pertencem a um lar, procurarão em outra parte um lugar ao qual pertencer. Alguns, como o garoto *punk* que conheci em Fênix, se identificam com um grupo de colegas estranhos. Outros se unem a gangues de rua pelo sentimento de pertencimento que elas oferecem. Outros ainda tentam preencher suas necessidades de aceitação com encontros sexuais.

Sue, estudante dos primeiros anos do ensino médio, explicou sua atividade sexual da seguinte forma:

– Eu me sentia muito só. Mamãe e papai estavam sempre ocupados demais para me dedicar tempo. Quando Ted fez amizade comigo, fiquei empolgada. Ele me ouviu, me apoiou e me consolou; parecia que realmente se importava comigo.

Meu amigo Dick Day e sua esposa, Charlotte, que mencionei no capítulo anterior, adotaram um órfão coreano a quem deram o nome de Timothy. Depois que Timmy chegou à América e se tornou parte da família Day, passou muitos meses se ajustando à sua nova família e à cultura americana. Certo dia, quando Timmy ainda lutava com os ajustes, Dick lhe perguntou:

– Timmy, algum dia você gostaria de voltar para a Coreia?

– Ah, não – Timmy respondeu.

– Por que não? – Dick perguntou.

– Porque aqui – Timmy disse – sou alguém especial.

Você também pode dar a seus filhos esse sentido de pertencimento, o sentimento de que eles são parte importante de sua família. Ter esse refúgio emocional lhes dará força para se oporem a sentimentos de insegurança, à pressão negativa dos colegas e à tentação do sexo. O seu amor e a sua aceitação dizem: “Você pertence – você tem valor” e lhes dão uma base na qual eles podem se sentir valorizados e estimados.

Reconhecer o valor mais do que o desempenho

Quando meu filho Sean estava com 12 anos, jogava numa pequena liga de time de beisebol. Uma semana antes de iniciar a temporada, tive a ideia de como mostrar a aceitação a ele e a seus colegas de time. Comprei doze cupons de sorvete *sundae* num restaurante local e os levei ao treinador.

– Treinador – eu disse –, estes cupons são para os meninos.

– Obrigado – disse o treinador com um grande sorriso. – Isso é ótimo. Eu gostaria que mais pais tivessem interesse como este. Vou levá-los para tomar *sundaes* após a primeira vitória do time.

– Não, treinador – eu disse rapidamente. – Quero que você os leve para tomar *sundaes* depois da primeira derrota.

Ele olhou para mim de maneira estranha. Pude perceber que o que eu dissera não batia com seus conceitos de vencer, perder e de distribuir recompensas por um bom jogo. Então expliquei como pensava.

– Treinador, não sei quanto a você – eu disse –, mas, na criação dos meus filhos, não quero reconhecer o sucesso mais do que reconheço o esforço deles. E não quero reconhecer o esforço deles mais do que o fato de eles serem criados à imagem de Deus. Creio que o meu filho é criado à imagem de Deus e tem um valor infinito, dignidade e importância que nada têm a ver com o resultado deles no jogo. Se ele nunca jogasse uma partida de beisebol na vida, eu o amaria e o aceitaria da mesma forma.

O treinador de Sean me estudou por um longo momento. Finalmente, tudo o que ele pôde dizer foi:

– Bem, isso é original.

O treinador foi fiel à sua palavra. Após a primeira derrota do time, entregou um cupom a cada jogador, e todos saíram para tomar *sundaes* juntos.

Sean deve ter me agradecido pelo menos umas cinco vezes pelos *sundaes*. Além disso, durante as duas semanas seguintes, três meninos do time me agradeceram pelo tratamento especial. Lembro-me especialmente de um garoto chamado Jessie, que disse:

– Muito obrigado pelo sorvete, sr. McDowell. Uau! Para o senhor, não importa se ganhamos ou perdemos; seja como for, o senhor nos ama.

Esse, claro, era o ponto. Eu queria comunicar a Sean e seus colegas de time que eu os amava, os aceitava e os valorizava independentemente se tivessem um bom desempenho, baseado no fato de que cada um deles havia sido criado à imagem de Deus e, conseqüentemente, possuía infinito valor e dignidade.

Cultivar um senso de competência

Os filhos necessitam de um senso de competência cada vez maior para se sentirem amados e aceitos em sua família e na sociedade. Todos os filhos têm um desejo natural de fazer o bem. Como pais, podemos encorajar nossos filhos em suas tentativas e cumprimentá-los por suas realizações. Infelizmente, existem várias razões pelas quais uma criança pode não alcançar seu senso de competência com facilidade.

Os adultos tendem a medir a capacidade de uma criança pelos padrões dos adultos. Não podemos esperar que uma criança funcione no mesmo nível de competência que nós, adultos. Eu não poderia esperar que minhas filhas lavassem o carro tão bem quanto eu. Quando meu filho era mais novo, eu não poderia esperar que ele arrumasse sua cama tão bem quanto eu. Era preciso levar em conta o limitado conhecimento e compreensão que eles tinham das tarefas.

Também não podemos esperar que nossos filhos sejam competentes sem um treinamento adequado. Quantas habilidades estão envolvidas em arrumar a cama, lavar um carro e cortar a grama? Entretanto, muitos pais designam tarefas sem dar a orientação adequada: “Você tem idade suficiente para limpar próprio quarto. Faça isso! E faça certo!”

Ao orientar seus filhos sobre uma tarefa, você também precisa dar-lhes a liberdade de fracassarem. Se isso acontecer, você precisa encorajá-los a completar a tarefa, talvez com sua ajuda. Elogie o que foi feito e motive seu filho a concluir a tarefa não terminada. “Por fora, o carro parece ótimo! Você fez um excelente trabalho. Mas por dentro precisa um pouco mais de capricho. Que tal eu ajudá-lo a aspirar por dentro?”

Há influências externas à sua família que também afetam o senso de competência do seu filho. Vivemos em uma sociedade competitiva. Constantemente nos comparamos aos outros e às suas habilidades no trabalho, na escola e nos esportes. Infelizmente, sempre há alguém que faz as coisas um pouco melhor do que nós. Muitos estamos bem abaixo na escala de competência em certas áreas de nossa vida; por isso, quando

somos consistentemente comparados a pessoas de maior capacidade, nossa autoconfiança facilmente se desgasta.

Nutrir um senso de competência em nossos filhos é um esforço de longo prazo que requer muito cuidado e planejamento. Requer também que nós mesmos nos tornemos modelos positivos, lentos em achar falhas e rápidos em confirmar novos níveis de crescimento. Precisamos ajudá-los a abraçar uma avaliação verdadeira de seus esforços e aceitar suas limitações sem autocondenação.

O pai tem uma oportunidade singular de criar um ambiente positivo no lar; um ambiente que extraia, nutra e reafirme as forças de seus filhos, instilando um sentimento vivo de quem eles são e por que possuem valor infinito, importância e dignidade. Dessa forma, os filhos estarão menos inclinados a se tornarem sexualmente ativos antes do casamento. Terão menor probabilidade de se voltarem a relacionamentos doentios na busca por amor e aceitação. Serão menos propensos a se rebelar. Terão menos chance de sucumbir à pressão do grupo. Pela mesma razão, estarão mais inclinados a adotar fortes padrões sexuais. Terão maior probabilidade de desenvolver relacionamentos saudáveis. E estarão mais aptos a obter êxito na escola e, depois, nos negócios.

Tudo isso faz parte dos sonhos de qualquer pai. Mas não acontece por acidente. Nem acontece como resultado do esforço humano. Só pode acontecer quando estamos conectados – pela piedosa confiança no Espírito Santo – com o Pai que nos ama e nos aceita, que recompensa nosso esforço diligente e cuidadoso para sermos o tipo de pais que desejamos ser, o tipo de pai que o nosso Pai é para nós.

Para reflexão, discussão e ação

1. Ao relatar a história da menina de 12 anos chamada Koreen, mencionei várias coisas negativas ou destrutivas que os pais dizem ou fazem. Reveja a lista no início deste capítulo. Você se identifica

com algum desses comportamentos ou tendências? Em caso positivo, reserve um pouco tempo para pensar em como esses comportamentos podem afetar a percepção de seus filhos sobre o seu amor e a sua aceitação.

2. Por que os seus filhos são especiais à vista de Deus? Pense em cada um deles individualmente e liste pelo menos cinco razões especiais pelas quais eles são especiais para Deus e para você. Depois planeje formas de comunicar essas coisas a cada filho.

- *3. Pense em cada um de seus filhos individualmente. Esse filho sabe que você o ama? Como você sabe que ele sabe?

- *4. Pense em duas coisas que você pode fazer para cada um de seus filhos nesta semana a fim de transmitir como você o aceita e o ama, baseado não no que ele *faz*, mas em quem ele *é*. Quando e como você colocará essas coisas em prática?

¹ Benson, Dan. *The Total Man*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1977, p. 26.

A pureza do pai

Algum tempo atrás, recebi a carta de um pai cristão que me havia ouvido falar. Dizia ele e sua esposa que sempre haviam feito o melhor que podiam para serem bons pais. Eram membros de uma boa igreja e tinham orgulho de seus filhos. Mas ele contou que havia acabado de descobrir algo sobre a filha mais velha, algo que fez o mundo deles desabar.

Aquele pai descreveu a filha adolescente como uma menina bonita, mas disse que ela nunca havia sido muito admirada pelos garotos. Até recentemente. Ela começara a namorar um dos jogadores de futebol e, logo no início do relacionamento (o pai acabara de ficar sabendo), tivera relações sexuais com o garoto. Daí em diante, a menina passou de um jogador para outro. Não demorou – o pai me contou –, e a filha havia dormido com todo o time.

– Josh – escreveu aquele pai torturado –, eles passaram minha garotinha de mão em mão como se fosse um prêmio!

Esse é o pesadelo de um pai. Nenhum pai quer viver essa situação. Nenhum pai quer que sua filha seja sexualmente vulnerável ou se torne sexualmente ativa antes do casamento. Nenhum pai quer que sua filha seja sexualmente infiel *durante* o casamento.

Mas o que podemos fazer para reduzir as chances de ocorrer um pesadelo como esse em nossa família? Como podemos aumentar a probabilidade de que nossos filhos e nossas filhas façam escolhas prudentes em termos sexuais? Como podemos interferir? Como podemos ajudar?

Os pais têm a primeira e potencialmente maior oportunidade de modelar as convicções e o comportamento sexual dos filhos. De acordo com a pesquisa, a influência do pai é percebida em três aspectos:

1. *A presença do pai.* Jerry Adler relatou que se espera que mais da metade de todas as crianças americanas hoje passe parte da infância apenas com a mães. “Um estudo do Census Bureau constatou que 16,3 milhões de crianças americanas estavam vivendo apenas com a mãe [...] e 40% delas não encontravam o pai havia pelo menos um ano”.¹ Esta é uma estatística crítica, porque a ausência ou a presença de um pai em casa é um fator determinante nas atitudes sexuais e nas ações dos filhos. Como mencionamos no primeiro capítulo, os pesquisadores da Universidade *Johns Hopkins* relataram que “as adolescentes brancas que vivem em lares sem os pais [...] tinham 60% mais probabilidades de terem relações pré-conjugais do que as que viviam em lares com pais e mães”.² Mas os efeitos da ausência do pai no lar são sentidos também pelos meninos. O pesquisador Robert Billingham, da Universidade de Indiana, sugere que os meninos que crescem sem um pai presente no lar “podem amoldar-se mais a estereótipos culturais de como se supõe que um homem deve se comportar, com base nas seduições de curto prazo da TV e do cinema”.³

2. *A atenção do pai.* Em seu livro *Father: The Figure and the Force* [Pai: a imagem e a força], Christopher Andersen cita um estudo com 7 mil mulheres que trabalham em bares com os seios à mostra e clubes de *striptease*. Embora considerações econômicas possam certamente ter influenciado a escolha do emprego, Andersen escreve: “Essas mulheres, na maioria, admitiram que estavam mais provavelmente à procura da atenção masculina que nunca tinham obtido em sua infância”.⁴ Andersen segue sugerindo existir uma correlação direta entre a ausência da atenção paterna e o comportamento sexual dessas mulheres.

3. *A proximidade do pai.* Dois estudos específicos encomendados pelo Josh McDowell Ministries indicaram menor propensão à atividade e à promiscuidade sexual entre adolescentes (rapazes e moças) que informaram estreito relacionamento com os pais. Esses e muitos outros estudos sugerem que um relacionamento saudável com o pai é um fator crítico no envolvimento ou não do rapaz ou da moça em sexo pré-conjugal.

A TERCEIRA MAIOR INFLUÊNCIA

Se qualquer um desses fatores paternos estiver ausente ou faltando, o pai ocupará um distante terceiro lugar, atrás de dois elementos que competem em termos de influência sobre os padrões sexuais do jovem, como veremos a seguir.

Pressão dos colegas

O grupo de colegas, é claro, tem grande influência sobre o jovem. A cultura do jovem comunica sua mensagem no que se refere a valor pessoal, sexualidade e aceitação. Em seu livro *The Kid-Friendly Dad* [O pai amigo do filho], o autor Frank Martin relata a história que ele ouviu de um famoso conselheiro de família:

Uma garota de 16 anos lhe foi encaminhada para aconselhamento, e, na oportunidade, descreveu seu primeiro encontro sexual aos 13 anos de idade. “Eu estava cansada de ouvir minhas amigas falando sobre sexo e queria saber por mim mesma como era”, ela começou. “Então, numa festa, fui até o garoto mais esperto da turma e lhe perguntei se ele queria fazer sexo comigo.” Os dois subiram para um quarto e, em questão de momentos, aquela jovem inexperiente perdeu a virgindade. “Não foi o que eu esperava”, ela disse ao conselheiro. “Mas pelo menos soube como era e pude falar a respeito com minhas amigas.”⁵

O poder da pressão do grupo é um importante fator determinante na atividade sexual de um adolescente, em particular se esse jovem não conta com um ou mais dos três fatores mencionados anteriormente. Um estudo com mil adolescentes mostrou que 76% deles iriam longe o suficiente para se sentirem sexualmente experientes e não excluídos.⁶ Em muitas das

comunidades, escolas e grupos de colegas de nossos filhos, a pressão para se juntar ao “dérbi do sexo” pode ser terrível.

Mensagens da mídia

O estudo de alcance nacional feito com adolescentes que chegam à campanha do ministério “Por que esperar?”, que promove a pureza e a abstinência sexual antes do casamento, mostrou que os colegas são a principal influência sobre as atitudes sexuais e o comportamento de nossos filhos. Mas o que influencia os colegas? A maioria de seus colegas aprendeu a respeito de sexo e sexualidade não com os pais, não com a igreja, não com a escola, e sim com o fluxo constante de programas de TV, filmes, música *rock*, e periódicos que são hoje mais rasos e explícitos do que jamais foram.

Televisão. A mídia é talvez o maior determinante na sexualidade dos adolescentes evangélicos. O que dá à mídia tal poder sobre o jovem? Pense nos seguintes fatos: O pré-escolar médio passa mais tempo assistindo à televisão do que um estudante universitário passa na sala de aula para obter um diploma de bacharel. Um estudo revelou que as crianças pré-escolares assistem a 20 horas de TV por semana; as crianças do ensino fundamental assistem a 22 horas. “Dormir é a única atividade que exige mais do tempo deles. Aos 18 anos, eles terão passado mais tempo à frente da TV do que em qualquer outro lugar, incluindo a escola.”⁷ Outro estudo avalia que, ao se graduar, o estudante médio do colégio passou 22 mil horas assistindo à TV, o que equivale ao dobro do tempo gasto na sala de aula durante doze anos de escola.

Música. Do 7º ao 12º ano na escola, a criança ouve uma média de 10.500 horas de *rock*. O tempo total gasto na escola durante um período de doze anos é de apenas 500 horas mais do que o tempo gasto ouvindo *rock*.⁸ “Os adolescentes são excessivamente influenciados pela mídia. Eles têm menos interação com adultos reais do que antes, por isso seus amigos e os modelos apresentados na mídia têm um impacto ainda maior.”⁹

Filmes e vídeos. A maioria dos nossos jovens desenvolveu seu conceito de sexualidade baseada na ficção propagada pela mídia, sem se dar conta do preço que acompanha o amor livre e o sexo casual. Se eles forem incapazes de revisar suas convicções, acabarão pagando um alto preço. Uma jovem senhora fala a respeito:

O que os filmes e as novelas não nos dizem é a devastação e os corações partidos que decorrem de relacionamentos e da atividade sexual antes do casamento. Eu não minimizo as consequências do envolvimento sexual errado. Sem dúvida, a coisa mais difícil e dolorosa pela qual passei [...] mais do que uma grande cirurgia, testes de câncer, uma família esfacelada e inúmeras rejeições de emprego [...] foi me recuperar de um relacionamento sexual com um homem casado.¹⁰

Essas palavras partem o meu coração. Elas me assustam. Espero que assustem você também – o suficiente para levá-lo a querer fazer alguma coisa: ajudar seus filhos a combaterem os efeitos da pressão dos colegas e das mensagens da mídia, desafiando você a se tornar e permanecer não a terceira maior influência, porém a mais importante influência na formação da visão dos seus filhos sobre o sexo e a sexualidade.

Incentivo você a tornar-se o tipo de pai cujos filhos conheçam a visão de Deus sobre o sexo e desenvolvam uma atitude saudável e benéfica sobre a sexualidade. Torne-se o tipo de pai que conversa com os filhos sobre sexo e pureza e que pode prepará-los para as pressões e tentações que eles certamente enfrentarão como adolescentes e jovens. Torne-se o tipo de pai cujos filhos sejam capacitados a reservar o sexo para o casamento e a permanecer fiéis a seu cônjuge por toda a vida. Torne-se o tipo de pai que o nosso Pai é.

O MODELO DE PUREZA

Os preceitos de Deus por toda a sua Palavra ordenam pureza a seu povo. Deus falou por intermédio da lei e tornou claro o seu padrão: a impureza sexual (isto é, qualquer atividade sexual fora do casamento) é errada:

Que vos abstenhais [...] da imoralidade sexual (At 15.29).

Fugi da imoralidade (1Co 6.18).

Nem pratiquemos imoralidade (1Co 10.8).

Mas a prostituição e todo tipo de impureza ou cobiça nem sequer sejam mencionados entre vós, como convém a santos (Ef 5.3).

Eliminai vossas inclinações carnis: prostituição, impureza, paixão, desejo mau... (Cl 3.5).

A vontade de Deus para vós é esta: [...] afastai-vos da imoralidade sexual (1Ts 4.3).

É difícil deixar de perceber a preocupação de Deus com a pureza. Mas o que é frequentemente omitido é o fato de que tal preocupação não apenas revela o que Deus ordena, mas também o que ele valoriza. Deus valoriza a pureza. Ele se esforça continuamente para comunicar esse valor ao seu povo: ele ordenou o uso de ouro puro na construção do tabernáculo; prescreveu incenso puro para uso na adoração; exigiu animais puros no sacrifício; ordenou corações puros (Mt 5.8), religião pura (Tg 1.27) e relacionamentos puros (1Tm 5.2).

No entanto, ainda mais que isso, esse preceito revela algo sobre o próprio Deus: o modelo de pai é puro. *E todo o que tem nele essa esperança purifica a si mesmo, assim como ele é puro (1Jo 3.3).* Thomas Trevethan descreve a pureza de Deus em termos memoráveis:

O Deus verdadeiro é distinto, separado de tudo o que é mau. Sua perfeição moral é completa. Seu caráter expresso em sua vontade forma o padrão completo de excelência moral. Deus é santo, o ponto absoluto de referência para tudo o que existe e é bom. Em todos os sentidos, ele deve ser contrastado com suas criaturas. No fundo, ele é um centro de absoluta pureza.¹¹

Porque Deus é puro, a impureza sexual é uma ofensa contra ele. O rei Davi, que pecou com Bate-Seba, arrependeu-se posteriormente, confessando a Deus: *Pequei contra ti, e contra ti somente, e fiz o que é mau diante dos teus olhos (Sl 51.4).* Davi estava ignorando o fato de que o seu pecado tinha afetado outra pessoa, resultando na morte de Urias, marido de Bate-Seba, e da criança que Bate-Seba dera à luz? Não, estava reconhecendo o fato fundamental de que, ao ter pecado com Bate-Seba,

ele pecara contra o legislador. Seu ato estava errado porque ele havia ofendido a pureza de Deus.

Em outras palavras, o modelo de pai comunica – em contraste à cultura moderna, à pressão dos colegas e às mensagens da mídia – que a pureza é boa. O modelo de pai ordena a pureza porque esta é algo que tem valor. E a pureza é algo que tem valor porque o próprio Deus é puro.

Esse é o tipo de pai que devemos querer ser. Ajude seus filhos a saberem que a pureza é boa, e não algo do que se envergonhar ou se acanhar. Ajude-os a rejeitarem a fascinação com a imoralidade e os desvios que a cultura, os colegas e a mídia frequentemente mostram. E ajude-os a saberem que *você* valoriza a pureza, como o Pai a quem você serve e procura emular. Ajude-os a verem um piedoso padrão de pureza sexual em você.

Isto é mais fácil falar do que fazer, claro. Ninguém pode fazê-lo a princípio, porque requer piedosa confiança no Espírito Santo, que então pode operar em e através de seus esforços à medida que você emprega algumas estratégias sadias, como as descritas a seguir.

Demonstrar atenção e afeto

Certa vez, realizei uma conferência de uma semana em uma das maiores e mais ricas igrejas evangélicas dos Estados Unidos. Durante esse período, tive reuniões de aconselhamento com 42 estudantes do ensino médio. A principal pergunta deles era: “Josh, o que posso fazer com relação ao meu pai?” Quando lhes perguntei o que eles queriam dizer com isso, responderam coisas como: “Ele nunca tem tempo para mim”, “Ele nunca me leva a parte alguma”, “Ele nunca fala comigo” e “Ele nunca faz nada comigo”. Perguntei a todos os 42 garotos: “Vocês conseguem conversar com seus pais?” Somente um declarou que sim.

Aqueles jovens tinham fome de atenção e afeição de seus pais. Esse tipo de “fome de amor” pode afetar tanto os pais quanto os filhos, criando um ciclo vicioso que se autoperpetua, com pais que passam fome de amor

criam filhos ainda mais famintos de amor. E o resultado pode ser devastador.

Seus filhos precisam de sua atenção. Quando meus filhos ainda estavam em casa, eu costumava buscá-los na escola e levá-los para tomar lanche. Uma caminhada de 30 minutos pela redondeza ou uma rápida viagem à Dairy Queen¹² para um delicioso sorvete proporciona oportunidades para dar atenção a seus filhos e comunicar que eles são importantes para você. Meu amigo Norm Wakefield fala a respeito dessas experiências quando seus filhos eram pequenos:

Certa vez, quando minha família estava tomando lanche numa tarde de domingo após o culto, eu disse aos meninos:

– Vou dar a cada um de vocês um presente hoje.

Os olhos deles se arregalaram numa expressão inquiridora.

– Vou dar a cada um de vocês 30 minutos. E farei o que vocês quiserem durante esse tempo.

A reação deles foi um grito de alegria tão alto como se eu tivesse lhes dado um atraente presente embrulhado.

Perguntei a Amy o que ela gostaria de fazer.

– Quero dar uma caminhada com você, pai.

Então passeamos pela vizinhança, de mãos dadas, e fizemos uma parada para tomar um sorvete.

Quando voltamos para casa, Joel disse que queria lutar no gramado em frente. Então nós lutamos durante trinta minutos.

Depois perguntei a Jill, que estava se preparando para entrar no jardim de infância, o que ela queria fazer.

– Eu gostaria de sentar no seu colo na espreguiçadeira da varanda dos fundos e ouvir você ler para mim.

Então nós lemos.

Naquela tarde, aprendi como o presente do tempo é importante para os seus filhos. Quando ele é dado de modo entusiástico e generoso, rende preciosos dividendos.

Seus filhos – independentemente de faixa etária – precisam do seu afeto. Creio realmente que abraços entre pais e filhos pequenos podem fazer mais para estimular o relacionamento da pureza sexual na adolescência do que qualquer outro fator isolado. Você não pode abraçar seus filhos o suficiente, você realmente não pode. Não importa a idade ou o tamanho deles; ninguém supera a necessidade de afeição. Há um

incrível poder em algo simples como um abraço, uma piscadela e um “Eu amo você” cochichado.

Estar aberto a conversas sobre sexo

O processo de comunicação entre você e seu filho é essencial para que eles se beneficiem de sua experiência para desenvolver atitudes e comportamentos sexuais saudáveis.

Você e sua esposa têm a primeira e a melhor chance de guiar seu filho à integridade pessoal. Se forem mantidos canais de comunicação abertos e positivos, a riqueza de sua segurança sexual dará colorido ao relacionamento. Seu filho aprenderá com você o que significa ser um homem e como ele trata uma mulher. Ele se sentirá confortável consigo mesmo porque tem um dos melhores guias disponível. Sua filha ganhará respeito próprio e valorizará a própria feminilidade quando ouvir você expressar sua apreciação por ela. Quando crescer, ela terá uma base sadia pela qual medir outros homens com quem se relacionar. Ela será menos vulnerável à exploração de homens porque a autoridade e o amor de seu pai lhe proverão uma defesa. Ela aprenderá a se relacionar bem com as pessoas do sexo oposto.

A habilidade em expressar e falar sobre o aspecto sexual da vida é um elemento vital em seu relacionamento com os filhos. Podemos aprender na Bíblia uma lição sobre discutir pureza e moralidade sexual na família. Em Provérbios 3–7, os filhos são instruídos a ouvir a sabedoria de seus pais sobre questões sexuais. Os pais nunca são admoestados ou instruídos a falar com seus filhos sobre sexo. Presume-se que eles *falarão* com seus filhos. Você tem se comunicado com seus filhos sobre essa parte tão importante da vida deles?

A importância da comunicação na área da sexualidade levanta uma questão que todos os pais precisam enfrentar. Se não temos certeza de nos sentirmos confortáveis com nossa sexualidade, transmitiremos isso aos nossos filhos. Se um homem foi criado num ambiente que depreciava as

mulheres, ele pode comunicar atitudes e sentimentos que suas filhas deixarão vulneráveis aos homens. Se você foi ensinado que os homens devem ser fortes, calados, agressivos e insensíveis, seus filhos podem acumular essas mesmas tendências ao observar o seu comportamento.

Mas, lembre-se, não precisamos ficar presos a padrões destrutivos e negativos de comunicação. Pela capacitação do Espírito Santo, *podemos* realmente formar novos sentimentos, atitudes e ações libertadores que comuniquem aos nossos filhos um alegre e carinhoso estilo de vida.

Dar exemplo de padrões piedosos de pureza

Seus filhos desenvolverão mais facilmente padrões piedosos de pureza se virem seus pais dar exemplos de padrões piedosos de pureza. Um pai que sistematicamente trata a esposa com bondade, cuida dela como parceira e confirma a feminilidade da mulher com quem escolheu dividir a vida, esse homem estabelece uma base poderosa para a estabilidade emocional em seus filhos. Um pai que se mantém separado dos valores mundanos sobre sexo – na maneira como se comporta, no que ele vê e no que ouve – é um modelo de pureza divina para seus filhos.

Uma das formas mais efetivas de construir padrões piedosos de pureza em seus filhos é dar a eles uma imagem saudável de sexo. Muitos pais são reservados demais ou ficam tão constrangidos com relação ao tema que passam a seus filhos a ideia de que o sexo – mesmo o sexo dentro do compromisso do matrimônio – é sujo (ou, pelo menos, “algo sobre o que não falamos”). Mas ajudar seus filhos a saberem que o sexo faz parte da pura e bela relação que você desfruta com sua esposa incentiva atitudes saudáveis em relação ao sexo, da maneira como Deus o projetou. Em nosso livro *How to Be a Hero to Your Kids* [Como ser um herói para seus filhos], Dick Day e eu compartilhamos a seguinte história:

Dick se lembra de quando Charlotte foi ao Centro-Oeste para falar numa conferência de mulheres na Faculdade *Wheaton*. Fazia cerca de uma semana que ela havia ido e agora voltaria a

San Diego no voo das 6 horas. Quando Dick se preparava para dirigir de Julian para San Diego – cerca de 100 quilômetros –, ele disse a Timmy e Jonathan, na época no início da adolescência:

– Garotos, que tal se vocês passassem a noite aqui sozinhos? O irmão de vocês mora na mesma rua, e vocês podem telefonar para ele se tiverem algum problema. Eu gostaria de apanhar mamãe e passar a noite em San Diego num hotel.

Timmy olhou para o pai, depois abriu um grande sorriso na face. Ele deu uma leve cutucada nas costelas de Dick e, com um brilho nos olhos, disse:

– Vá em frente, pai! Vá em frente!¹³

Os filhos de Dick viram no relacionamento de seus pais uma imagem que reforçou a beleza e a pureza do sexo da forma como Deus o planejou – dentro do casamento.

Ensinar padrões piedosos de pureza

Quando minha filha Kelly completou 15 anos, fiz algo que durante muitos anos eu havia desejado. Levei Kelly a uma série de encontros. Convidei-a para sair, depois me vesti com elegância e saí de casa para que então pudesse apanhá-la no portão. Abri e fechei a porta do carro para ela, levei-a a um bom restaurante, arrumei-lhe a cadeira e iniciei uma conversa durante o jantar sobre os interesses dela. Após o jantar, fazíamos uma atividade divertida de sua escolha.

Ao final de cada encontro, eu reservava alguns momentos para explicar a Kelly que a maneira como eu a tratara naquela noite era a maneira como um rapaz deveria tratá-la se verdadeiramente a respeitasse e se importasse com ela. Desde então, tenho convidado minhas outras duas filhas para sair comigo. Minha esposa, Dottie, também fez um primeiro encontro com nosso filho Sean. Eu o instruí quanto ao que fazer, como tratá-la e como honrá-la durante a noite.

Essas saídas à noite são apenas uma técnica que tenho usado para ensinar padrões piedosos de pureza aos meus filhos. Também tenho usado oportunidades apresentadas pela televisão, pelo cinema, por eventos atuais e cerimônias de casamento como ocasiões para discutir com meus filhos os padrões de Deus para a pureza sexual. Incluí até o grafite

em meus esforços de ensino, apontando para certa palavra de quatro letras escrita com *spray* numa parede e explicando aos meus filhos por que *aquela palavra* – que degrada algo planejado por Deus para ser belo – é tão ofensiva; daí começo a ensiná-los sobre a pureza e a santidade do sexo num contexto de um relacionamento matrimonial.

Compartilhar os benefícios da pureza

Uma das formas mais efetivas de encorajar o desenvolvimento de padrões pessoais de pureza em seus filhos – padrões que reflitam a pureza do próprio Deus – é compartilhar com eles os *benefícios* da pureza (bem como as consequências da imoralidade).

Em cada oportunidade que encontrei, tentei fazer que meus filhos soubessem que os padrões divinos de pureza são a trilha mais segura para o prazer e a realização, e que a imoralidade é a trilha mais segura para os sentimentos de culpa, decepção e do vazio. Eu os lembrei de que o padrão de Deus de pureza os protege de gravidez indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis, enquanto também dá paz de espírito. Tentei convencê-los de que a pureza sexual os protege da insegurança sexual e proporciona uma atmosfera de confiança entre marido e esposa. Compartilhei com meus filhos como a pureza antes e durante o casamento contribui para a verdadeira intimidade do casal, protegendo-os das consequências que a imoralidade gera: suspeita, decepção, dor, angústia, vazio e muitas outras emoções destrutivas.

Certa vez minha filha Katie me disse, solenemente:

- Papai, obrigada por me amar.
- O que você quer dizer com isso? – perguntei.
- Você sempre me disse a verdade – ela completou, sem hesitação. – Você me falou sobre sexo e sobre as consequências, e conheço muitas garotas que estão fazendo escolhas erradas. Elas não se dão conta das consequências.

Minha filha continuou dizendo que desejava que todas as suas amigas e colegas de classe tivessem um pai que lhes falasse abertamente sobre os benefícios da pureza e sobre as consequências da impureza.

Como pais, você e eu temos um importante e santo trabalho a fazer: estimular em nossos filhos a compreensão, o respeito e a reflexão sobre o padrão de Deus para a pureza. É um trabalho que começa com a obra do Espírito Santo em nossa vida – seu poder capacitador acrescentado aos nossos esforços – a fim de mostrarmos atenção e afeição aos nossos filhos, sermos abertos com eles a respeito de assuntos sexuais, darmos exemplos de padrões santos de pureza nós mesmos, ensinarmos conscientemente padrões santos de pureza e compartilharmos os benefícios de pureza em qualquer oportunidade.

Quando você faz isso com a ajuda de Deus, seus filhos são capacitados a resistir à pressão – por parte dos colegas, da sociedade e de seus hormônios – de se tornarem sexualmente ativos antes do casamento.

Eles estarão mais bem preparados para desenvolver e manter uma visão saudável e santa a respeito do sexo.

Eles estarão mais propensos a serem poupados de dor de cabeça e da tragédia que frequentemente acompanham decisões imprudentes na área da sexualidade.

Eles estarão mais bem preparados na vida para permanecerem fiéis a seu marido e esposa no casamento.

E não somente isso; você também se conectará a seus filhos de uma forma que o tornará o tipo de pai que você quer ser – o tipo de pai que o seu *Pai* quer que você seja.

Para reflexão, discussão e ação

1. Que tipo de influência você pensa que os colegas estão exercendo sobre as atitudes sexuais de seus filhos? E quanto aos meios de

comunicação? E o que dizer da sua influência como pai? Seja específico.

2. Reveja as cinco estratégias para estimular padrões piedosos de pureza mencionados neste capítulo. Marque um X em cada uma das opções abaixo, indicando como você classifica seu sucesso atual nessas cinco áreas:

Demonstro atenção e afeto aos meus filhos.

sempre	às vezes	nunca
--------	----------	-------

Estou aberto a conversas sobre sexo.

sempre	às vezes	nunca
--------	----------	-------

Dou exemplo de padrões piedosos de pureza.

sempre	às vezes	nunca
--------	----------	-------

Ensino padrões piedosos de pureza.

sempre	às vezes	nunca
--------	----------	-------

Compartilho os benefícios de pureza e as consequências da impureza.

sempre	às vezes	nunca
--------	----------	-------

3. Identifique na lista anterior duas áreas em que você gostaria de melhorar, e considere o que você pode fazer nessa direção. Você consegue reunir sugestões e ilustrações apresentadas neste capítulo para ajudá-lo nesse sentido? Em caso positivo, sublinhe-as e faça planos para realizá-las o mais breve possível.
- *4. Planeje pelo menos dois “encontros com o papai” para cada um de seus filhos durante as próximas seis semanas. Escolha algo que eles queiram fazer, e depois dedique toda a sua atenção durante esse tempo. Torne o encontro divertido – para vocês dois!

O que vocês farão no primeiro encontro?

Em que data você planeja realizar o encontro?

O que você fará no segundo encontro?

Em que data você planeja realizar o segundo encontro?

- 1 ADLER, Jerry. “Building a Better Dad”, [Construindo um pai melhor], *Newsweek* (17 de junho de 1996), p. 61.
- 2 FURY, Kathleen. “Sex and the American Teenager” [Sexo e a adolescência americana], *Ladies’ Home Journal* (Março de 1986), p. 60.
- 3 ELIAS, Marilyn. “Parents’ Divorce Affects Sex Lives of Collegians” [O divórcio dos pais afeta a vida sexual dos estudantes], *USA Today* (8 de novembro de 1989), p. 1D.
- 4 ANDERSEN, Cristopher P. *Father: The Figure and the Force* [Pai: a imagem e a força]. New York: Warner Books, 1983, p. 86-87.
- 5 MARTIN, Frank. *The Kid-Friendly Dad* [O pai amigo do filho]. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 85.
- 6 NONKIN, Leslie Jane. *I Wish My Parents Understood* [Quero meus pais compreendidos]. New York: Penguin Books, 1982, apêndice 2, p. 58.
- 7 BIBBY, Reginald W.; POSTERSKI, Donald C. *The Emerging Generation – An Inside Look at Canada’s Teenagers* [A geração emergente – um olhar para os adolescentes do Canadá]. Toronto: Irwin Publishing, 1985, p. 39.
- 8 POWELL, Stewart. “What Entertainers Are Doing to Our Kids”, [O que o entretenimento está fazendo aos nossos filhos], *U.S. News and World Report* (28 de outubro de 1985), p. 46.
- 9 TOWARNICKY, Carol, “Positive Images Needed to Combat Teenage Pregnancy”, [Imagens positivas são necessárias para combater a gravidez na adolescência], *Houston Chronicle* (12 de janeiro de 1986), p. 17-18.
- 10 Como citado em *Why Wait?* [Por que esperar?], de Josh McDowell e Dick Day. San Bernardino, CA: Here’s Life Publishers, 1987, p. 45.
- 11 TREVETHAN, Thomas. *The Beauty of God’s Holines*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995, p. 13.
- 12 Uma loja da grande rede de *fast-food* americana. [N. do T.]
- 13 MCDOWELL, Josh; DAY, Dick. *How to be a Hero to Your Kids* [Como ser um herói para seus filhos]. Dallas: Word Publishing, 1991, p. 132.

A verdade do pai

Quando minha filha Kelly estava no quarto ano, vários alunos de sua classe furtaram um objeto da mesa da professora que estava fora da sala de aula. As crianças queriam apenas brincar, mas o objeto logo se quebrou, e elas o recolocaram em seu lugar de origem na mesa da professora.

Quando a professora voltou à sala e descobriu o dano, perguntou a uma das colegas de Kelly o que havia acontecido. A garota se rendeu à pressão do grupo e mentiu. Então, a professora se voltou para Kelly, que respondeu ao questionamento de forma direta e honesta, a despeito da pressão implícita dos colegas de classe para que ela os protegesse como havia feito a outra garota.

No dia seguinte, fui buscar Kelly para o café da manhã em nosso restaurante favorito e lhe disse que estava orgulhoso por ela ter feito a coisa certa, apesar de toda a pressão que pudesse ter sentido por parte de seus colegas de classe.

Fiquei feliz e orgulhoso muitas vezes como resultado da honestidade e integridade dos meus filhos, particularmente porque percebo quão raras essas características são hoje em dia. A desonestidade está amplamente difundida entre os estudantes do ensino médio. Numa pesquisa entre estudantes com média A ou B, cerca de 80% deles admitiram alguma atitude desonesta, como copiar a lição de casa de outro estudante ou fraudar um teste.¹ Uma pesquisa nacional com adolescentes e jovens na primeira metade dos 20 anos indica que quase metade (44%) acredita que “mentir é algo necessário”.² E o furto em lojas (bem como outras formas de

furtos) entre adolescentes é considerado moderno em algumas escolas e comunidades.

Esses comportamentos e atitudes não se restringem a “garotos problemáticos”. São horivelmente comuns entre aqueles que frequentam igrejas, filhos de crentes e meninos criados em famílias cristãs.

O estudo que gerou a campanha *Right from Wrong* revelou perturbadores níveis de fraudes e desonestidade entre os jovens cristãos. Nossa pesquisa entre 3.795 adolescentes de igrejas evangélicas indicou que dois em cada três (66%) disseram ter mentido a um “pai, professor ou outra pessoa mais velha” nos últimos três meses. Um pouco menos – seis em dez (59%) – afirmou ter mentido a um amigo ou colega nos últimos três meses. Mais de um terço (36%) admitiu ter fraudado um exame ou outra avaliação no mesmo período de três meses, e perto de um sexto (15%) afirmou ter roubado recentemente dinheiro ou outras posses.

A pesquisa indica que nossos jovens veem a fraude como um jeito fácil de seguir em frente. Eles veem a desonestidade como um meio de impressionar os colegas e obter aprovação dos pais. Não estão sequer convencidos de que isso é errado, e raramente veem as consequências negativas da fraude ou os resultados positivos da honestidade.

Mas você quer mais de seus filhos, não quer? Você quer que seus filhos e filhas se tornem homens e mulheres íntegros. Você não os quer enganando e mentindo, para você ou para qualquer outra pessoa; não os quer tomando coisas que não lhes pertencem, seja o *download* de uma música ilegal, seja o tempo de um empregador; você os quer falando a verdade, para terem uma vida tranquila e honesta, ganhando o respeito dos outros (1Ts 4.11-12). E você quer ser o tipo de pai que ensina, treina e é modelo desse tipo de vida, cujos filhos se lembram de sua honestidade e sinceridade e o respeitam por sua integridade.

Você quer ser o tipo de pai que o seu Pai é.

Há milhares de anos, Deus apareceu a Moisés numa distante montanha na península do Sinai e decretou os seguintes mandamentos:

Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo (Êx 20.15,16).

No curso de sua revelação a Moisés, Deus reiterou, ampliou e aplicou esses preceitos:

*Não furtareis; não enganareis, nem mentireis uns aos outros; não jurareis falso pelo meu nome.
[...] Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás (Lv 19.11-13).*

Deus se esforçou para deixar bem claro ao seu povo – por preceito – que mentir, enganar e roubar era errado. Mas aqueles mandamentos também revelam um princípio que Deus valoriza: o princípio da honestidade, a qualidade de ser verdadeiro, transparente e confiável. Deus valoriza a honestidade: *O SENHOR odeia lábios mentirosos, mas se agrada dos que praticam a verdade (Pv 12.22).*

O princípio da honestidade não tem valor intrínseco; é uma virtude simplesmente porque brota da natureza e do caráter de Deus. Considere o dia que mencionei no início deste capítulo, quando levei minha filha para um café da manhã e a parabeneizei por ter sido honesta numa situação difícil. Tentei realizar naquela manhã mais do que apenas elogiar seu comportamento moral.

– Querida – perguntei-lhe, após ter-lhe dito quanto eu estava orgulhoso dela –, por que mentir é errado?

– Porque a Bíblia diz que é errado – ela respondeu confiantemente.

– Mas – eu a pressionei – por que a Bíblia diz que é errado?

– Porque Deus mandou – ela respondeu.

– Mas por que Deus mandou? – perguntei.

Ele olhou para mim como se eu tivesse feito a pergunta numa língua estrangeira. Finalmente, ela respondeu:

– Eu não sei.

Tomei suas mãos nas minhas e fixei os meus olhos nos dela. Queria ter certeza de que ela estava compreendendo e se lembraria do que eu estava prestes a lhe dizer.

– Porque Deus é verdade, Kelly. A verdade procede da natureza dele, e o que é contrário à natureza de Deus é pecado.

Ser honesto é certo (e ser desonesto é errado) por uma única razão: porque Deus é verdade. A verdade não é algo que Deus faz, nem é algo que ele possui; é parte do que ele é. No deserto de Horebe, Moisés entoou o cântico: *Ele é a Rocha! Suas obras são perfeitas [...]. Deus é fiel, e nele não há pecado; ele é justo e reto* (Dt 32.4).

Ele é o Deus *que não pode mentir* (Tt 1.2). Quando Deus faz uma promessa, você pode confiar em seu cumprimento porque *é impossível que Deus minta* (Hb 6.18). Embora a honestidade possa viver pedindo esmolas na terra, como disse o poeta romano Juvenal, existe um padrão universal e eterno de verdade que não vacila nem muda: *Seja Deus verdadeiro*, diz a Bíblia, *e todo homem, mentiroso* (Rm 3.4).

Porque Deus é verdade, mentir é uma ofensa contra sua natureza. Porque Deus é verdade, enganar é uma afronta a ele. Porque Deus é verdade, furtar é um insulto a ele. Deus é verdade, e não existe nada falso nele. É sua natureza que define a honestidade como moral, a desonestidade como farsa e o roubo como mal.

Quero que meus filhos compreendam que Deus é verdade – e tudo o que se parece com Deus é bom, mas tudo o que é diferente dele é mau. Quero refletir a imagem do verdadeiro Deus em minha paternidade, e quero que meus filhos reflitam sua imagem na honestidade e integridade deles. Quero que eles compreendam que a razão pela qual a honestidade é a melhor política é porque isso agrada a Deus, reflete sua natureza e mostra a imagem dele aos outros.

Mais uma vez, a chave para alcançar tudo isto é a conexão com o pai sobre a qual temos falado. Ela requer que estejamos conectados ao Pai por

meio da oração, da devoção diária e da obediência. Então podemos começar a fazer a conexão do pai com nossos filhos, ao lhes mostrarmos a imagem do Pai de forma real, em uma diversidade de formas, como veremos a seguir.

Ser um modelo de honestidade

Deus deu a Israel um modelo de ensino da verdade aos filhos, ao dizer:

Ouve, ó Israel: O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás sentado em casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te (Dt 6.4-7).

Deus deixa claro que, se quisermos transmitir aos nossos filhos valores como honestidade, devemos ser modelos desses valores em nossa vida. Suas palavras devem estar em nosso coração antes que possamos gravá-las no coração e na mente de nossos filhos. Em seu livro *Pulling Weeds, Planting Seeds* [Arrancando ervas daninhas, plantando sementes], Dennis Rainey diz a respeito de seu pai:

Como um garoto impressionável, meu radar captava mais da vida de meu pai do que ele jamais imaginou. Durante meus perigosos anos de adolescência, ele foi o modelo e o herói de que eu precisava – e ainda é. Ele me ensinou a importância de trabalhar duro e de completar uma tarefa. Aprendi com ele a respeito do compromisso duradouro; e nunca temi que meus pais se divorciassem. Meu pai era totalmente comprometido com minha mãe. Eu me sentia seguro e protegido.

O mais importante foi ele ter me ensinado a respeito do caráter. Ele fazia o que era certo, mesmo quando ninguém estava olhando. Nunca eu o ouvi falar sobre burlar impostos – ele os pagava sem se queixar. Sua integridade era impecável. Nunca o ouvi mentir, e seus olhos sempre exigiam a mesma verdade em troca. A imagem mental do seu caráter ainda alimenta e energiza minha vida hoje.³

Isso é tudo o que queremos, não é? Queremos que nossos filhos vejam a imagem do Pai em nós. Isso significa que, se você não quer que sua filha fure, deve certificar-se de pagar a quantia correta pela refeição mesmo quando a garçonete cobra o valor a menos. Significa que, se você não quer

que o seu filho engane os outros, não deve tentar levar o crédito pela ideia de um colega de escritório, como se fosse sua. Significa que, se você não quer que o seu filho minta, você mesmo deve dizer a verdade, ainda quando é difícil, inconveniente ou quando isso pode colocá-lo em maus lençóis. E você deve fazer essas coisas quando seus filhos estão por perto e quando não estão – porque, esteja você consciente ou não, eles o estão observando, muito mais atentamente e com muito mais frequência do que você imagina.

Cultivar a sensibilidade e a transparência

Meu amigo Norm Wakefield fala sobre um tempo em que seu filho Joel estava passando por um momento difícil em decorrência de uma escolha infeliz que ele havia feito. Certo dia os dois iniciaram uma caminhada juntos, e Joel descarregou sua angústia sobre o pai. Enquanto conversavam e caminhavam lado a lado, Norm contou uma experiência semelhante em que ele mesmo havia reagido de modo imprudente e sofrido às consequências daquela decisão.

Ao compartilhar sua história, Norm ajudou Joel a ver que, embora o pai não desculpasse suas ações, também não se colocava numa torre de marfim para julgar seu filho. A franqueza e a transparência de Norm para com o filho ajudaram Joel a reconhecer que o pai queria ser seu companheiro, e não seu juiz. Isso o encorajou a se abrir mais e permitiu a Norm ajudar o filho a refletir sobre a situação.

De fato, desenvolver honestidade em nossos filhos requer honestidade *diante* de nossos filhos. A pesquisa com adolescentes e jovens que frequentam a igreja, por mim citada neste capítulo, revelou que 37% deles – mais de um em três – declaram que raramente ou nunca ouviram os pais admitirem estar errados ou terem feito coisas erradas. Pouco adianta falar aos nossos filhos sobre honestidade se não estamos dispostos a ser nós mesmos honestos. Acredite em mim: eu sei quanto é difícil admitir estar

errado, mas isso é necessário se quisermos criar filhos que valorizem a honestidade.

Quando minha esposa e eu mudamos da Califórnia para o Texas, nossa filha de 15 anos lutou com os efeitos da mudança por um bom tempo. Certa noite, Katie fez um comentário que expressava todo o seu descontentamento. Fiquei chateado, disse coisas cruéis e fui um tanto duro com ela.

Ela se trancou no quarto, e eu fui dormir. Cerca de quinze minutos depois, Dottie entrou no nosso quarto e me acordou: – Você precisa pedir desculpas a Katie. Ela ficou muito magoada com o que você disse.

Em minha sonolência (e orgulho), retruquei:

– Vou cuidar disso pela manhã.

– Não – Dottie insistiu –, você precisa cuidar disso agora mesmo.

Então eu me vesti, fui ao quarto da minha filha e pedi desculpas. Admiti que estava errado, que não havia respondido da forma que devia e que estava arrependido. Acredito que esses momentos de dolorosa honestidade com minha filha fizeram mais pelo nosso relacionamento e pela compreensão dela a respeito da honestidade do que qualquer outra coisa que eu possa ter feito.

Quando explodimos, precisamos confessar isso honestamente a Deus e a nossos filhos, fazer as pazes se possível e seguir adiante. Os filhos respeitam quando você faz isso. Eles se lembrarão disso e poderão até imitar o seu comportamento.

Ensinar a honestidade

Enquanto eu viajava pela América falando em igrejas como parte da campanha *Right from Wrong*, convidava estudantes do ensino médio e universitários para subirem à tribuna comigo. Na frente do auditório, eu perguntava ao aluno:

– Você é cristão?

Com frequência, o jovem respondia que sim.

Então eu perguntava:

– Seus pais são crentes?

Novamente, a maioria respondia que sim.

Então eu dizia:

– Vamos supor que, se você mentisse, poderia sair de uma situação difícil. Você mentiria?

Não consigo me lembrar da última vez em que alguém disse que não mentiria – bem diante de toda a igreja!

Fui a uma importante faculdade bíblica no Canadá, pensando que o resultado seria diferente. Mas, à frente de 3 mil pessoas, o rapaz disse:

– Sim, provavelmente eu mentiria.

(Pelo menos ele foi honesto a respeito de sua provável desonestidade!)

Ante essa confissão reveladora da juventude, eu perguntava:

– Seus pais o ensinaram que mentir é errado?

– Sim, eles sempre disseram isso.

– Bem – eu continuava –, como eles o ensinaram que mentir é errado?

Invariavelmente, a resposta que vinha era:

– Eles me diziam que não devo mentir porque a Bíblia ordena: *Não mentirás*.

Então eu fazia a pergunta mais importante de toda a conversa:

– E por que a Bíblia diz que não se deve mentir?

Ninguém me deu uma resposta.

Você percebe o que tem acontecido? Nossos filhos conhecem o preceito *Não mentirás*, por exemplo – mas isso é *tudo* o que eles sabem. Eles não veem a verdade inteira. Eles não percebem que uma pessoa de importância suprema está por trás do preceito. É por isso que eu creio que devemos aproveitar cada oportunidade para transmitir a nossos filhos o valor da honestidade, bem como o fato de que a honestidade é algo correto porque Deus é verdade.

Você pode usar uma notícia do telejornal ou o alarme de um carro disparando na vizinhança para discutir como o mundo seria diferente se todos fossem honestos e verdadeiros, como Deus é. (Não teríamos de trancar as coisas, passar correntes ou instalar sistemas de alarme, por exemplo.) Essas ocasiões podem reforçar a compreensão de que Deus é um Deus verdadeiro e cheio de verdade, e de que nós o honramos quando somos honestos.

Você também pode usar idas às compras para reforçar o padrão de honestidade de Deus. Permita que seus filhos mais novos façam os pagamentos no caixa da loja ou insiram o dinheiro em uma máquina automática de venda. Depois reserve um momento para discutir resumidamente por que a honestidade é “a melhor política”. Guie seus filhos mais velhos numa discussão de como as lojas devem com frequência compensar o furto de mercadorias por meio da elevação de preços e como isso frustra o ideal de Deus.

Estimular a honestidade

Quando nossos filhos eram ainda muito novos, minha esposa e eu percebemos que estávamos estimulando neles a desonestidade pela forma como reagíamos a certas situações.

Se entrávamos num quarto, por exemplo, e víamos uma lâmpada quebrada, invariavelmente perguntávamos:

– Você quebrou essa lâmpada?

Ou, se víamos uma criança chorando e outra tentando convencê-la a parar de chorar, quase sempre perguntávamos à outra com olhar preocupado:

– Você bateu em sua irmã?

Certo dia, percebemos que confrontar nossos filhos dessa forma tornava difícil para eles responder honestamente. Quase podíamos ver as engrenagens girando na mente das crianças o seguinte raciocínio: “Tenho

a resposta correta a essa pergunta, mas ela me causará problemas. Vou tentar uma mentira e ver se funciona”.

Pareceu-nos que, ao formular as perguntas da maneira como fazíamos, estávamos encorajando a desonestidade em nossos filhos. Eles se sentiam praticamente pegos na armadilha da mentira. Por isso decidimos dar-lhes uma chance melhor de responder de maneira verdadeira. Começamos a perguntar (num tom sério, mas não irado):

– Você quebrou essa lâmpada, não quebrou?

Ou:

– Por que você bateu em sua irmã?

Nossas táticas anteriores promoviam a desonestidade; a nova abordagem encorajava a sinceridade.

Descobrimos desde então outras formas de estimular a honestidade em nossos filhos. Tínhamos aprendido que sermões de moral, críticas e discussões não eram as abordagens mais eficientes. Precisamos ser moderados quando somos tentados a nos relacionar com os filhos usando uma lista de normas e regulamentos. Às vezes, nossos filhos precisam sentir nossa ira por sua persistente desobediência, mas essas devem ser ocasiões raras e equilibradas com palavras que ressaltem os esforços e as qualidades positivas dos nossos filhos.

Recompensar a honestidade

Meus primeiros anos como pai não foram os mais gloriosos. Eu acreditava que o dever de um pai era evitar que seus filhos pecassem. Eu dizia a mim mesmo: “Se eu poupar a vara e estragar meus filhos, isso não agradará a Deus”. Eu não era agressivo, mas naqueles primeiros anos de paternidade estava quase sempre pronto a atacá-los se eles cometessem erros, embora raramente os elogiasse pelo que faziam de correto.

Suponha, por exemplo, que eu estivesse sentado em meu gabinete de trabalho escrevendo um livro, e as palavras estivessem realmente fluindo. Dottie podia entrar e dizer:

– Querido, Sean acabou de chegar com o boletim escolar cheio de notas A.

– Ótimo – eu provavelmente responderia. – Estou bem no meio do trabalho agora. Falo com ele sobre isso no jantar.

No jantar, talvez eu não me lembrasse de falar com ele sobre seu boletim. Mas se Dottie entrasse em meu gabinete e dissesse: “Querido, Sean acaba de dar um murro em Katie”, eu teria me levantado da minha mesa e ido lidar com o problema imediatamente. De repente, o meu capítulo não era importante. O assunto não podia esperar até o jantar. Eu tinha de lidar com a questão naquele momento.

Hoje, quando falo a jovens pelo país, calculo que 15 em 20 garotos me dizem que é exatamente assim que as coisas acontecem na casa deles. Eles conseguem a atenção de seus pais com muito mais rapidez quando fazem algo errado.

Foi só quando minha filha mais velha completou 10 anos que percebi o que eu estava fazendo. Li um livro chamado *The One Minute Manager* [Gerente minuto], no qual os autores estimulam os líderes a analisarem seus empregados num esforço de “pegá-los fazendo algo certo” para então poderem oferecer a eles valorização e encorajamento. Esta frase mudou as coisas para mim, fazendo-me adotar um novo lema como pai: “Tente pegar seus filhos fazendo algo certo”.

Quando eu via Sean colocando o lixo fora, dizia:

– Sean, obrigado por se lembrar de tirar o lixo.

Quando pegava Kelly fazendo a lição de casa, eu dizia:

– Querida, gosto da maneira como você estuda.

Quando entrava no quarto e encontrava Katie recolhendo seus brinquedos, eu disparava:

– Katie, realmente gosto da maneira como você cuida de suas coisas!

Essa técnica de tentar pegar meus filhos fazendo algo certo influenciou bastante minha atitude em relação aos meus filhos, e creio que isso

reforçou comportamento positivo neles.

Tentei implementar essa prática especialmente em relação a atitudes e comportamentos honestos. Tentei pegar meus filhos sendo honestos para poder recompensá-los. Não precisava ser uma demonstração heroica de honestidade. Podia ser simplesmente pagar a quantia correta ao caixa, admitir que uma obrigação fora negligenciada ou pagar imediatamente uma dívida. Então eu dava boas porções de reconhecimento e recompensas ocasionais, como uma noite de toque de recolher mais tarde ou um bônus na mesada semanal, enfatizando: “Eu valorizo sua honestidade”.

Compartilhar os benefícios da honestidade

Também eu aproveitava cada oportunidade para imprimir em meus filhos formas pelas quais a honestidade e a integridade nos protegem e nos proveem. Tentei mostrar-lhes como os padrões de Deus de honestidade, longe de feri-los ou atrasá-los no mundo, podiam de fato produzir benefícios substanciais. Eu lhes mostrei, por exemplo, que o jovem que dá importância ao padrão de Deus de honestidade estará protegido do fardo da culpa. Ao ser honesto, você não precisa estar sempre apreensivo.

Tentei inculcar neles o fato de que o jovem cristão que *não entrega sua vida à mentira, nem jura com engano* colherá a recompensa de ser *limpo de mãos e puro de coração* para com Deus (Sl 24.4).

Tentei ajudá-los a ver como um hábito de honestidade pode proteger uma pessoa do constrangimento e da vergonha resultantes quando sua farsa é descoberta.

Tentei ajudar meus filhos a reconhecer que a recompensa pelo engano é vazia e breve, enquanto a sensação de realização que vem com o sucesso honesto é gratificante e duradoura.

Também tentei ajudá-los a ver como o padrão de Deus de honestidade proporciona uma reputação de integridade. *É muito melhor ter um bom*

nome do que grandes riquezas, diz a Bíblia, e ser estimado é melhor do que a prata e o ouro (Pv 22.1).

Tentei ajudá-los a compreender como o padrão de Deus de honestidade protege e enriquece os relacionamentos. O próprio fundamento dos relacionamentos é construído sobre a confiança. E confiança simplesmente não sobrevive na atmosfera de engano. O elemento confiança é indispensável na construção de qualquer relacionamento bem-sucedido e duradouro. Ele reforça os votos conjugais e os acordos comerciais com um elemento reconfortante, fortalecedor. Quis que meus filhos reconhecessem que um firme fundamento de confiança enriquece e melhora a qualidade de seus relacionamentos, fornecendo algo que o dinheiro não pode comprar – e que a desonestidade não pode obter.

Ajudar os filhos a incorporar o padrão divino de honestidade

Ajudar nossos filhos a incorporar o padrão divino de honestidade é prioridade para qualquer pai que procura refletir a imagem de Deus, o Pai. Nossos filhos podem ver valores santos em nossa vida e nos ouvir falar com convicção, mas, a menos que incorporem eles mesmos esses valores, estarão vulneráveis à acomodação.

Nossos filhos podem ter as respostas certas, mas as atitudes erradas. Nosso objetivo deve ser nutrir motivação interna que os conduza a honrar Jesus Cristo e a viverem de forma responsável, produtiva, que coloque em prática a obediência como resultado do relacionamento com Deus (Jo 14.21-24).

Incorporar valores é um processo que começa com *informação*. Passo muito tempo tentando transmitir informação a meus filhos, ensinando-os sobre honestidade e compartilhando seus benefícios.

Mas não para aí. *Interação* com a verdade é o próximo passo no processo. Encorajei meus filhos a testarem fatos para checarem se eram válidos e aplicáveis a várias situações. É onde você, pai, pode estar

essencialmente envolvido ao falar com bondade, ponderação e entusiasmo com seus filhos. Questione seus filhos, encoraje-os a questionar. Busque novos conhecimentos, novos fatos, novas verdades. Não faça isso *por* seus filhos, mas *com* eles, guiando-os a formar convicções sobre sólidos fundamentos.

O terceiro passo, após transmitir informação e encorajar a interação com a verdade, envolve *aplicar* os resultados da informação e da interação ao estilo de vida deles. Tentei ajudar meus filhos a permanecerem no que haviam sido ensinados ou no que tinham descoberto por si mesmos mediante cuidadosa verificação e experiência. Eu fazia perguntas como: “De que maneira isso afeta seu comportamento diário?” ou “Isso tem algum impacto em como você dirige, em como você realiza o seu trabalho ou em como você responde aos seus professores?”

Novamente, esse processo de incorporação envolve: 1) transmitir informação; 2) interagir com a verdade mediante a investigação; 3) agir em verdade de alguma forma tangível. Trata-se de um processo que dura a vida toda.

A formação de valores só começa realmente nos primeiros anos da adolescência. As crianças mais novas simplesmente não têm a maturidade mental para processar ideias abstratas. Mas, se o pai for um exemplo e ensinar o padrão divino de honestidade durante os primeiros anos, os filhos armazenarão esses recursos para uso futuro. À medida que as crianças entram nos anos da adolescência, o processo de ajudá-las a incorporar e a personificar os padrões de Deus se torna mais interativo.

Outro importante princípio que eu gostaria de compartilhar com você é: o sistema de valores dos nossos filhos não precisa ser uma duplicata exata do nosso sistema de valores. Nosso objetivo não é fazer clones de nós mesmos. Seus filhos são pessoas únicas e distintas. Eles podem ter ideias diferentes sobre certos assuntos, nutrir sentimentos mais fortes em outros assuntos e talvez simplesmente discordar de nós às vezes, embora ainda

sigam as mesmas linhas bíblicas de orientação. Se o relacionamento deles com o Senhor for sólido, e se eles não contrariarem um padrão bíblico evidente, dê-lhes a liberdade de pensar de forma diferente de você. Feliz é o filho cujos pais também respeitam seus valores – ou pelo menos seu direito de tê-los.

As sete estratégias discutidas neste capítulo – ser um exemplo de honestidade, cultivar a sensibilidade e a transparência, ensinar, estimular, recompensar a honestidade, compartilhar seus benefícios e ajudar os filhos a incorporarem o padrão divino de honestidade – podem ser um longo caminho para que você (com a ajuda de Deus) possa ser o tipo de pai que deseja ser.

Essas estratégias ajudarão você a criar filhos que se tornem homens e mulheres íntegros, cuja reputação de honestidade ganharão o respeito e a consideração de outros, filhos que reconheçam o valor da realização honesta, bem como o vazio do ganho desonesto. Elas ajudarão você a criar filhos que evitem as consequências da desonestidade e lhe permitirão desfrutar a maior das recompensas da honestidade – filhos que podem ser confiáveis.

Essas estratégias ajudarão você a criar filhos que reflitam a imagem de seu pai terreno, bem como de seu Pai celestial.

Para reflexão, discussão e ação

1. Como seus filhos responderiam às perguntas que Josh fez a Kelly no início deste capítulo? Planeje algum momento nesta semana para propor essas perguntas a cada um de seus filhos, orientando-os a uma compreensão de Deus como a fonte da verdade.
2. O que você está fazendo para ser um exemplo de honestidade para seus filhos? Existem áreas nas quais você tem sido menos que

honesto? O que você precisa mudar nessas áreas? Seja específico.

*3. Selecione pelo menos uma das sugestões presentes na seção em “Ensinar a honestidade” para, nesta semana, inculcar ou reforçar em seus filhos a compreensão de que a honestidade é realmente a melhor política.

*4. Tente identificar um ato de honestidade praticado por seus filhos nesta semana e então use-o como uma oportunidade de expressar reconhecimento, recompensando-os pela honestidade demonstrada.

5. Complete as seguintes sentenças:

Certa vez paguei o preço da desonestidade quando

Certa vez colhi os benefícios da honestidade quando

Esteja preparado, se a oportunidade surgir, para compartilhar de forma honesta e franca com seus filhos as experiências que você listou anteriormente como ilustrações das consequências da desonestidade e dos benefícios da honestidade.

1 “Top High School Students Admit They Have Cheated” [Alunos de escola de ensino médio de ponta admitem ter trapaceado]. História da Associated Press que apareceu no *Hamilton Jornal-News* (20 de outubro de 1993).

2 Barna, George. *The Invisible Generation* [A geração invisível]. Glendale, CA: Barna Research Group, 1992, p. 81.

3 Rainey, Dennis. *Pulling Weeds, Planting Seeds* [Arrancando ervas daninhas, plantando sementes]. San Bernardino, CA: Here’s Life Publishers, 1989, p. 29-30.

O pai confiável

O filme *Hook*, de Steven Spielberg, uma nova versão da história de Peter Pan, contém uma cena que toca um ponto sensível no coração e na mente de muitas crianças.

Peter Banning, personagem representada por Robin Williams, é um bem-sucedido empresário cheio de muitas responsabilidades. Peter recebe um importante telefonema na noite anterior a uma viagem da família para a Inglaterra. Ele então programa uma decisiva reunião de negócios para a manhã seguinte, que é também a manhã da partida final – e mais importante – da temporada de beisebol de seu filho. Seu filho Jack volta-se para ele e o lembra da importância do jogo.

– Estarei lá – diz o pai, insistindo em que a reunião será breve. – Minha palavra é minha garantia.

Na manhã seguinte, como a reunião de Peter se prolonga, ele manda um empregado ir ao jogo com uma câmera de vídeo, instruindo-o a gravar “o que eu estou perdendo”.

O empregado chega quando Jack se dirige ao *home plate* para sua última tacada ao bastão. O menino se vira para dar uma olhada rápida às arquibancadas à procura do pai e, ao contrário, vê o homem com a câmera de vídeo sentado ao lado de sua mãe. Um olhar de decepção nubla a face de Jack. Ele se vira, encara o arremessador, e é eliminado.

Peter chega mais tarde ao estacionamento, encosta bruscamente o carro e sobe apressado a colina de onde avista o campo de beisebol. O campo está vazio. Todos já foram embora.

Mais tarde, naquele dia, a família toma um avião para Londres, e, no voo, a filha de Peter mostra uma ilustração ao pai.

– Veja o que Jack desenhou – ela diz, segurando o desenho de um avião consumido em chamas, mergulhando em direção ao oceano. Quatro pessoas estão caindo no ar ao lado do avião. Somente três usam paraquedas.

Peter se vira para o assento de seu filho, que está ricocheteando uma bola de beisebol do compartimento de bagagem acima do seu assento.

– Por que eu não tenho um paraquedas, Jackie? – Peter pergunta.

– Adivinhe – responde seu filho.

Após alguns momentos, Peter diz:

– Jack, na próxima temporada, eu vou aos seis jogos.

– Certifique-se de comprar fitas de vídeo suficientes – responde o menino asperamente.

– Eu prometo – insiste o pai. – Minha palavra é minha garantia.

– Sim – Jack responde. – Garantia sem valor.

Essas cenas são pungentes porque soam terrivelmente familiares. Quantos pais que amam seus filhos não os decepcionam, magoam e exasperam ao lhes fazer promessas que não cumprem? Quantos filhos conheceram esperanças frustradas e desgostos inacreditáveis causados por promessas quebradas pelo pai?

Esse não é o tipo de pai que eu quero ser. Quero cumprir minhas promessas a meus filhos. Quero que eles confiem em mim, que creiam quando eu lhes disser algo, quero que me vejam como um cumpridor de promessas, um homem de palavra, um homem que faz o que diz que fará.

Quero ser o tipo de pai que o meu Pai é.

O PAI CONFIÁVEL

Deus é totalmente confiável no que se refere às suas promessas. Isso pode soar elementar, mas é fundamental para desenvolver um conceito saudável

de Deus – e para um conceito saudável de paternidade. Nosso Pai é o supremo cumpridor de promessas. A fidelidade flui de sua natureza:

A bondade do SENHOR é a razão de não sermos consumidos, as suas misericórdias não têm fim; renovam-se a cada manhã. Grande é a tua fidelidade (Lm 3.22,23).

Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim. Portanto, também é por meio dele que o amém é dado para a glória de Deus por nosso intermédio (2Co 1.20).

E estou certo disto: aquele que começou a boa obra em vós irá aperfeiçoá-la até o dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

Deus cumpre todas as promessas. O relacionamento que temos com o Pai repousa em fé e confiança. O rei Davi, que passou muito tempo de sua vida enfrentando inimigos e combatendo batalhas, sabia onde depositar sua confiança. *Uns confiam em carros, outros, em cavalos, mas nós invocaremos o nome do SENHOR, nosso Deus (Sl 20.7).* Davi sabia que seu Pai era fiel, confiável. Sabia que o que seu Pai dizia, seu Pai faria.

Assim como Davi, podemos confiar em Deus porque ele é sempre digno de confiança. Mesmo quando quebramos nossas promessas, ele ainda nos ama e cumpre suas promessas. *Se somos infiéis, ele permanece fiel; pois não pode negar a si mesmo (2Tm 2.13).* Em outras palavras, a lealdade e a confiabilidade são parte intrínseca da natureza de Deus. Ele não pode ser de outra forma, porque isso contradiz quem ele é. Seria como se ele negasse a si mesmo.

Esse é o tipo de pai que eu quero ser – o tipo de pai que mantém suas promessas, atrai a confiança de seus filhos e premia essa confiança. Quero ser o tipo de pai que faz o que promete, cujos filhos se tornam seguros e confiáveis em razão de sua influência sobre eles.

Isso é pedir muito, eu sei. Sei também que não estou à altura da tarefa. Mas meu Pai está. E, quanto mais eu dependo dele e ando com ele diariamente, mais me torno como ele nos pontos discutidos a seguir.

Levar a sério as promessas

Muitos de nós cometemos erros e quebramos promessas como pais porque não reconhecemos a seriedade das promessas anunciadas a nossos filhos. Não vemos o grave efeito que promessas quebradas (e cumpridas) têm sobre eles.

O dr. James L. Schaller, em seu livro *The Search for Lost Fathering* [À procura da paternidade perdida], fala de um homem que passou o dia inteiro pescando com seu filho. À noite, o pai – um homem influente, detentor de poder nos corredores da nação – registrou em seu diário: “Hoje, fui pescar com meu filho. Um dia perdido”.

Seu filho também possuía um diário, no qual registrou suas reflexões ao retornar para casa naquela noite. A *sua* anotação com relação ao dia foi bem diferente: “Fui pescar com meu pai, hoje – o melhor dia da minha vida”.¹

Aquele pai aparentemente não tinha ideia do verdadeiro poder de que dispunha, porque era incapaz de enxergar as coisas a partir da perspectiva do seu filho. Aprendi que, quando me empenho em ver as coisas através dos olhos dos meus filhos, começo a apreciar a importância das minhas promessas. Quando me empenho em ver pelos olhos dos meus filhos, percebo o que é para eles uma promessa não cumprida. O sentimento é: “Papai tem coisas mais importantes com que se preocupar”, “Papai não está interessado no que eu estou fazendo”, “Eu não sou tão importante”, “Eu não sou tão bom”.

Dessa perspectiva, não é difícil ver como as minhas promessas são importantes e como devo encará-las com seriedade.

Cumprir as promessas feitas aos nossos filhos

É fácil dizer que devemos cumprir as promessas feitas aos nossos filhos. Todos nós queremos fazer isso. Sabemos que devemos. Mas outra coisa bem diferente é ir em frente.

Percebi há muito tempo que, ao olhar para minha vida, eu me julgo com base em minhas intenções. Mas isso não significa necessariamente

que eu tenha cumprido minhas responsabilidades. Como alguém observou, a estrada para um lugar quente, desagradável e de proporções bíblicas é pavimentada com “boas intenções”.

Meus filhos não me julgam por minhas intenções, mas por minhas ações, pela maneira *sigó em frente* com base em minhas intenções. Não importa a minha *intenção* de passar tempo com meus filhos se eu não concretizo essa intenção com ações. Não importa que eu *pretenda* cumprir minhas promessas se eu não agir de acordo com essa aspiração.

Uma das coisas que tem me ajudado a cumprir promessas feitas a meus filhos é a percepção de que existem dois tipos de promessas: as *implícitas* e as *explícitas*. Os dois tipos são extremamente importantes. E, quanto mais consigo tornar explícitas as promessas implícitas, mais ajudo a mim mesmo e aos meus filhos.

Por exemplo, algumas das promessas implícitas que decorrem do fato de ser pai são amar nossos filhos, protegê-los, suprir suas necessidades físicas e dar-lhes o conhecimento e a orientação necessários para se tornarem adultos idôneos. Em muitas famílias, essas promessas são presumidas e implícitas.

Tenho tentado, entretanto, transformar essas promessas implícitas em promessas explícitas.² Sim, eu dizia aos meus filhos que faria determinadas coisas para eles, mas acrescentava outras promessas explícitas como: “Prometo colocá-los na frente do meu trabalho” e “Prometo ouvi-los sempre que vocês tiverem um problema e precisarem conversar a respeito”.

No entanto, ao me esforçar para tornar explícitas as promessas implícitas, aprendi muito a respeito de promessas que meus filhos esperam que eu cumpra. Aprendi, por exemplo, que, na mente deles, uma promessa de protegê-los do mal inclui não denegri-los ou queixar-me deles a outras pessoas, que é uma justa expectativa – uma promessa que pretendo cumprir. Também tenho tido a oportunidade de esclarecer

minhas promessas a meus filhos. Expliquei, por exemplo, que a minha promessa de suprir suas necessidades físicas não necessariamente significava a garantia de que eles acompanhariam o ritmo de todas as mudanças de estilo e competiriam com os guarda-roupas de seus amigos.

O pai que esclarece suas promessas aos filhos e se compromete em sistematicamente cumpri-las, dará a eles um presente inestimável – um pai que é fiel, seguro e digno de confiança.

Cumprir as promessas feitas a Deus

Os filhos aprenderão duas coisas (entre muitas outras) observando o relacionamento do pai com Deus. Aprenderão se podem confiar em *Deus* e se podem confiar no *pai*.

Se meus filhos me veem colocando toda a minha confiança em minha conta bancária, ou nas boas obras, ou em qualquer outra coisa diferente de Deus, eles podem concluir que Deus não é confiável. De modo oposto, se eles me veem entregando a minha vida e minha família aos cuidados de Deus, apoiando-me em sua força, confiando em seu cuidado e crendo em suas promessas, a probabilidade é que eles venham encarar Deus como um Deus confiável.

Meus filhos também podem obter pistas do meu relacionamento com Deus para saber se sou confiável. Se eles me observam tratando de forma leviana minhas promessas a Deus, ou quebrando meus juramentos a ele, podem ser levados a duvidar da minha confiabilidade. Se rotineiramente faço promessas a Deus e deixo de cumpri-las, meus filhos não podem esperar nada melhor em meu relacionamento com eles. O resultado, claro, será um desgaste de confiança.

Não é isso o que eu quero, claro, e imagino que tampouco é o que você deseja. Quero que os meus filhos me vejam cumprindo as promessas a Deus por sua graça e poder:

Que darei ao SENHOR por todos os benefícios que ele me tem dado? [...] Cumprirei meus votos ao SENHOR, na presença de todo o seu povo (Sl 116.12,14).

Quero cumprir meus votos ao Senhor na presença de todo o seu povo... incluindo meus filhos.

Cumprir as promessas feitas aos outros

Um amigo meu compartilhou uma experiência com seu filho Jordan, aluno do quinto ano, que me fez lembrar a importância de cumprir as promessas feitas a outras pessoas.

Dois amigos íntimos de Jordan estavam passando simultaneamente pela luta do divórcio dos pais naquele momento particular. E, certa noite, após Jordan ter ido dormir, seus pais começaram uma acalorada “discussão” que ele podia ouvir do seu quarto. Durante anos, esses pais haviam evitado confrontos irados na frente dos filhos, mas naquela ocasião não perceberam que Jordan ainda estava acordado e podia ouvir tudo. Em meio à discussão, a mãe virou-se e notou o filho sentado à entrada do quarto com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Mãe e pai instantaneamente interromperam a discussão. O pai pegou o filho e perguntou:

– Jordan, você estava tendo um pesadelo?

Jordan soluçava muito, só conseguindo perguntar entre soluços:

– Papai, quando você e mamãe vão se divorciar?

– O que faz você pensar que vamos nos divorciar? – o pai perguntou.

– John e James dizem que seus pais brigam muito – ele sussurrou, com o medo estampado na face –, e agora você e mamãe estão brigando.

Naquele momento, os pais se acalmaram rapidamente. A raiva do casal se desfez, e eles aproveitaram aquele “momento de ensino” para dizer a Jordan quanto o casamento deles era importante. Disseram-lhe que se amavam, que haviam feito promessas um ao outro ao se casarem e que pretendiam cumpri-las.

O pai que quebra as promessas feitas à esposa, aos amigos ou aos sócios terá dificuldades em construir confiança num filho. Mas o pai que

mantém suas promessas aos outros encorajará e aumentará o espírito de confiança entre seus filhos.

Prestar contas

Surpreendo muitos pais quando os aconselho a prestar contas aos próprios filhos.

Muitos pais consideram minha sugestão um pouco radical, talvez até subversiva. Eles olham para mim como se eu estivesse lhes mostrando a língua e girando os olhos loucamente. Afinal, espera-se que os filhos prestem contas aos *pais*, e não o contrário. Mas creio sinceramente que prestar contas aos filhos é uma das formas mais eficientes de cumprir promessas e construir confiança entre pai e filho. Não estou sugerindo, agora, que você coloque seu filho no comando – longe disso! Minha recomendação é no sentido de você ser humilde e submisso o suficiente para dar a seus filhos permissão de lhe pedirem contas quando você quebrar uma promessa.

Quando Kelly completou 7 anos, incluí em seu cartão de aniversário uma anotação especial que dizia:

Querida Kelly, tenho certeza de que amo você. Considero uma grande alegria ser seu pai, mas você sabe que precisarei da sua ajuda este ano. Nunca fui pai de uma filha de 7 anos antes. Quero apenas ser o melhor pai para você. E, se você alguma vez sentir que não estou fazendo a coisa certa ou sendo justo, amoroso ou atencioso, por favor me avise.

Fiz o mesmo com Sean, Katie e Heather, sucessivamente. Tenho tentado ser responsável diante de cada um dos meus filhos. Pedi a participação deles para me ajudarem a cumprir minhas promessas, e, como resultado, eles se tornaram quatro dos meus mais valiosos conselheiros.

Claro, prestar contas a nossos filhos pode se tornar desconfortável. Quando minha filha Katie completou 10 anos, ela me confrontou no meu retorno de uma de minhas muitas viagens.

– Papai – ela disse –, você não está sendo justo comigo.

Ora, uma das promessas aos meus filhos que tento cumprir é ser justo com eles. Por isso, pedi mais esclarecimentos:

– O que você quer dizer, querida?

– Quando você volta de viagem – ela disse –, você sai com Kelly, Sean e Heather, mas não comigo.

– É verdade? – indaguei. Aquilo foi uma total surpresa para mim.

– Sim – ela respondeu com firmeza. Depois sua expressão se abrandou, e ela perguntou: – Você pode almoçar comigo hoje?

Bem, pode ter certeza de que, naquele dia, fui almoçar com minha filha de 10 anos. A consequência da minha disposição de prestar contas a ela ficou visível no meu reconhecimento – e na correção – de um erro que eu estava cometendo.

É esse o sentido de prestar contas. Cumprir promessas feitas aos nossos filhos é uma tarefa difícil. (Se fosse fácil, a maioria de nós cumpriria, não é verdade?) É uma tarefa que requer a ajuda de Deus, certamente. E também é um desafio no qual nossos filhos podem nos ajudar. E, acredite em mim, se você lhes der essa oportunidade e responsabilidade, eles ajudarão.

As ideias deste capítulo não somente ajudarão você a ser o tipo de pai que encoraja a confiança de seus filhos e que faz o que diz que fará. Elas também o ajudarão a se tornar o pai de filhos confiáveis, fiéis e leais por causa da sua influência. Por meio de sua confiança no Espírito Santo de Deus e de sua dedicada aplicação das ideias sugeridas, seus filhos podem se tornar, eles mesmos, cumpridores de promessas – homens e mulheres em cuja palavra é possível confiar e em cujas promessas é possível acreditar.

Para reflexão, discussão e ação

1. Qual foi a última vez que você quebrou uma promessa feita a um de seus filhos? (Se você não consegue se lembrar, pergunte a eles!) O

que você acha que o não cumprimento dessa promessa transmitiu a seus filhos? (Novamente, se não souber, pergunte a eles!)

2. Use o espaço a seguir (ou uma folha de papel separada) para listar qualquer promessa implícita que você tenha feito a seus filhos:

3. Quais das promessas implícitas citadas anteriormente você deve tornar explícitas? Assinale aquelas que você considera mais importantes.

- *4. Use o espaço a seguir (ou uma folha de papel separada) para listar promessas explícitas que você tem feito a seus filhos:

- *5. Planeje prestar contas a seus filhos esta semana. Como você fará isso? (Converse com seus filhos individualmente, converse com eles em grupo, escreva anotações dando-lhes permissão para ajudá-lo a cumprir suas promessas.)

¹ SCHALLER, James L. *The Search for the Lost Fathering* [A procura da paternidade perdida]. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1995, p. 142-143. (Nota: Gordon MacDonald, em seu livro, *The Effective Father* [O pai efetivo], atribui essa história à vida de James Boswell, famoso biógrafo de Samuel Johnson, cujo pai foi um ilustre juiz.)

² Duas fontes que podem ser úteis a um pai que deseje definir claramente suas promessas a seus filhos são: *Tell Me the Promises* [Diga-me as promessas], de Joni Eareckson Tada e Ron DiCianni. Wheaton, IL: Crossway Books, 1996 e *A Father's Covenant: 173 Promises for Consideration and Reflection* [Um compromisso de pai: 173 promessas para consideração e reflexão], de Stephen Gabriel. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1996.

O pai que conforta e apoia

Aos 14 anos de idade, Amy se lembra nitidamente da primeira vez que seu pai foi rude com ela. E isso aconteceu quando ela ainda tinha 5 anos.

Uma tempestade com trovões do lado de fora da janela do seu quarto a acordou no meio da noite. Assustada com a escuridão e o estrondo dos trovões, ela pulou da cama e correu chorando para o quarto dos pais.

Amy se acomodou ao lado da cama dos pais e chamou baixinho pela mãe. Antes que sua mãe pudesse responder, porém, seu pai acordou e disse, bravo por ter sido acordado: – O que você está fazendo fora da cama? Volte para o seu quarto.

– Mas, pai, estou assustada – ela respondeu, chorando mais forte.

– Não quero ouvir isso. Você já é grande e é hora de começar a agir como uma moça.

Amy lançou um olhar suplicante para sua mãe, que estava sentada na cama, mas esta apenas fixou o olhar no chão.

– Você me ouviu? – gritou seu pai, fazendo Amy dar um pulo. – Eu disse para você voltar para a cama. E não nos incomode mais.

Amy saiu do quarto dos pais e foi até o banheiro. Acendeu a luz, trancou a porta atrás de si e passou o resto da noite na banheira, chorando e tremendo a cada estrondo do trovão.

Essa mesma cena se repetiu várias vezes até Amy aprender a não esperar conforto de seu pai. Até a idade de 10 anos, ela passou noites de tempestade chorando na banheira, com as luzes acesas e a porta trancada.

O pior de tudo é que a história de Amy é verdadeira. Ela superou o medo de tempestades, mas ainda sofre os resultados da falta de apoio que esperava de seu pai.

O resultado desse tipo de experiência pode ser devastador. De acordo com os drs. David Ferguson e Don McMinn, do Center for Marriage and Family Intimacy, uma pessoa cuja necessidade de conforto e apoio não é atendida pode sentir-se desencorajada, sozinha, vazia e excessivamente tímida. Tal pessoa é mais propensa à promiscuidade, ao medo do fracasso, à fraqueza em relação à vida e à orientação obsessivo-compulsiva.

O jovem que não tem a experiência do conforto e apoio do pai terá mais dificuldade em lidar com os sentimentos de insegurança e em resistir à prejudicial pressão das colegas. Pode até experimentar dificuldade na formação de amizades saudáveis e, com grande probabilidade, sucumbirá à pressão de tornar-se sexualmente ativo, num esforço para atender a essas necessidades emocionais.

Do lado positivo, um jovem que *de fato* recebe o conforto e o apoio do pai tem mais probabilidade de sentir-se amado, agradecido e esperançoso – e de ser carinhoso, compassivo, positivo, generoso, sensível e autoconfiante.¹

Ao mesmo tempo que lamento a conduta do pai de Amy, devo admitir que houve momentos em que deixei de dar o conforto e o apoio de que meus filhos precisavam. Mas esse não é o tipo de pai que você ou eu queremos ser. Queremos ser o tipo de pai que está disposto a dar aos filhos conforto e apoio, e que responde com sensibilidade aos temores e sofrimentos dos filhos. Queremos ser o tipo de pai que, por meio de conforto e apoio, prepara os filhos para resistirem à nociva pressão das colegas, combater a insegurança, construir amizades saudáveis e ganhar o respeito e a admiração dos colegas.

Queremos ser o tipo de pai que o nosso Pai é.

A natureza e o caráter do nosso Pai celeste revela que o pai cristão é aquele que conforta e apoia os filhos nas provações e dificuldades da vida. *Os justos clamam*, diz a Bíblia, *e o SENHOR os ouve; livra-os de todas as suas angústias. O SENHOR está perto dos que têm o coração quebrantado; ele salva os de espírito arrependido* (Sl 34.17,18).

Ele é o *Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus* (2Co 1.3,4).

O nosso modelo de Pai é o Pai de compaixão e de todo conforto. Ele responde às nossas crises e calamidades não com impaciência e indignação, mas com conforto e apoio. Ele sabe que, em tempos de dificuldade, ajuda imensamente ter alguém em quem confiar, em quem encontrar força, de quem podemos obter sábio conselho.

O conforto de Deus se estende a todas as nossas dificuldades. Ele nos conforta e nos apoia quando sofremos perseguição por causa do seu nome e quando sofremos as consequências do nosso comportamento estúpido. Ele nos conforta quando menos merecemos e quando passamos por alguma dificuldade que nós mesmos provocamos. Ele nos apoia quando estamos fracos e nos conforta quando caímos.

Ele cuidará do seu rebanho como um pastor; recolherá nos braços os cordeirinhos e os levará no colo; guiará mansamente as que amamentam (Is 40.11).

Nosso Pai nos conforta e nos apoia mesmo quando precisa nos disciplinar. O salmista Davi escreveu: *Tua vara e teu cajado me tranquilizam* (Sl 23.4). O cajado do pastor era usado como um instrumento de conforto e apoio, levantando os recém-nascidos, reunindo os cordeiros e guiando as ovelhas pelas rotas perigosas e difíceis. A vara, por outro lado, era um instrumento de defesa e disciplina, usado para desviar ou subjugar os atacantes e para corrigir os animais do rebanho que fossem desobedientes ou recalcitrantes.² Contudo, os dois instrumentos – o cajado e a vara –

eram fontes de conforto para o salmista, porque ambos eram usados por um Pastor compassivo e apoiador.

Esse é o tipo de pai que devemos querer ser. Pela presença e pelo poder sobrenatural do Espírito Santo de Deus vivendo em nós e trabalhando por nosso intermédio, podemos refletir a natureza do Pai, confortando e apoiando nossos filhos em todas as suas dificuldades.

Foi fácil confortar minha filha quando ela chegou a casa após as aulas desapontada por ter tirado B em vez de A numa prova. Foi fácil apoiar meu filho quando ele não teve um desempenho brilhante no campo de futebol. É fácil confortar um filho que acaba de cair da bicicleta ou romper um noivado. Mas não é fácil oferecer conforto e apoio quando eles destroçam um carro por causa de alguma proeza irresponsável, quando fracassam num teste por não terem estudado, quando adiam as responsabilidades até o último minuto e então fracassam. Esses tipos de problemas – aqueles que eles mesmos provocam – tornam mais difícil para nós reagir de uma forma cristã. Mas é exatamente nesses momentos que nossos filhos mais precisam sentir nosso conforto e apoio.

Nossa tendência ainda é sermos exageradamente rígidos com nossos filhos. De vez em quando, recorremos rápido demais aos berros, às lições de moral e à censura. Mas podemos aprender a mostrar a imagem do nosso Pai ao confortar e apoiar nossos filhos, aprendendo novas maneiras de nos conformar à sua semelhança e novas técnicas de promover a imagem do Pai em nossa paternidade, como vemos a seguir.

Aceitar nossas limitações

Bob, um jovem pai, contou-me a respeito de seus esforços para ajudar sua filha de 6 anos a aprender a andar de bicicleta. Bob corria junto à bicicleta de Heather para equilibrá-la enquanto ela aprendia a coordenar as muitas ações envolvidas no andar de bicicleta: dirigir, pedalar, frear, equilibrar. No processo, entretanto, Bob acidentalmente soltou a bicicleta, o que acabou mandando Heather para o chão.

Ao relatar o incidente, Bob expressou seu desalento por ter “desapontado” sua filha. Ele realmente queria que Heather confiasse que o pai estaria lá, e que ela podia depender de seu apoio não somente naquela tarefa específica, mas em tudo.

Mas Bob não era perfeito. Nenhum de nós é.

Um dos segredos para nos tornarmos pais que confortam e apoiam os filhos é compreender e aceitar nossas limitações. Não podemos impedir que nossos filhos arranhem os joelhos, mas podemos estar prontos para levantá-los e beijar seus ferimentos. Não podemos impedir nossos filhos de cometer erros, mas podemos estar prontos para ajudá-los a *corrigir* seus erros. Não podemos proteger nossos filhos do desapontamento e da mágoa, mas podemos estar prontos para chorar e sofrer com eles. Não podemos consertar tudo o que der errado na vida deles, mas podemos aplaudir quando eles tiverem sucesso e animá-los quando fracassarem.

Não podemos fazer tudo por nossos filhos. Mas, se com a ajuda de Deus fizermos o que pudermos, isso será suficiente.

Reservar tempo

Uma das pessoas que respondeu à nossa pesquisa “Por que esperar?” escreveu uma composição sobre sua primeira atividade sexual. Em parte, o texto dizia:

Tive um mau dia na escola, e tudo o que eu queria era um pouco de tempo dos meus pais. Um simples abraço bastaria. Mas eles estavam muito ocupados, por isso recorri a um namorado para lidar com meus problemas. Uma coisa leva a outra, e agora estou envolvida sexualmente. Papai, mamãe, eu gostaria que vocês tivessem estado lá quando precisei de vocês.

Aquela jovem precisou de conforto após um dia difícil na escola e o buscou primeiramente em seus pais. No entanto, como seus pais estavam ocupados demais, ela buscou em outra parte.

Como eu disse antes, os filhos não soletram a palavra amor da mesma forma que os adultos. Eles soletram T-E-M-P-O. O pai que realmente

quer refletir a imagem do Pai de compaixão, do Deus de todo conforto, deve reservar tempo para os filhos.

Com certeza, nem sempre fui um paradigma de virtude nesta área. Numa ocasião em que eu estava concentrado na escrita de um livro durante nosso retiro de férias favorito no México, Kelly entrou e disse:

– Pai, você poderia me levar para fazer as unhas?

Eu estava em um momento de inspiração no trabalho, e meu primeiro pensamento foi: “Esta é a última coisa que preciso ouvir agora”.

Meu segundo pensamento foi: “Josh, pratique o que você prega”.

Meu terceiro pensamento foi: “Senhor, dá-me a atitude correta a respeito disso”.

Bem, coloquei meu trabalho de lado e levei minha filha para fazer as unhas, esperando que depois pudesse novamente pegar a “onda” em que estava surfando naquele momento da redação. Felizmente (minha esposa poderia dizer “Por incrível que pareça”), reconheci que não era apenas uma questão de ser o motorista pessoal de Kelly e levá-la a algum lugar. O que ela realmente queria era o meu tempo. E, como acabou acontecendo, tivemos um ótimo momento juntos e uma proveitosa conversa no trajeto de volta. De fato, os assuntos mais íntimos e sinceros que Kelly compartilhou comigo só apareceram perto do fim da nossa jornada nesse dia. Levou tempo para Kelly se abrir, e estou contente pelo tempo que pude dedicar a ela.

Kelly deve ter me agradecido três ou quatro vezes por tê-la levado para fazer as unhas. Penso que foi por ter reservado tempo para ela. Não somente comuniquei meu interesse por minha filha, mas também me coloquei em posição de oferecer-lhe conforto e apoio.

Avaliar suas necessidades

Meu amigo Norm Wakefield fala de uma ocasião em que uma de suas filhas se aproximava da época da formatura no ensino médio, um período em que o pai espera que uma adolescente esteja feliz e otimista. Mas Norm

observou que sua filha estava desanimada e quieta. Uma conversa revelou que ela se sentia desencorajada porque muitas colegas de classe estariam recebendo prêmios especiais e bolsa de estudos na formatura, enquanto ela não esperava receber nenhum reconhecimento.

Norm poderia ter feito muitas coisas. Poderia ter ignorado os sentimentos da filha. Poderia ter dito que ela estava sendo tola. Poderia ter tentado argumentar com ela. Mas ele reconheceu que nenhuma daquelas reações atenderia à necessidade da filha naquele momento.

– Eu não sabia o que dizer – ele conta agora, mas colocou os braços em torno dela, apertou-a e disse:

– Para mim, você é a número um.

O sorriso e o abraço de sua filha lhe disseram que ele não tinha se saído muito mal para quem não sabia o que dizer. A avaliação que ele fizera da necessidade da filha fora exata. Ela precisava de conforto. Precisava ouvir que, conseguindo ou não algum prêmio ou bolsa de estudos, alguém a tinha em alta estima.

Um pai que deseja oferecer conforto e apoio aos filhos precisa ser sensível às necessidades deles. Ouça com atenção o que eles dizem. Observe o que eles fazem. Mas não pare aí. Tente aferir que sentimentos e necessidades essas palavras e ações refletem. Um filho que diz “Você nunca faz nada comigo” pode estar expressando uma necessidade de atenção do pai. Um filho que olha para a arquibancada antes de cruzar a linha de chegada pode estar procurando apoio. Uma criança que faz birra quando fracassa pode estar clamando por conforto.

Não estou dizendo que precisamos desculpar comportamentos inadequados. *Estou* sugerindo que devemos notar – até mesmo antecipar – as necessidades de nossos filhos e responder não somente às palavras e ações deles, mas também às necessidades que os motivam.

Aprender a linguagem de conforto e apoio

Existem certas coisas de que uma criança *não* precisa quando está com medo, preocupada, decepcionada ou sofrendo. Uma vez que geralmente adoto uma abordagem cognitiva para os problemas (e as pessoas), meu primeiro instinto com relação a alguém que está sofrendo é racional (“Sabe, seu erro foi...” ou “Você sabe por que isso aconteceu, não sabe?”). Estou aprendendo, porém, que pessoas feridas raramente precisam de correção (“Que isto sirva de lição para você”), instrução (“Isto pode realmente edificar o seu caráter, se você o permitir”), conselho (“Se eu fosse você...”) ou inspiração (“Anime-se! Poderia ser muito pior, você sabe”).

Em vez de seguir meu primeiro instinto, aprendi que, na maioria das vezes, meus filhos precisam que eu esteja pronto a abraçá-los, a segurar as mãos deles, a sofrer com eles e a lhes mostrar que me importo. Aprendi que eles raramente precisam da minha correção e raramente lucram com meu conselho. Eles não precisam de um sermão; precisam de um ombro no qual possam chorar. Precisam de conforto e apoio. E quase sempre isso se manifesta melhor por meio da linguagem de conforto (“Sinto muito, querida”, “Eu sei que dói”, “Eu te amo”) e da linguagem de apoio (“Eu acredito em você”, “Vamos passar por isso juntos”, e “Estarei aqui o tempo todo”).

Às vezes, claro, é preciso oferecer disciplina ou correção quando o jovem está sofrendo as consequências de sua má conduta, mas a disciplina será muito mais eficiente quando o pai, em primeiro lugar, tiver oferecido conforto e apoio.

Vigiar a boca

Dan Benson, em seu livro *The Total Man*, relata como uma pesquisa entre progenitores revelou que mães e pais fazem, em média, dez comentários negativos aos filhos para cada comentário positivo. Todavia, ele observa: “Os especialistas em psicologia infantil acreditam que é preciso pelo

menos quatro observações positivas para compensar os danos à autoestima causados por um comentário negativo”.³

O pai que espera comunicar conforto e apoio a seus filhos deve estar consciente do poder de suas palavras para ajudar ou ferir. Se ele é sistematicamente sarcástico, condenatório ou crítico com as palavras, qualquer esforço para confortar e apoiar seus filhos será ineficiente. Em sua linguagem verbal e não verbal, ele está repetindo: “Afasto-me de mim”, “Não me aborreço”, “Prefiro a companhia dos adultos”, “Não tenho tempo para você”, “Acho que você é estúpido”, “Não gosto de você”, “Você é uma chateação”, “Não vou levar em conta seu ponto de vista ou seus sentimentos”. Isso o afasta de seus filhos e os força a procurar conforto e apoio em outra parte.

Entrar no mundo deles

Se você realmente quer que seus filhos sintam seu conforto e apoio, tente entrar no mundo deles. Torne sua missão descobrir no que eles estão interessados agora, do que eles gostam e com que tipo de amigos curtem a vida.

Muitos de nós esperamos que nossos filhos se comuniquem conosco no nosso nível. Esperamos que eles façam coisas que *nos* interessam, mas raramente ou nunca entramos no mundo deles e nos comunicamos da maneira que eles entendem.

Faz alguns anos, minha filha Kelly tinha uma amiga, e as duas me importunaram para “fazer” o meu cabelo.

– Ah, vocês realmente não querem arrumar o meu cabelo – insisti.

– Vamos lá, papai – Kelly implorou.

Eu realmente não queria aquelas garotas me usando como cobaia, mas reconheci uma oportunidade de entrar no mundo delas.

– Está certo – eu disse finalmente. – Vocês podem arrumar o meu cabelo do jeito que quiserem, mas não podem cortá-lo nem tingi-lo, e vocês duas têm de concordar em almoçar comigo mais tarde.

– Combinado! – elas gritaram em uníssono. E, durante uma hora inteira, elas usaram creme para cabelo, secador e alguns outros instrumentos que não reconheci à primeira vista. Quando terminaram, o meu cabelo apontava em todas as direções. Eu parecia um disco voador, pronto a decolar para um planeta distante. Quando olhei no espelho, pensei duas vezes na segunda parte do trato. Eu realmente queria sair para almoçar em público? Só esperava que ninguém me reconhecesse.

Quando entramos na *pizzaria* (com óculos escuros e tudo), as garotas pararam cerca de um metro e meio atrás de mim porque não queriam que ninguém soubesse que estavam comigo. As pessoas olharam para mim, e uma mulher revirou os olhos várias vezes, mas pelo menos ninguém chamou a polícia. E tivemos um momento muito divertido.

Agora, não pense que essa experiência foi particularmente estimulante ou encorajadora para minha filha. Mas, junto com outras coisas como encontros, batalhas com balão de água, festa da pipoca na banheira e semelhantes, isso me ensinou muitas coisas sobre meus filhos que me capacitaram a oferecer conforto e apoio quando eles precisaram. Ao entrar no mundo deles sempre que possível, aprendi a ler seus temperamentos, a compreender seus sentimentos e a perceber suas lutas que de outra forma não teria sido possível.

A habilidade de oferecer conforto e apoio não é como um aparelho de TV, algo que você simplesmente liga quando necessário. É mais como um jardim. Requer cultivo e cuidado constante para que, quando chegar o momento – em geral, imprevisível –, o fruto do seu trabalho possa ser colhido.

Oferecer conforto e apoio a seus filhos terá um efeito de longo alcance, tanto neles como em você. Você será capaz de vê-los resistir à perniciosa pressão dos colegas, confiante de que podem encontrar amplo apoio e conforto quando precisarem em sua casa. Você os verá desenvolver relacionamentos saudáveis nos quais eles podem não apenas receber, mas

também dar. Você os observará – e cada vez mais à medida que crescerem – ganhar o respeito e a admiração dos colegas (e o seu também) à medida que eles se tornarem homens e mulheres capazes e confiantes, que sabem que, aconteça o que acontecer na escola, no trabalho ou na igreja, podem encontrar conforto e apoio no pai deles.

Para reflexão, discussão e ação

1. Reveja a lista a seguir e considere se seus filhos reproduzem algumas dessas características (assinale qualquer que se aplique):
 - ☐ desencorajado
 - ☐ solitário
 - ☐ tímido
 - ☐ promíscuo
 - ☐ temeroso do fracasso
 - ☐ obsessivo-compulsivo
 - ☐ inseguro
 - ☐ desocupado
 - ☐ vulnerável à pressão dos colegas
 - ☐ vulnerável à pressão sexual
 - ☐ suscetível a amizades prejudiciais
 - ☐ enfasiado com a vida

2. Se você marcou alguma das características anteriores, acha que esse sentimento ou dificuldade pode estar relacionado à ausência de conforto e apoio de sua parte? Em caso positivo, quais delas?

3. Você pode identificar alguma ocasião em que deixou de dar conforto e apoio a um filho? É possível corrigir essa falha? É necessário pedir o perdão desse filho?

- *4. No espaço a seguir, faça uma lista das formas com que você pode começar a oferecer conforto e apoio a seus filhos. Depois identifique um passo que você pode dar nesta semana, circulando-o.

- *5. Imagine eventos futuros que acontecerão na vida dos seus filhos. Em que momento você acha que eles mais podem precisar do seu conforto e apoio? O que você pode fazer agora para antecipar e se preparar para esses momentos?

¹ FERGUSON, Dr. David; MCMINN, Dr. Don. *Top 10 Intimacy Needs* [As 10 necessidades mais íntimas]. Austin, TX: Intimacy Press, 1994, p. 52-53.

² V. o clássico de Phillip Keller, *A Shepherd Looks at Psalm 23* [Um pastor olha para o Salmo 23] para mais uma descrição da vara e do cajado do pastor (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1970).

³ BENSON, Dan. *The Total Man*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1977, p. 183.

O pai como refúgio

Denise, filha de um grande amigo meu, certa vez teve uma discussão séria com uma de suas professoras no ensino médio. A professora havia acusado Denise de algo que ela não havia feito e, apesar da falta de evidências, ameaçara puni-la severamente até com suspensão. Denise alegou inocência repetidas vezes, mas a professora insistiu, determinada que estava a aplicar a punição. A garota, porém, se manteve firme.

– Quero telefonar para o meu pai – ela insistiu, magoada e assustada.

– Vamos fazer isso agora mesmo, não vamos? – disse a professora, presumindo que o pai de Denise ficaria envergonhado e com raiva pela suposta culpa da filha.

A professora então escoltou Denise até a secretaria da escola e ficou ao lado enquanto ela telefonava para o pai e explicava a situação.

– Ele está vindo – disse Denise, quase chorando enquanto desligava o telefone.

Em poucos minutos, o pai de Denise chegou à escola e sentou-se com a filha e sua professora. Após ouvir rapidamente a história de Denise ao telefone, ele pediu à professora que explicasse o problema. E a professora o fez, com raiva e na defensiva.

Finalmente, o pai de Denise se levantou:

– Ouvi o suficiente – ele disse.

Ele colocou os braços em torno da filha e depois, educadamente, informou à professora que ela havia acusado a pessoa errada e não toleraria nenhuma punição, suspensão ou retaliação de qualquer tipo

contra sua filha. Ele saiu do gabinete com Denise nos braços, pedindo à filha que esperasse enquanto ele finalizava a reunião com a professora.

O pai voltou ao escritório e explicou à professora por que tinha tanta certeza da inocência de Denise, dizendo que na verdade sua filha tinha direito a um pedido de desculpas. Depois, saiu da sala e, ao retornar ao corredor, viu a filha quase chorando.

– Qual o problema? – ele disse, confuso porque a crise parecia ter sido superada.

Mal contendo as lágrimas, Denise sorriu e se atirou nos braços do pai.

– Obrigada, pai, por estar pronto para mim – ela disse –. Você é o meu defensor.

Aquele pai transmitiu algo extremamente valioso para a filha naquele dia. Pode ter parecido uma atitude sem importância naquele momento, mas ele ganhou a gratidão da filha por ter sido um refúgio para ela. O incidente criou (ou aumentou) um sentimento de segurança na mente de Denise, que disse: “Posso contar com meu pai. Posso recorrer a ele quando estiver em dificuldade. Ele me defenderá. Será o meu advogado”.

Encorajar esse tipo de atitude num filho é particularmente crucial aos pais de hoje. Atualmente, a maioria dos jovens vê o futuro da sociedade com apreensão. Muitos parecem ter perdido a esperança em seu futuro. Eles percorrem os corredores do medo e da ansiedade. Seis em cada dez estudantes do ensino médio dizem conhecer um colega que tentou cometer ou de fato cometeu suicídio,¹ e um em cada três conhece alguém que levou uma arma para a escola.² Muitos têm amigos ou conhecidos que estão envolvidos em comportamentos perigosos ou ilegais, como sexo antes do casamento e uso de drogas. Outra pesquisa mostra que 68% de adolescentes mais jovens não acreditam que este mundo tem um futuro, e 32% deles acreditam que serão diretamente afetados pela destruição nuclear. Esses temores se estendem até as crianças menores.

Há vários anos, Nadine Brozan relatou no *The New York Times* os resultados de um estudo que identificou os cinco maiores medos da criança do ensino fundamental trinta anos atrás: ruídos altos, quartos escuros, lugares altos, animais perigosos e estranhos. Hoje, os maiores medos das crianças abrangem perder um dos pais por causa do divórcio, ser vítima de assalto, estupro ou câncer.³ Acrescente-se a isso o medo de terrorismo, e nossos filhos precisam lidar com um mundo totalmente diferente daquele que nós ou nossos pais enfrentaram na infância ou adolescência.

Nesse cenário, os filhos precisam de um lugar seguro, um local de refúgio dos perigos e das decepções de um mundo enlouquecido. Eles precisam de um abrigo da tempestade, de um lugar para lamber suas feridas e para encontrar alívio.

É isso o que eu quero ser para meus filhos. Quero ser o tipo de pai que o meu Pai é.

UM PAI, UMA FORTALEZA

No ponto mais difícil de sua vida, tendo sido perseguido e atormentado pelo rei (que era pai do seu melhor amigo), um ex-menino pastor chamado Davi vivia escondido. Antes um herói nacional, ele agora enfrentava o exílio. Membro da corte do rei, ele agora dormia em cavernas. Servira ao rei com lealdade, e agora os conselheiros do rei o difamavam diante do monarca. Fora ungido como o próximo rei de Israel, e agora seu futuro parecia sombrio. Havia misericordiosamente poupado a vida do rei, mas agora o mesmo rei procurava tirar-lhe a vida.

Os problemas de Davi avultavam tão ameaçadoramente que ele se sentia como um homem entre leões, tremendo como uma criança entre feras devoradoras. Ele se sentia humilhado, curvado sob o peso do seu problema. Finalmente, em sua aflição, Davi se voltou para seu Pai, seu Deus, e clamou:

Compadece-te de mim, ó Deus, compadece-te de mim, pois me refugio em ti; eu me refugiarei à sombra das tuas asas, até que passem as calamidades (Sl 57.1).

Dentro de alguns anos, porém, Davi se tornou rei, derrotou todos os seus inimigos, uniu um reino em desordem e ganhou o respeito e a consideração do seu povo. Como tudo isso aconteceu? Davi dá a resposta posteriormente, num salmo:

Eu te amo, ó SENHOR, minha força. O SENHOR é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador; o meu Deus; o meu rochedo, em quem me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação e a minha torre de proteção (Sl 18.1,2).

Esse é o tipo de Pai que o nosso Deus é! Ele é nossa defesa, nossa torre forte, nosso refúgio, nosso esconderijo:

O SENHOR é também um alto refúgio para o oprimido, um alto refúgio em tempos de angústia (Sl 9.9).

O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio (Sl 46.7).

Meu refúgio e minha fortaleza, meu alto retiro e meu libertador, escudo em quem me refugio; é ele quem faz o meu povo se sujeitar a mim (Sl 144.2).

Ó Deus, como o teu amor é precioso! Os filhos dos homens se refugiam à sombra das tuas asas (Sl 36.7).

Nosso modelo de Pai é uma fonte de força, um lugar seguro para seus filhos. Nele encontramos segurança contra os ataques e as pressões do mundo. Deus é um refúgio.

Não é esse o tipo de pai que você quer ser? Ah, você não pode ser tão onipotente e onisciente como Deus é. Você quer que eles se voltem em primeiro lugar para o Pai celestial. Assim como Deus é a *sua* fortaleza e o seu refúgio, você quer que ele seja também o refúgio de seus filhos. Todos nós queremos.

Mas sei que você quer ser como Deus é. Você quer ser um refúgio para seus filhos; quer que eles saibam que existe sempre um lugar seguro para onde podem correr – onde papai estiver. Você quer que eles saibam que

podem procurá-lo para encontrar refúgio das tempestades da vida, dos ataques dos colegas, das pressões da adolescência, da decepção, do ridículo e do medo. Se eles souberem que refúgio e segurança estão disponíveis no pai, provavelmente se sentirão mais seguros e protegidos, não somente em sua casa e junto com sua família, mas consigo mesmos. Eles estarão mais aptos a desenvolver autoestima e autoconfiança se souberem que alguém está por trás deles, disposto a falar por eles, a recebê-los e a apoiá-los.

Como tudo mais, essa é uma tarefa impossível se você tentar realizá-la por sua força e sabedoria. Por si mesmo, você certamente fracassaria sempre. Mas você não está sozinho. Você *pode todas as coisas naquele que o fortalece* (Fp 4.13). E, ao contar com Deus, o Pai, por meio do seu Espírito Santo, ele agirá através de você para realizar algumas estratégias seguras, como vemos a seguir.

Preparar para a crise

Certo dia, fui buscar minha filha Kelly na escola. Enquanto andávamos pelo estacionamento até o carro, ela repentinamente perguntou:

– Pai, o que você acha de Jim Bakker?

Na época, os televangelistas Jim e Tammy Bakker estavam em todas as manchetes, e o escândalo que destruiu o império televisivo PTL (*Praise The Lord* [Louve ao Senhor]) se tornara material para debate na sala de aula de minha filha.

Eu já tinha ouvido muitos pastores e outros cristãos reagirem ao escândalo PTL dizendo coisas como: “É repugnante”, “Eles deveriam ser expulsos do ministério”, “Provavelmente ele não é um cristão verdadeiro”, e assim por diante. Compreendi a sensação de desapontamento e revolta que essas declarações expressavam, mas também percebi algo mais. Eu estava dolorosamente consciente de que qualquer pastor que dissesse tais coisas sobre Jim Bakker também corria o risco de transmitir aos jovens de sua igreja: “Se você algum dia entrar em apuros, não me procure”. A todas

as adolescentes da congregação, ele estava dizendo: “Se você engravidar fora do casamento, vou condená-la sem pestanejar”. Os pais cristãos que falaram sobre Jim Bakker nesses termos correram o risco de comunicar a seus filhos: “Vou lhe dar apoio enquanto você não entrar nas drogas, não beber, não engravidar, não entrar em apuros”.

Então, como eu poderia responder à pergunta de Kelly? Como eu poderia dizer à minha filha de 13 anos o que pensava sobre o pecado sem condenar o pecador?

Engoli em seco, mordi o lábio e disse:

– Querida, o que Jim Bakker fez foi errado. Foi pecado.

Continuei explicando por que foi pecado Jim Bakker ter feito algumas das coisas que fez. E então completei:

– Mas, Kelly, quero que você saiba de uma coisa. Deus ama Jim Bakker tanto quanto ama a você e a mim. E Cristo morreu por ele tanto quanto morreu por você e por mim. Se Deus não pode perdoar Jim Bakker, também não pode nos perdoar.

Continuamos andando pelo estacionamento em direção ao carro, e Kelly não disse nada por alguns momentos, enquanto minha cabeça girava pensando em tudo o que eu queria dizer à minha filha. Finalmente, respirei fundo e disse:

– Querida, vamos olhar para isso de maneira realista. Se você engravidasse, poderia imaginar pelo que seu pai passaria? Eu ficaria crucificado. Metade das pessoas daqui de nossa cidade se voltaria para mim. Em todo o país, líderes cristãos, editores de revistas, repórteres, evangelistas, todos me comeriam vivo.

Kelly olhou para mim com os olhos azuis arregalados de preocupação.

– Eu sei disso, pai – ela tentou me confortar.

– Mas, querida, quero que você saiba de uma coisa. Se você um dia ficasse grávida, eu não me importaria com o que todas essas pessoas

dissessem. Eu daria as costas a tudo isso, mas nunca a você. Eu lhe ofereceria o meu apoio, e nós encararíamos o problema juntos.

Nesse instante, minha filha de 13 anos deixou cair os livros e, ali mesmo, na calçada do estacionamento, começou a chorar, lançou os braços em torno de mim e disse:

– Eu sei que você faria isso, papai!

Ora, algumas pessoas podem pensar que eu estava correndo um risco grande demais, que Kelly poderia pensar: “Papai vai me amar de qualquer forma, por isso não tem importância se eu engravidar”. Mas eu não me preocupo muito com isso, porque eu queria mesmo ser o refúgio dela não somente se ela engravidasse, mas quando ela entrasse em apuros de qualquer espécie. Eu queria que ela e seus irmãos soubessem que serei o defensor deles, o seu refúgio seguro, o seu abrigo na tempestade.

Estar alerta e atento

Em um livro que meu amigo Norm Wakefield e eu escrevemos juntos, ele fala sobre a importância de estar alerta:

Meu filho Joel (na época cursando o oitavo ano) voltou da escola para casa de mau humor. Eu estava no meu gabinete e o ouvi batendo portas e falando de maneira grosseira. À mesa de jantar, ele estava irritado e sarcástico. Mais tarde, à noite, eu estava no meu gabinete e novamente o ouvi bater raivosamente a porta do quarto.

– Joel, acabo de perceber que você chegou a casa de mau humor. Aconteceu algo na escola que você gostaria de me contar?

Meu filho começou a chorar (e francamente, senti-me como um idiota por não ter percebido o problema antes). Ele derramou toda a sua mágoa acerca de um incidente que aconteceu na sala de aula. Ele havia sido constrangido e mal compreendido por um professor. Sem saber como lidar com a situação, levou o problema para casa e o deixou transbordar em seu comportamento negativo [...]. Sou grato pelo fato de a mensagem ter chegado até mim.

Ser um refúgio requer que o pai esteja alerta e atento. Significa ser sensível às palavras e ao humor do seu filho. Significa respeitar as preocupações e aflições deles. Significa conhecer os amigos deles. Pode incluir monitorar alguns programas de TV aos quais eles assistem e até (uau!) ouvir algumas de suas músicas.

Um pai conhecido meu, que trabalha em casa, tornou hábito cumprimentar seus filhos no momento em que eles entram em seu escritório. Um de cada vez se senta em seu colo (eles são todos adolescentes) e lhe falam a respeito do dia na escola. Essa rotina não toma mais que quinze minutos do seu dia de trabalho, mas lhe permite um contato direto com os filhos. E permite a eles descarregar as preocupações ou celebrar as alegrias com o pai no fim do dia escolar.

Essa técnica pode não funcionar para você. Mas descubra algo que funcione, algo que o mantenha alerta e o ajude a ser sensível aos seus filhos e ao que eles estão passando.

Aprender a ouvir

Um bem-sucedido empresário, descontente com seu relacionamento com o filho de 18 anos, procurou Norm para aconselhamento. O pai explicou que seu filho estava desmotivado, envolvido com drogas e relacionamentos destrutivos. A comunicação entre pai e filho havia se tornado tensa, a ponto de quase se romper.

Norm sugeriu que o pai saísse com o filho para almoçar na semana seguinte não para puni-lo ou pregar-lhe um sermão, mas para expressar interesse por ele e ouvi-lo.

Quando o empresário retornou na semana seguinte, descreveu o que aconteceu.

– Como o seu filho reagiu? – Norm perguntou.

– Bem – o pai começou –, ele disse que durante todo o tempo do almoço ele ficou à espera do que poderia vir!

O filho havia esperado que o pai o corrigisse ou o censurasse, porque isso era o que acontecia todas as vezes que eles conversavam. O filho ficou surpreso de que seu pai estivesse disposto a simplesmente ouvi-lo!

Pais que verdadeiramente querem se tornar um refúgio para seus filhos devem desenvolver e aperfeiçoar a arte de ouvir. Com frequência, nossos filhos vêm a nós em lágrimas, apuros e dificuldades e, tão logo nos

revelam o problema, reagimos com correção, censura, instrução ou conselho:

“Eu já não disse a você que...?”

“Mas no que você estava pensando?”

“Não posso acreditar que você tenha feito algo tão estúpido!”

“Esta é a última gota d’água!”

“Certo, aqui está o que você deve fazer agora...”

Contudo, se fizemos a conexão com o pai e buscarmos piedosamente refletir a imagem dele em nossa paternidade, reservaremos tempo para primeiro escutar, ouvir a história toda, para evitar a crítica ou a condenação, deixando que nossos filhos contem suas dificuldades sem medo de que tiremos conclusões precipitadas ou façamos julgamentos apressados.

Falar a verdade em amor

Quando os pais deixam de perceber que, em média, fazem dez comentários negativos a seus filhos para cada comentário positivo, não é difícil compreender por que os filhos quase sempre buscam refúgio em outra parte. Muitos pais, não importa quão espirituais ou conscientes sejam, estão mais propensos a transmitir mensagens entremeadas de críticas, ordens ou exigências.

Por isso é tão importante vigiar nossas palavras. O apóstolo Paulo adverte: *Não saia da vossa boca nenhuma palavra que cause destruição, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que transmita graça aos que a ouvem* (Ef 4.29).

O que dizemos aos nossos filhos normalmente cai em uma de duas categorias: 1) comunicação destrutiva, crítica, prejudicial; 2) comunicação positiva, confirmatória e edificante.

Suponha que você e eu estejamos na mesma sala. Sou uma pessoa pública, então você me reconhece e tenta se apresentar. Vem até mim, estende a mão e começa a dizer: “Olá, Josh, eu sou...”. Mas, antes que você

possa dizer a palavra seguinte, eu ergo a mão e lanço uma forte bofetada no seu rosto! Você fica assustado, magoado e confuso com o meu estranho comportamento. Você permanece num canto durante alguns minutos, pensando no que fazer. Finalmente, você tenta novamente, um pouco mais cauteloso desta vez, observando algumas pistas da minha parte. Novamente a minha mão se lança para atingi-lo. Quantas vezes você continuará se aproximando de mim?

Nossas palavras podem ser tão cruéis quanto um golpe físico. As palavras ferem. As palavras deixam marcas. Se agredirmos nossos filhos com críticas, sarcasmo, condenação e aversão, bateremos à porta à disposição deles de correrem para nós quando estiverem em dificuldades. Por outro lado, se falarmos *a verdade em amor* (Ef 4.15), enfrentando até mesmo situações problemáticas com uma abordagem positiva, mostraremos aos nossos filhos que somos lugares de refúgio.

Estar ao lado dos filhos

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, marcaram um dos momentos memoráveis da história do esporte. Derek Redmond, da Inglaterra, estava a caminho de realizar o sonho de sua vida: ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. Ele havia conseguido uma vaga nas semifinais dos 400 metros e, quando foi dado o tiro de largada da corrida, fez uma excelente largada. Aquela era a corrida de sua vida. Já se avistava a linha de chegada, quando repentinamente ele sentiu uma estocada na perna direita e foi arremessado de cara na pista com um tendão rompido. A corrida terminara para Derek.

Ele lutou para ficar em pé antes que a equipe médica chegasse. Embora todos os corredores tivessem passado por ele, Derek começou a saltar para a frente com lágrimas de decepção correndo pelo rosto, determinado a completar a corrida. De repente, um homem rompeu por entre os guardas de segurança nas laterais e correu para a pista.

Ele chegou até Derek e o abraçou.

- Você não precisa fazer isto – disse Jim Redmond ao filho em lágrimas.
- Sim, eu preciso – respondeu Derek.
- Então, está bem – disse o pai –, vamos terminar juntos.

O pai de Derek segurou o filho pelos ombros e os dois encararam a linha de chegada, recusando resolutamente os homens da segurança que os rodeavam. Eles saltaram e pularam juntos, com a cabeça de Derek às vezes enterrada no ombro do pai, mas os dois permaneceram na pista de Derek até o fim.

A multidão que observava ficou boquiaberta diante da cena incomum. Então, um a um, os espectadores ficaram em pé e começaram a gritar e aplaudir a determinação do filho e o apoio do pai.

Quantas vezes fiquei na arquibancada em vez de ter corrido até a pista para apoiar os meus filhos? Muitas, devo confessar. Mas tornar-me um refúgio para meus filhos significa correr para o lado deles não para carregá-los, mas para estar ao lado deles quando enfrentam dor e decepção. Significa dizer: “Vamos terminar isto juntos”. Significa suportar os olhares da multidão e ignorar os gritos de crítica. Pode ser pessoalmente arriscado ou profissionalmente imprudente, mas valerá a pena ouvir meus filhos dizendo: “Obrigado, pai, você é o meu defensor”.

Fixar limites saudáveis

Ser um refúgio para os filhos não significa ser um pai excessivamente permissivo que nunca se atreve a pronunciar uma palavra de correção ou exercer disciplina. Muito pelo contrário.

Certo dia saí para uma caminhada na encosta da montanha perto de nossa casa em Julian, Califórnia, quando dei de cara com um homem que estava viajando pelos Estados Unidos em uma carroça coberta. Ele tinha feito uma parada para as mulas pastarem numa campina próxima, e comecei a conversar com ele. Percebia-se que era um homem experiente na criação de animais, e acabei perguntando:

– Qual o melhor ambiente para criar animais como as suas mulas?
Pasto aberto, grande pasto fechado ou um curral?

Sem hesitar, ele respondeu:

– Ah, o pasto cercado é de longe o melhor.

– Por quê? – perguntei.

– Porque, quando os animais ficam em pasto aberto, quase sempre são atacados por predadores. O pasto aberto é muito inseguro. E, se você os coloca num curral, eles precisam ser alimentados o tempo todo. Não podem vagar e se virar por si mesmos. Mas, quando você os coloca numa boa pastagem cercada, tudo o que eles precisam está disponível ali, e eles ainda podem agir com liberdade.

Essa conversa sugere uma fantástica analogia com as Escrituras. Nosso Pai amoroso nos deu tudo aquilo de que precisamos em *pastagens verdejantes e águas tranquilas* (Sl 23.2). Mas ele também nos deu cercas – *sua lei perfeita de liberdade e a verdade que nos liberta em Cristo* (v. Tg 1.25; Jo 8.32). Pastagens cercadas não são boas apenas para os rebanhos; são boas também para os filhos. Os filhos vicejam dentro de limites saudáveis quando seus pais não são nem autocráticos nem permissivos.

O filho pode procurar o pai como refúgio quando este firmou limites saudáveis que transmitem cuidado e orientam o filho sem o irritar (v. Ef 6.4). Os pais são responsáveis por definir limites para seus filhos, limites construídos sobre o carinhoso fundamento do amor, da aceitação e do cuidado.

Construir um sistema de apoio

A cultura norte-americana tende a retratar os homens como indivíduos independentes e autossuficientes que decidem seus caminhos. Muitos homens têm dificuldade em admitir suas necessidades ou seus problemas. Muitos acham difícil recorrer a outros por ajuda.

Mas tornar-se refúgio para os filhos requer um sistema de apoio. De fato, envolve toda a comunidade cristã. Há grande valor em trabalhar

junto com outros que nutrem pensamentos semelhantes – sua igreja, seu grupo, seu pastor, professores, técnicos de esportes e amigos da família –, compartilhando recursos, discernimento e esforços a fim de construir lugares seguros para nossos filhos.

Minha esposa, Dottie, e eu tivemos a sorte de encontrar um relacionamento desses com nossos amigos Dick e Charlotte Day quando nossos filhos eram ainda pequenos. Morávamos perto, passávamos muito tempo juntos, saíamos de férias juntos e usávamos o mesmo carro para eventos escolares e da igreja. A família Day levava as crianças McDowell em passeios e excursões, e nós fazíamos o mesmo com eles.

Essa rede de apoio rendeu frutos doces. Um dos filhos de Dick disse a ele certa vez:

– Se você não fosse meu pai, eu gostaria que fosse Josh.

E, em outra ocasião, quando perguntei a Heather quem ela achava ser o melhor pai (além de mim, é claro), ela respondeu:

– Dick.

Fiquei confortado por saber que havia outra “figura de pai” na vida dos meus filhos a quem eles poderiam se voltar em momentos de sofrimento.

Esse tipo de rede de relacionamentos deu aos meus filhos a sensação de segurança. Eu queria que eles se voltassem para mim em busca de refúgio, é claro, mas era muito bom saber que havia outros adultos a quem eles poderiam recorrer num momento de crise.

Se você não tem esse sistema de apoio, comece a construir um. Convide outros cristãos para trabalhar e orar com você tendo em mente esse propósito. Pergunte a seus filhos em quem eles confiariam num momento de crise. E não tema perguntar a seus amigos como você poderia estar mais disponível e acessível a eles e a seus filhos.

Nossos filhos estão crescendo num mundo estressante, exigente e quase sempre desencorajador. Alguns enfrentam uma pressão incrível na escola, em casa e até mesmo na igreja. Frequentemente estão confusos,

decepcionados e inseguros. Mas, se tiverem um refúgio – um lugar seguro –, encontrarão segurança, certos de que, independentemente do que acontecer, o pai deles estará lá, crendo neles, defendendo-os e apoiando-os.

Se nossos filhos souberem que podem encontrar refúgio em seu pai, estarão menos propensos a procurar refúgio nas drogas ou no álcool. Estarão menos propensos a procurar refúgio na aprovação dos colegas ou na companhia de amigos questionáveis. Estarão mais propensos a se voltarem confiantemente ao pai numa crise e a resistir às tempestades que os assolam.

Que cada um de nossos filhos encontre refúgio no Pai.

E em nós. No pai.

Para reflexão, discussão e ação

1. Deus é verdadeiramente um refúgio para você? Se é, por quê? Que atributos ou características do seu Pai celestial fazem você se voltar para ele em tempos de dificuldade? Como você pode refletir esses atributos ou características em sua vida?

-
-
- *2. Prepare um almoço ou café da manhã na próxima semana com seus filhos (separadamente) e faça o que Norm Wakefield prescreveu para o pai que estava tendo uma comunicação difícil com seu filho. Torne seu objetivo maior passar o tempo todo da refeição ouvindo. Proponha algumas perguntas como: “Quais são seus maiores problemas ou interesses nestes dias?”, “Com quem você mais conversa quando tem um problema?”, “Você sente que pode me

procurar quando tiver dificuldades?” e “Há algum problema sobre o qual você acha que seria difícil falar comigo?”

- *3. Identifique um projeto ou problema para o qual cada um de seus filhos precisa de ajuda neste momento. O que você pode fazer para se colocar ao lado desse filho e apoiá-lo?

4. Que tipo de sistema de apoio (além de pai e mãe) seus filhos têm? Existem adultos com quem eles se sentem confiantes e confortáveis para falar sobre suas dificuldades? Se você não sabe a resposta, pergunte a seus filhos. E, se a resposta for negativa, pense em como você pode fortalecer o sistema de apoio deles.

- *5. No espaço a seguir (ou numa folha de papel separada), liste estratégias que você pode empregar para se tornar um refúgio para seus filhos. (Seja o mais específico possível.)

¹ Citado em “The Facts About Teen Suicide” [A realidade sobre o suicídio de adolescentes], de David Elkind, *Parents’s Magazine* (Janeiro de 1990), p. 111.

² A 24^a Pesquisa Anual da High Achievers por *Who’s Who Among American High School Students* [Quem é quem entre os alunos do ensino médio], citado em “Top High School Students Admit They Have Cheated” [Alunos de ensino médio de ponta admitem ter trapaceado], *Hamilton Journal-News* (20 de outubro de 1993).

³ BROZAN, Nadine. “New Look at Fears of Children” [Nova visão dos medos das crianças], *New York Times* (May 2, de maio de 1983), p. B5.

O pai como amigo

Aos 30 anos de idade, Mike ficou atrás do púlpito no funeral de seu pai e sufocou as lágrimas. Muitos já haviam prestado homenagem a um homem que passara trinta e cinco anos no ministério antes de sucumbir ao câncer no início de seus 50 anos. As homenagens enalteceram seu amor a Deus, sua disponibilidade com as pessoas, seu trabalho escrito e seu amor pela família. Todos os oradores foram sinceros, apresentando lembranças carinhosas de uma vida bem vivida. Mas as palavras tristes de Mike homenagearam seu pai de uma forma que mais ninguém podia ter feito.

Ele contou como, quando criança, se sentava no colo do pai, ouvindo história após história. Falou sobre quando aprendeu a andar de bicicleta, sobre as viagens para pescar, os torneios de basquete, as partidas de tênis e as vezes em que deslizaram nas ondas da praia juntos. Citou a rara demonstração de emoção de seu pai quando o filho único se graduou no ensino médio, e novamente quando ele se casou, e depois quando se formou na faculdade. E, claro, mencionou as longas e íntimas conversas ao lado da cama do pai, antes de sua morte.

– Ele foi meu melhor amigo – disse Mike, com voz embargada de emoção. – Vou sentir falta do meu pai. Mas acho que vou sentir mais falta do meu melhor amigo.

Compare essa homenagem com a história que me foi contada pela esposa do vice-presidente sênior de uma imensa empresa de construção. Ela me ouvira falar numa igreja local e mais tarde se aproximou de mim num restaurante. Ao me cumprimentar, começou a chorar.

– Tenho de compartilhar algo com o senhor – ela disse, hesitante. – Meu marido acaba de morrer. Ele foi o milionário do ano; viajou pelo mundo inteiro erguendo edifícios e construções, mas nunca teve tempo para os filhos, mesmo quando estava em casa. Todos os filhos se voltaram contra ele e, quando cresceram, passaram a não ter nada que ver com ele. Em seu leito de morte, ele me confessou que estava morrendo como um dos homens mais tristes do mundo. Ele me disse: “Ganhei prestígio, mas perdi minha família”.

Estou certo de que não preciso dizer qual desses dois pais eu espero imitar. Quero ser o tipo de pai que Mike teve. Quero ser o tipo de pai que desfruta da companhia dos filhos, o tipo de pai cuja filha lhe telefona no trabalho “apenas para conversar”, o tipo de pai cujo filho lhe pede para ser seu padrinho de casamento. Quero ser o pai que é um amigo para seus filhos.

Essa tarefa não é fácil para muitos homens. Ah, é provavelmente melhor do que foi uma ou duas gerações atrás. Jerry Adler, escrevendo na revista *Newsweek*, relata:

Aos 49 anos de idade, Robert Blumenfeld, um empresário de San Francisco, recorda exatamente quantas vezes seu pai jogou bola com ele (uma vez) e o que seu pai disse quando ele se diplomou no ensino médio *cum laude*: que um outro rapaz de 18 anos acabara de assinar com um time de beisebol por 100 mil dólares. Dan Koeningshofer, um engenheiro de 46 anos, de Chapel Hill, N.C., declarou: “Não consigo me lembrar de nem uma única ocasião em que meu pai tenha dito que me amava” (embora ele tenha certeza de que o pai *de fato* o amava, naquele jeito taciturno dos anos 1950). David Weinstein, um economista de Harvard, nem mesmo sabe onde seu pai estava quando ele nasceu, trinta e dois anos antes. Ele estava no escritório. Naquela época, podia-se esperar o dia seguinte para um pai visitar seu filho recém-nascido.¹

Podemos não ser completamente iguais a esses pais, mas muitos de nós ainda incorremos em uma infinidade de equívocos sobre paternidade. Alguns de nós abrigamos a ilusão de que o homem ideal é “macho”, um indivíduo rude e musculoso que não precisa de ninguém. Alguns de nós herdamos a mentalidade de que “os homens trabalham e as mulheres cuidam dos filhos”. Alguns pais pensam que ser amigos de seus filhos

seria um sinal de fraqueza. Alguns tendem a pensar que a principal tarefa como pais é exercer poder e autoridade sobre sua esposa e seus filhos. Alguns têm receio, às vezes até medo, da intimidade nos relacionamentos. Alguns simplesmente não sabem ser amigos dos filhos porque nunca tiveram esse tipo de relacionamento com os próprios pais.

Contudo, independentemente de quão pobre, distante ou falho tenha sido nosso relacionamento com nosso pai, temos um modelo de pai como amigo. Esse modelo se encontra, é claro, em nosso Pai celestial.

QUE AMIGO NÓS TEMOS!

Da mesma maneira que a natureza e o caráter de Deus formam a base de tudo o que sabemos ser certo e bom, assim Deus é o nosso padrão de paternidade. E o padrão que Deus apresenta como modelo é o de um Pai que é também amigo de seus filhos.

Sua disponibilidade de ser um amigo de seus filhos é demonstrado por meio de sua interação com homens e mulheres através dos tempos. Abraão, cuja fé Deus recompensou tornando-o *o pai de muitas nações* (Gn 17.4,5; Rm 4.17,18), é chamado na Bíblia de “amigo de Deus”:

Ó nosso Deus, não tiraste os moradores desta terra de diante do teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo? (2Cr 20.7)

Mas tu, ó Israel, servo meu; tu Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo (Is 41.8).

Assim se cumpriu a Escritura que diz: Abraão creu em Deus, e isso lhe foi atribuído como justiça, e ele foi chamado amigo de Deus (Tg 2.23).

Quando os israelitas erigiram o tabernáculo no deserto, e Moisés passou a entrar na tenda para adorar e conversar com Deus, a coluna de nuvem que representava a presença de Deus permanecia perante a entrada do tabernáculo. Nessas ocasiões, a Bíblia diz:

E o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo (Êx 33.11).

Quando Deus falou por meio do profeta Samuel, dizendo a Saul, o primeiro rei de Israel, que havia confiscado sua coroa e seu reino, Samuel também anunciou o reino vindouro de Davi, cuja amizade com Deus é descrita em termos memoráveis:

Porém agora o teu reino não subsistirá; o SENHOR já encontrou para si um homem segundo o seu coração e já o destinou para ser príncipe sobre o seu povo, porque não obedeceste ao que o SENHOR te ordenou (1Sm 13.14).

A expressão pela qual Samuel se referiu a Davi – *um homem segundo o seu coração* – indicava uma rara afinidade, uma rara amizade, uma rara intimidade.

Assim como Abraão, Moisés e Davi, nós também temos o privilégio de chamar nosso Pai de nosso amigo. Nosso Pai celestial é um amigo para seus filhos. Ele está disponível para nós e anseia passar tempo conosco, revelando-se a nós. Ele nos conhece e está sempre buscando que o conheçamos melhor. Ele gosta da nossa companhia, alegra-se com nosso riso, se regozija com nosso louvor e se deleita em nossas vitórias.

É importante observar que Deus não tem de escolher entre ser nosso Pai e nosso amigo. Ele não negligencia um em favor de outro. Ele é o nosso Pai; essa é a sua natureza. Ele é o nosso amigo; esse é um reflexo da sua natureza. Ser amigo de um filho faz parte da condição de ser pai.

Esse é o tipo de pai que eu quero ser – um pai e um amigo para meus filhos. Quero que a minha amizade com os meus filhos seja o reflexo natural da minha paternidade, e não sacrificarei a minha responsabilidade como pai num esforço equivocado de ganhar a amizade dos meus filhos. Mas uma coisa que aprendi com meu Pai é que não é necessário agir assim. O que é necessário, se eu quiser me parecer com meu Pai celestial, é contar com ele no dia a dia por meio do Espírito Santo, buscando sua ajuda na realização das estratégias que estimularão a verdadeira amizade com meus filhos.

Estar disponível

Suponha que você seja um bom amigo do chefe de uma grande companhia. É sexta-feira, e você precisa ver seu amigo com urgência, por isso vai até o escritório dele e pede à secretária, se possível, para falar com ele por apenas alguns minutos.

– Sinto muito – a secretária diz –, mas ele está com agenda cheia até a próxima terça-feira. O senhor terá de voltar nesse dia.

– Veja... – você diz, com um sorriso de desculpa no rosto. – Não vou tomar muito do tempo dele. Por favor, apenas lhe diga que realmente preciso vê-lo. Vai levar apenas um minuto.

A secretária liga para o chefe e informa que você está ali. Ela menciona o seu nome, mas ouve a voz do chefe no interfone, dizendo:

– Não posso ser perturbado. Agende uma reunião na próxima terça-feira.

Como você se sentiria? Como a resposta do chefe refletiria em sua amizade? Você ainda o consideraria um amigo íntimo? Você provavelmente concluiria que a sua avaliação daquela amizade era bem diferente da do chefe.

É assim que nossos filhos se sentem quando não estamos disponíveis para eles. Ah, sei que existem momentos em que você não pode interromper o que está fazendo. Nem sempre você largará tudo para responder a perguntas de criança ou participar de um joguinho com seu pequeno parceiro. Mas a maioria de nós pode estar muito mais disponível do que tem estado costumeiramente.

Eu estava num ponto muito importante do fechamento de um manuscrito, tentando cumprir um prazo final apertado, quando Sean, na época com 7 anos, se aproximou de mim. Eu o interrompi sem mesmo permitir que ele falasse.

– Agora não, Sean – eu disse –, preciso terminar este manuscrito.

Meu filho, desapontado, mal teve tempo de sair do gabinete, e Dottie entrou:

– Querido – ela disse –, você sempre terá prazos apertados a cumprir. Mas nem sempre terá um filho de 7 anos querendo o tempo do pai.

Ela estava certa, eu sabia. Sem hesitar, coloquei a caneta de lado, afastei a confortável cadeira da mesa e me apressei a encontrar Sean.

Essa foi uma das muitas lições que tive sobre disponibilidade. Aprendi que a amizade com meus filhos requeriam não apenas atenção – sair com eles para tomar o café da manhã, ir ao parque juntos –, mas também disponibilidade – estar lá quando eles estavam prontos para falar, ouvir ou apenas compartilhar alguns momentos tranquilos.

Ser transparente

Os filhos enfrentam muitas lutas enquanto crescem. Se os adultos que seguem parecem perfeitos e infalíveis como deuses, os filhos podem se ver como inferiores e entender suas lutas como uma evidência de que algo está errado com eles. Viver entre “deuses” pode ser intimidador. Nossos filhos precisam de relacionamentos com adultos que sejam capazes de demonstrar transparência adequada.

A transparência pode ser apropriada ou inapropriada. A *transparência inapropriada* envolve autorrevelações prejudiciais aos filhos. O pai que constantemente censura a si mesmo, condena as próprias ações como estúpidas ou repete com frequência todos os seus fracassos está praticando um tipo impróprio de transparência. Ele é um modelo de autoestima negativa, que estimula a insegurança em seus filhos. Estes verão o pai como incompetente e provavelmente não se voltarão para ele em tempos de necessidade.

A *transparência apropriada* permite que os filhos vejam o interior do pai. Eles ouvem o pai falar sobre a própria experiência quando criança e quando jovem. Descobrem como o pai vê a si mesmo, bem como à sua masculinidade e ao seu papel na vida. A transparência apropriada ajuda os

filhos a perceberem como o pai lida com o fracasso, o sucesso, a decepção, o elogio e a crítica. A transparência apropriada inclui também a habilidade de expressar sentimentos. Muitos homens aprendem a reprimir seus sentimentos em vez de expressá-los. As lágrimas são tabus para eles. Se você se sente livre para falar, rir e expressar suas alegrias, decepções, temores, anseios, ajudará seus filhos a o conhecerem. E, agindo assim, você abrirá a porta para a amizade.

Fazer perguntas abertas

Algo no que trabalhei duro foi propor a meus filhos perguntas que poderiam transformar-se em uma conversa, perguntas que ajudariam a nos conhecer melhor (e assim aprofundar nossa amizade). Eu fazia isso enquanto dirigia, enquanto caminhava ou na fila com eles no banco. Algumas das perguntas que eu fazia eram:

“Se você pudesse mudar sua família, o que faria?” (Prepare-se para essa resposta!)

“Se você fosse o pai desta família, o que faria de forma diferente?” (Prepare-se também para esta resposta!)

“Qual foi a ocasião em que você mais se divertiu?”

“Quando foi a última vez que você se sentiu constrangido?”

“Quando você chorou muito?”

“Quando você se sentiu mais perto de Deus?”

“Se você tivesse 1 milhão de dólares, o que faria?”

“Se você pudesse fazer uma pergunta a Deus, qual seria?”

“Se você pudesse visitar qualquer lugar do mundo, aonde gostaria de ir?”

Certa ocasião, após termos ido ao zoológico, fizemos uma viagem razoavelmente longa de volta. Ao sairmos do estacionamento, eu disse:

– Crianças, vamos fazer uma pequena brincadeira. Que animal que vocês viram hoje melhor descreve vocês? Por quê?

Durante os nove quilômetros seguintes, Dottie e eu percebemos coisas tremendas sobre o que nossos filhos pensavam a respeito de si mesmos. A pequena Kattie, que estava com cerca de 3 anos e meio na época, disse que acreditava ser parecida com os ursos.

– Por quê? – perguntei.

– Porque eu gosto de ser abraçada – ela disse.

Kattie estava sentada no banco de trás, por isso parei o carro no acostamento, saí, dei a volta até o lado em que ela estava e abri a porta para que pudesse dar-lhe um “abraço de urso” antes de continuarmos a viagem.

Cultivar interesses mútuos

– Eu me ofereci para sair com meu filho para ter um bom momento – disse-me certa vez um pai –, mas ele não se divertiu nada. Foi um grande fracasso.

– O que vocês fizeram? – perguntei.

– Bem – o homem explicou –, eu amo golfe, por isso o levei para jogar golfe. – Depois, ele franziu as sobrancelhas. – Acontece que ele detesta golfe; então acho que foi por isso.

Certo, aquele pai queria passar tempo com seu filho, mas somente de acordo com *suas condições*, com *sua conveniência*. Ele teria alcançado muito mais sucesso se tivesse cultivado interesses mútuos com seu filho.

Interesses mútuos estimulam a amizade. Olhe para o seu círculo de amizades. Você pode ter “colegas de golfe” ou “amigos de pescaria”. Você pode ir a leilões ou feiras de carros antigos com seus amigos. Eles são seus amigos em parte porque vão à igreja ou a eventos esportivos com você. É por isso que os interesses mútuos estimulam a amizade.

O pai sábio começa a construir interesses mútuos com seus filhos quando eles são novos. O homem que lê para seu filho ainda na infância constrói um ponto de contato para compartilhar livros e ideias na vida,

mais tarde. Fico emocionado sempre que meus filhos vêm até mim agora e dizem: “Pai, você precisa ler este livro; acho que você vai gostar”.

Nunca é tarde demais, no entanto, para desenvolver interesses mútuos com seu filho. Quando meu filho Sean tinha cerca de 10 anos, ele começou a se interessar por carros esportivos (e eu me refiro aos mais caros – *Maseratis, Lamborghinis, Ferrari Testarossas*). Quando vi Sean descobrindo fotos desses carros em anúncios em revistas e jornais, percebi que o interesse dele era mais que casual.

Por isso, tive uma ideia. Peguei o guia Páginas Amarelas e escolhi alguns dos distribuidores dos carros esportivos mais famosos de Beverly Hills. Depois, mandei a cada distribuidor uma carta que dizia:

Sou um pai desesperado. Faço qualquer coisa para passar um tempo com meu filho, e agora ele está interessado em carros esportivos. Seria possível, se eu o levasse ao seu *showroom*, que ele participasse de alguns *test-drives*?

Eu disse a cada vendedor, de antemão, que não estava interessado em comprar um carro, mas, para meu espanto, nenhum deles recusou. Telefonei e agendei as visitas, e Sean e eu dirigimos os 240 quilômetros até Beverly Hills para um dia nos *showrooms* de carros esportivos. E que dia! Sean saiu sozinho em *test-drives* com vendedores, experimentando cada carro famoso que se pode imaginar. Cada vez que saía do *showroom* para um teste, um orgulhoso Sean acenava para mim pela janela do carro.

O percurso de volta para casa naquela tarde me deu uma grande oportunidade de falar com meu filho sobre riquezas, posses e materialismo. No entanto, ainda mais importante, aquilo nos aproximou e acrescentou profundidade e fôlego à nossa amizade.

Fazer um esforço extra

Certa vez, uma repórter veio a nossa casa para fazer uma entrevista comigo sobre um artigo para uma revista. Embora ela estivesse escrevendo para uma publicação cristã, ficou claro que ela estava tentando descobrir sobre

mim algo negativo que pudesse ajudar a vender exemplares da revista. Ela se virou para o meu filho Sean, então com 8 anos, que nos observava.

– Do que você não gosta em seu pai? – ela perguntou ao meu filho pequeno.

– De nada – Sean respondeu.

A repórter continuou cutucando meu filho, sem resultados. Então ela sorriu e tentou persuadi-lo:

– Deve haver *alguma* coisa que você não gosta a respeito do seu pai!

Finalmente, Sean se saiu com esta:

– Não gosto quando ele vai embora.

O rosto da repórter se iluminou, e sua expressão indicou que ela havia encontrado um furo de reportagem que daria sabor ao seu artigo.

Após a entrevista, quando minha convidada estava de saída, mencionei que ela, a bem da integridade jornalística, também devia perguntar a Sean do que ele mais *gostava* a respeito do seu pai. Após alguma persuasão, ela o fez. Sean imediatamente respondeu:

– Ele passa muito tempo comigo.

A repórter pareceu confusa pela aparente inconsistência. Expliquei-lhe que as respostas do meu filho eram consistentes com o que eu sempre desejava dos meus filhos: 1) que nunca viessem a gostar que o pai estivesse longe deles; 2) que sempre sentissem que seu pai passa bastante tempo com eles.

Tal como muitos pais cujas responsabilidades os afastam de casa, eu muitas vezes achei difícil conciliar uma pesada agenda de viagens e as responsabilidades com minha família. Nem sempre tive sucesso, mas fiz um esforço extra para construir amizades com meus filhos. Levei meus filhos em viagens comigo sempre que possível, um de cada vez, organizando minhas responsabilidades com antecedência para garantir bastante tempo pessoal com cada filho. Tentei também telefonar para casa todos os dias e falar com a maior parte da família.

Certa vez, quando tive de faltar a um jogo de basquete da escola de Sean por causa de uma viagem à Rússia, organizei-me para telefonar-lhe no intervalo por um telefone celular que minha esposa levou ao jogo (naquela época os celulares eram uma novidade). Não foi tão bom quanto estar lá – e aquilo me fez sentir mais saudade ainda –, mas transmitiu a Sean (e a seus colegas de time, como se viu) quanto ele era importante para mim.

Quando eu retornava de viagens, programava tempo extra para cada um de meus filhos (pegava cada um na escola e saíamos juntos para um café da manhã) e aproveitava o máximo de cada momento que tínhamos juntos.

Conhecer os amigos de seus filhos

Outra estratégia para ser pai e amigo é conhecer os amigos do seu filho. Dottie e eu gostamos de hospedar nossos filhos e seus amigos em casa. (Dottie era a verdadeira “mãezona!”) Tentamos incluir os amigos de nossos filhos em nossas saídas e eventos especiais da família. E eu concordava, com frequência, em bancar o chofer porque descobri que podia aprender muito com o que via pelo espelho retrovisor.

Por exemplo, certa vez levei Kelly e suas amigas a um jogo dos Lakers, e consegui vislumbrar durante o percurso na estrada um deslumbrante estudo de garotas adolescentes. Observei Kelly e suas amigas pelo espelho retrovisor, atento ao que elas falavam, o que parecia interessar-lhes, e como Kelly se encaixava em tudo isso. Eu queria saber: Alguma vez ela é arrogante? Fica tímida entre as amigas? Empenha-se em incluir todas? É generosa? O jogo de basquete me forneceu mais oportunidades para ver como Kelly interagia com as amigas, e uma parada num restaurante para um sorvete a caminho de casa me deu ainda mais discernimento. Em suma, foi uma tarde completa, que rendeu horas de divertimento e educação para um pai interessado em ser amigo de sua filha.

Desenvolver tradições

Quando meus filhos eram mais novos, tínhamos uma tradição que muitos de nossos amigos e hóspedes estranhavam. Independentemente de quem ou o que estivesse acontecendo em casa, eu pedia desculpas e ia para a cama com as crianças.

Se tivéssemos convidados, eles eram avisados com antecedência: “Por volta das 19 horas, Josh não estará disponível”. Também dizíamos às pessoas: “Não telefone para Josh entre as 18h30 e as 21 horas porque ele estará com as crianças”.

Aquelas duas horas e meia pertenciam a mim e aos meus filhos. Às vezes saíamos para uma caminhada. Às vezes lutávamos no chão. Às vezes líamos um livro juntos.

Uma de nossas atividades favoritas era entrar na banheira *jacuzzi* instalada em nosso quarto como um presente de amigos. Às vezes apenas conversávamos, outras vezes assistíamos a jogos na TV enquanto relaxávamos na banheira. Uma noite, apenas por diversão, enchemos de pipoca uma enorme tigela de plástico e a colocamos para boiar na água. Ela girava de um lado para o outro, e todos podiam pegar o acepipe. As crianças falaram sobre aquilo durante semanas, e ouvi até professores e outros pais mencionarem a “pipoca na *jacuzzi*”.

Essas tradições podem ser como a luz do sol para consolidar a amizade com seus filhos, ajudando a formar raízes e a crescer. Uma família conhecida pratica uma espécie de “ceia progressiva” num *shopping* das proximidades. Eles percorrem todos os restaurantes da praça de alimentação, pedem o item menos caro de cada cardápio e o repartem entre os quatro.

Seja qual for a tradição que você seguir, certifique-se de ser divertida para todos e de haver ampla oportunidade de interação. (Assistir a um filme, por exemplo, não é a melhor tradição porque existe pouca chance de

interação. Uma miniatura de jogo de golfe, por outro lado, pode fornecer horas de conversa.)

O pai disponível e transparente com seus filhos, que faz perguntas investigativas e cultiva interesses mútuos com eles, que conhece os amigos de seus filhos, faz um esforço extra para se relacionar com eles e desenvolve tradições significativas em sua família, avançará muito no sentido de ser o tipo de pai que é o Pai... tanto um pai como um amigo.

Esse pai dá mais do que amizade a seus filhos. Ele os ajuda em como se relacionar e mostra o modelo de uma amizade saudável. Fornece uma parede corta-fogo de proteção contra amizades perigosas e nocivas. Prepara seus filhos para interagirem socialmente com os colegas durante a adolescência e na idade adulta. E constrói uma amizade que, em meio às muitas mudanças e aos desafios da adolescência, sempre estará lá. De quebra, incentiva os filhos a desenvolverem uma amizade com Deus, seu Pai celeste.

Para reflexão, discussão e ação

Leia as seguintes situações. Pergunte a si mesmo: “Essa é uma característica minha?” Use suas respostas para ajudar a avaliar o relacionamento com seus filhos.

Sim Não

- | | | |
|-----|-----|--|
| () | () | 1. Imediatamente após o jantar, você sai da mesa para assistir à TV ou ler o jornal. |
| () | () | 2. Você ocasionalmente conversa com seus filhos sobre própria infância, compartilhando suas próprias inseguranças quando menino e a maneira pela qual você lidou com elas. |
| () | () | 3. Você nunca chora na frente de seus filhos. |

- () () 4. Você interrompe regularmente o que está fazendo para ajudar seus filhos com as tarefas escolares.
- () () 5. À mesa do jantar, um de seus filhos começa a falar sobre um incidente que aconteceu na sala de aula; você muda de assunto.
- () () 6. Você fica ansioso para passar tempo com seus filhos.
- () () 7. Você não é capaz de mencionar nenhum interesse comum com seus filhos.
- () () 8. Você tem pelos menos uma atividade especial que pode compartilhar com cada um de seus filhos.
- () () 9. Seus filhos não sabem nada sobre seus mais recentes aborrecimentos, fracassos ou decepções.
- () () 10. Você pode indicar os três melhores amigos de cada um de seus filhos.

A resposta “sim” a qualquer das perguntas de número ímpar sugere áreas nas quais é necessário melhorar. A resposta “sim” às de número par indica áreas nas quais você está aparentemente se saindo bem.

¹ ADLER, Jerry. “Building a Better Dad” [Construindo um pai melhor], *Newsweek* (17 de junho de 1996), p. 60.

O pai que disciplina

Certa manhã, entrei na cozinha e vi que meu filho, Sean, havia esquecido de retirar o lixo, uma tarefa que deveria ser feita antes de ele sair para a escola todos os dias. Sean tinha acabado de sair.

– Preciso ir buscá-lo e trazê-lo de volta para que ele retire o lixo – eu disse a Dottie.

– Josh – ela respondeu –, você não pode fazer isso. A aula deve começar em alguns minutos. Ele será punido por chegar atrasado.

– Querida, preciso fazer isso – eu insisti.

Então peguei o carro, dirigi até a escola e encontrei Sean no pátio fazendo algumas cestas de basquete antes que o primeiro sinal soasse.

Fui até Sean.

– Filho – eu disse –, quero que você pegue sua bicicleta, volte para casa e retire o lixo.

– Mas, pai – Sean protestou. – Faltam cinco minutos para o primeiro sinal. Não posso fazer isso depois da aula?

– Não, filho – era para você fazer antes de sair para a escola, e eu gostaria que você fizesse agora mesmo, por favor.

– Pai, você não poderia fazer isso para mim, só uma vez?

– Não, filho – respondi. – É responsabilidade sua.

Sean arremessou a bola aos colegas e andou vagarosamente até sua bicicleta com os ombros caídos. Enquanto eu o observava ir embora, ouvi uma voz soprar em meu ouvido: “Que tipo de pai você é, McDowell? Qual o problema de tirar o lixo para seu filho apenas uma vez na vida?”

Enquanto Sean cumpriu sua simples tarefa diária e pedalou de volta até a escola, o sinal tocou, e ele se atrasou uns bons trinta minutos para a aula. O professor de Sean o mandou para a diretoria assim que ele chegou, e ele teve de explicar ao diretor exatamente o que eu tinha feito. O diretor redigiu uma justificativa para Sean e o mandou de volta para a classe. Depois ele me telefonou.

– Não acredito no que Sean acabou de me contar – ele disse. – Dei-lhe uma justificativa e o mandei de volta para a classe porque fiquei impressionado que um pai agisse dessa forma para tornar seu filho responsável. Se mais pais ensinassem responsabilidade a seus filhos, nosso trabalho seria muito mais fácil.

Ao desligar o telefone, senti uma enorme onda de alívio. Antes disso, estava me achando um monstro por ter sido tão exigente com Sean a respeito do lixo, mas as palavras do diretor me garantiram que eu tinha agido sabiamente.

Nenhum de nós quer ser um monstro como pai. Mas nenhum de nós quer ser ingênuo. Eu não queria extrapolar com Sean, mas precisava corrigir um comportamento inadequado. Queria ajudá-lo a aceitar a responsabilidade e a desenvolver a autodisciplina. Queria oferecer-lhe orientação apropriada. Queria ser o tipo de pai que o meu Pai é.

A DISCIPLINA DO PAI

Deus é bom. Ele é um Pai amoroso, um Pai perfeito. Suas intenções e ações nunca são más ou rancorosas. Todavia, ele disciplina seus filhos não *apesar* de sua bondade, mas *por causa* do seu amor. Deus não nos disciplina porque *ele* é imperfeito, mas porque *nós* somos imperfeitos.

As Escrituras revelam repetidas vezes nosso Pai celestial como um Pai que disciplina:

Saberás no coração que o SENHOR, teu Deus, te corrige, assim como um homem corrige o filho (Dt 8.5).

Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai repreende o filho a quem quer bem (Pv 3.12).

O homem que oferece sábia correção e apropriada disciplina a seus filhos está refletindo a natureza e o caráter de Deus. É por essa razão que a Palavra de Deus exalta a sabedoria de pais que disciplinam seus filhos (Pv 23.13; 29.17) e descreve tragédia na vida dos que não o fazem (1Sm 2.22–4.18; 1Rs 1.1-53). O escritor de Hebreus fornece uma visão razoavelmente extensa da disciplina piedosa:

Não despreze a disciplina do Senhor, nem fique desanimado quando por ele é repreendido. Pois o Senhor disciplina a quem ama e pune a todo que recebe como filho. É visando à disciplina que perseverais. Deus vos trata como filhos. Pois qual é o filho a quem o pai não disciplina? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos se têm tornado participantes, então, não sois filhos, mas filhos ilegítimos. Além disso, tínhamos nossos pais humanos para nos disciplinar, e nós os respeitávamos. Logo, não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, e assim viveremos? Pois eles nos disciplinaram durante pouco tempo, como bem lhes parecia, mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para sermos participantes da sua santidade. Nenhuma disciplina parece no momento motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, porém, produz um fruto pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados (Hb 12.5-11).

Sim, a disciplina piedosa produz respeito, paz e fruto de justiça! É isso o que queremos para os nossos filhos! Isso é o que esperamos e oramos para produzir neles, com a ajuda de Deus, refletindo a natureza e o caráter do nosso Pai, tornando-nos pais que disciplinam.

Não, não queremos disciplinar nossos filhos com ira ou arrogância; queremos discipliná-los como Deus nos disciplina, como resultado do amor (Hb 12.6). Não queremos disciplinar nossos filhos para tornar a *nossa* vida mais fácil; queremos discipliná-los como Deus nos disciplina, para o bem deles (Hb 12.10). Não queremos disciplinar nossos filhos para alimentar nosso ego ou atender às nossas necessidades; queremos discipliná-los como Deus nos disciplina, para produzir neles fruto de justiça e paz (Hb 12.11).

Queremos ser o tipo de pai que o nosso Pai é.

Podemos encontrar entre os pais basicamente quatro estilos de paternidade:

- Autocrático – “Você vai fazer do meu jeito, ou então...”
- Permissivo – “Você pode fazer o que quiser”.
- Negligente – “Eu realmente não me importo com o que você faz”.
- Relacional – “Estou atento... Eu me importo com você... Quero compreender você... Desta vez vamos fazer deste jeito porque...”

Cada estilo revela certa atitude com relação à autoridade do pai. O pai autocrático é um “monarca absoluto”, ao qual o dicionário *Webster* define em três níveis. Primeiro, há o ditador que “detém e exerce poder absoluto”. Num nível ligeiramente menos nefasto, o autocrata é aquele que “assume absoluto poder independente sobre os outros”. E, no mínimo, “um autocrata é dominador, uma pessoa obstinada”.

Quando os pais autocráticos exercem poder absoluto sobre os filhos, eles impõem muitos limites, mas comunicam pouco amor. Muitos autocratas dão aos filhos uma “boa casa”. Eles alimentam e vestem seus filhos e parecem prover tudo o que é necessário para uma vida normal, exceto, em muitos casos, apoio e amor suficientes.

Viver numa autocracia leva os filhos a reagirem de uma das duas maneiras: lutar ou fugir. Quando os filhos escolhem *fugir*, geralmente batem em retirada e aprendem a cooperar e “ser obedientes”, pelo menos superficialmente. Interiormente, no entanto, estão fervilhando. Quando os filhos escolhem *lutar*, sua raiva se manifesta abertamente. Eles se queixam, respondem e até mesmo partem para o ataque verbal ou físico, porque o pai que tenta baixar normas independentemente de um relacionamento real com os filhos está espalhando sementes de rebelião.

Um estudo de relacionamentos entre adolescentes e pais revelou que os filhos educados por pais autocráticos tendem a mostrar hostilidade em relação aos pais, preconceito em relação às pessoas mais velhas, tendências

antissociais (e ações correlatas, como roubar, mentir, brigar e praticar atos de vandalismo), sentimentos de alienação social, rejeição de padrões tradicionais de moral e inabilidade para se relacionar bem com outras pessoas.

O outro extremo, claro, é a permissividade. Alguns pais são fortes no apoio, mas fracos na disciplina. Filhos criados de maneira permissiva muitas vezes fazem seus pais de reféns. Os filhos mais novos podem se recusar a dormir ou a comer na hora das refeições e recorrem a birras ou gritos e convulsões quando sua vontade não é realizada. Os filhos mais velhos falam desrespeitosamente à mãe e ao pai, movimentam-se à vontade todas as horas do dia ou da noite, e esperam que seus pais lhes deem o que eles querem, quando eles querem. Filhos criados com permissividade conseguem o que querem, porém não são mais felizes do que os filhos de lares autocráticos porque nesses ambientes não existe um equilíbrio saudável entre amor e limite. Eles raramente querem viver de acordo com os padrões morais de seus pais e tendem a se envolver com bebida, drogas e outros comportamentos autoindulgentes. Além disso, são mais suscetíveis à imoralidade sexual e à patologia.

Para ter o equilíbrio adequado entre amor e limite, os pais precisam empregar uma abordagem relacional, na qual tanto o amor quanto o limite são comunicados aos filhos. Os filhos sentem-se amados, o que lhes acrescenta senso de valor, mas também têm consciência de seus limites, o que lhes acrescenta senso de segurança. Os filhos respondem a normas, mas somente no contexto de relacionamento.

Mais uma vez, este é o modelo que o nosso Pai celestial nos apresenta. Ele ordenou regras para seus filhos. Afinal, ele nos deu os Dez Mandamentos, certo? Mas ele o fez após gerações de relacionamento com seu povo. Ele começou com uma única norma: *Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal* (Gn 2.17) e então passou vários anos

revelando-se e desenvolvendo um relacionamento com seus filhos antes de entregar a Lei no monte Sinai.

Esse é o tipo de pai que todos nós queremos ser, embora saibamos que não somos capazes de sê-lo. Tentamos e falhamos muitas vezes antes. Mas nosso modelo de Pai pode. Ele fez isso durante eras e pode fazê-lo em nós e por nosso intermédio se recorrermos a ele mediante seu Espírito Santo e tivermos em mente algumas táticas úteis, como as mostradas a seguir.

Disciplinar num contexto de relacionamento

A disciplina é sempre mais eficaz no contexto de uma relação de amor florescente. Então, ao corrigir seus filhos, comece fazendo uma pergunta que apele ao seu relacionamento com eles. Se a resposta a essa pergunta for positiva, você pode estar confiante de que eles responderão à sua correção. Pergunte, por exemplo: “Você sabe que eu amo você?” Ao fazer essa pergunta antes de apresentar a correção, você apela para eles não com base em sua autoridade, e sim com base em seu relacionamento.

Certa vez falei nas Filipinas a mais de seiscentos pastores e obreiros cristãos. Na sequência, mais de duzentos daqueles homens formaram fila para conversar comigo. Um dos principais problemas com que lidei naquela noite foi ilustrado por um pai e pastor que me disse que sua família tinha se voltado contra ele. Seus três filhos – de 17, 13 e 10 anos – eram considerados os “piores filhos da igreja” e estavam se rebelando de uma ou de outra forma. Ele queria saber o que podia fazer.

– Esqueça as regras – eu lhe disse.

– O quê? – ele disse, sem acreditar. – Isso está errado. Eles não obedecem a regra nenhuma. Nem mesmo pensam que precisam obedecer.

– Sei o que você está dizendo – retruquei –, mas repito: esqueça enfatizar as regras. Comece a construir um relacionamento. Você não tem nada a perder.¹

Não importa a idade dos seus filhos, nunca é tarde demais para construir relacionamentos. Lembro-me de uma mulher de Portland cujos

quatro filhos adultos tinham se rebelado completamente contra ela e lhe causado indizível angústia e desgosto. Dick Day e eu compartilhamos os princípios para construir relacionamentos de *How to Be a Hero to Your Kids*, e ela foi para casa comprometida com a longa e árdua tarefa de reconstruir aqueles relacionamentos. Cinco anos depois, encontramos novamente aquela mulher. Ela disse que o relacionamento com dois de seus filhos tinha dado uma virada de 180 graus! Ela compartilhou, em lágrimas, como a atenção ao relacionamento, mesmo com filhos adultos, havia trazido ricos dividendos.

Comunicar as regras claramente

O psicólogo de família John Rosemond diz que pais competentes “comunicam suas regras com clareza”. Eles não “fazem rodeios” quando se trata do que esperam dos filhos. Eles não suplicam, não subornam, nem ameaçam. De forma simples e direta, dizem aos filhos o que eles podem, o que não podem e o que devem fazer.² Sim, pastagens cercadas produzem ovelhas saudáveis. E limites claros e razoáveis produzem filhos saudáveis e felizes.

Livros e mais livros têm sido escritos sobre como ser um pai efetivo. Certo especialista enfatiza um ponto; um segundo especialista contradiz o primeiro. Mas nunca encontrei melhor conselho do que um versículo de uma das cartas de Paulo, que diz: *E vós, pais, não provoqueis a ira dos vossos filhos, mas criai-os na disciplina e instrução do Senhor* (Ef 6.4). Uma das maneiras mais seguras de um pai provocar seus filhos é distribuir normas e padrões indistintos e obscuros.

Alguns pais podem dizer a uma filha, por exemplo: “Jovem, espero que você volte para casa numa hora decente”. Mas o que é uma hora decente? Isso depende da interpretação. Uma hora da manhã pode parecer um horário decente para uma jovem de 17 anos, enquanto seu pai pode estar andando nervoso pela sala desde as 11 horas. É bem melhor comunicar o

limite claramente e dizer: “Por favor, esteja em casa às 11 horas – não às 11h30 nem mesmo às 11h10”.

Em vez de dizer a uma adolescente “Sua tarefa é retirar o lixo”, será muito melhor para o pai e para o adolescente se ficar claro que “sua tarefa diária é retirar o lixo todas as manhãs antes de sair para a escola”. Em vez de “Vá limpar seu quarto”, diga-lhe “Eu gostaria que você limpasse seu quarto à hora do jantar, e isso inclui espanar o pó e passar a vassoura”.

Comunicar claramente normas e expectativas ajuda o pai a estabelecer limites, ajuda o filho a respeitar fronteiras e ajuda ambos a evitar confusão e mal-entendidos.

Não exacerbar o resultado do comportamento inadequado

É útil lembrar que, quando as crianças fazem algo errado, elas normalmente estão procurando atenção. É óbvio que não podemos ignorar nossos filhos quando eles se comportam mal. É preciso lidar com a situação. Mas a pergunta é: *Como* lidar com isso? O que a criança vê ou ouve quando você reage ao mau comportamento dela?

Se um filho é capaz de fazer você levantar a voz, de deixar você com o rosto vermelho e provocar você inúmeras vezes, provavelmente conclui que exibir um mau comportamento é a melhor forma de chamar sua atenção. Por outro lado, se você pode lidar com o mau comportamento dele calmamente, sem discursos longos ou explosões de raiva, o resultado não será tão impactante.

Uma abordagem simples é dizer calmamente ao filho que esse tipo de coisa não será tolerado e, se necessário, separá-lo do restante da família durante uns instantes. Lembre-se, é mais difícil chamar a atenção dos outros quando se está sozinho. A “cadeira no canto” pode parecer uma ideia antiquada, mas com muitas crianças ainda é extremamente eficiente.

Sei que isso nem sempre é tão simples, mas, enquanto você lida com o mau comportamento de um filho, tenha em mente que crianças são compelidas a fazer coisas erradas. Elas se portam mal de vez em quando

simplesmente porque são crianças. Torne seu objetivo não fazer um “cavalo de batalha” do comportamento negativo delas. Em vez disso, tente acentuar os comportamentos *positivos*.

Como mencionei anteriormente, tente pegar seus filhos fazendo algo certo e reforce esse comportamento.

Planejar com antecedência

Muitos pais tornam sua tarefa mais difícil por não planejarem com antecedência em termos de disciplina. Pais efetivos, diz John Rosemond, “não esperam que os problemas apareçam para fazer algo a respeito”.³

Por exemplo, quando sua filha volta para casa uma hora após o horário de recolher, é provável que você ferva até ela entrar pela porta, a não ser que você tenha planejado com antecedência como reagiria caso ela se atrasasse para o toque de recolher. Ou, se o seu filho de 4 anos de idade frequentemente faz birra no supermercado, você espera tudo até acontecer de novo para lidar com o problema, ou planeja com antecedência uma reação racional e construtiva para não perder o equilíbrio na próxima vez que acontecer?

Um pastor amigo meu conta como ele e a esposa reagiram quando começaram a achar que seu filho de 17 anos pudesse estar envolvido sexualmente com a namorada. Eles tentaram repetidas vezes – e com sensibilidade, eles pensaram – expressar sua aceitação e seu amor pelo filho, encorajando-o a confidenciar-lhes o segredo. Mas o filho insistia em que não estava envolvido sexualmente com a garota. O pai e a mãe não abandonaram o assunto por completo, mas discutiram entre si como reagiriam se o filho confessasse o envolvimento sexual ou talvez a gravidez da namorada.

Em algumas semanas, o filho e a namorada bateram à casa do pastor e, em lágrimas, deram a notícia. A namorada estava de fato grávida.

– Foi um momento difícil, é claro – diz agora o pai –, mas fico feliz com o fato de que minha esposa e eu tivéssemos conversado com antecedência

a respeito. Não sei o que teríamos feito se não tivéssemos planejado a forma como reagiríamos. Eu poderia ter ficado com raiva ou dito algo do que teria me arrependido depois. Mas, por termos já discutido a situação, conseguimos responder de uma maneira realmente saudável.

Nem toda situação é tão grave, é claro, mas planejar sua reação com antecedência pode ajudar você tanto em situações simples como nas mais complexas.

Empregar as consequências naturais

Creio que as Escrituras ensinam duas formas de disciplina positiva. Uma delas é disciplinar por meio das *consequências naturais*.

A parábola de Jesus sobre o filho pródigo é uma excelente ilustração do poder corretivo das consequências naturais. O jovem da história decidiu sair de casa e viver por conta própria, exigindo que seu pai lhe desse sua parte da herança. O pai sabia o que ia acontecer, e mesmo assim entregou o dinheiro. Ele aparentemente decidiu deixar o rapaz aprender algumas lições da maneira mais difícil: sofrendo as consequências naturais de suas ações.

As consequências naturais cobraram seu preço. O rapaz gastou todo o dinheiro, perdeu o emprego, perdeu os amigos e acabou se alimentando com os porcos. Somente então, disse Jesus, ele *caiu em si* (v. Lc 15.17). Foi preciso recorrer às consequências naturais para fazer o filho perceber sua necessidade de voltar para casa, onde ele foi aceito e amado como nunca (Lc 15.11-32).

É interessante que o pai não somente deixou o filho ir, mas lhe entregou sua herança. Muitos pais podem deixar o filho ir, mas quantos lhe dariam uma herança para jogar fora? O pai do pródigo, entretanto, pode ter valorizado a oportunidade para que o filho aprendesse uma enorme lição maior do que o dinheiro.

Em nosso livro *Como ser um herói para seus filhos*, Dick Day falou sobre usar as consequências naturais para ensinar a seu filho Jonathan uma

importante lição quando o menino era bem pequeno:

Tínhamos uma lareira em nossa casa que ficava no nível do chão, e eu sempre me preocupava quando Jonathan estava por perto. Sem se dar conta do que o fogo podia fazer, ele poderia entrar na lareira e se queimar terrivelmente enquanto Charlotte e eu não estivéssemos olhando.

Certa noite, estávamos jantando à luz de velas. Jonathan começou a se aproximar para tocar na chama da vela, e Charlotte tentou impedi-lo, mas eu disse: “Não, deixe-o fazer”.

Jonathan enfiou o dedo na chama e o retirou imediatamente com um grito de dor. Ele não se queimou seriamente, mas o suficiente para aprender qual era o poder do fogo e a respeitá-lo. Algumas pessoas podem dizer que fui cruel em deixar Jonathan tocar o dedo na chama da vela, mas não concordo. Foi preferível deixá-lo aprender que o fogo queima numa pequena chama do que numa fogueira intensa.⁴

O pai que, contrito, deixa seu filho de 11 anos chegar em casa num carro de polícia por ter praticado furto numa loja de conveniência está empregando o poder corretivo das consequências naturais. O pai que, em lágrimas, assiste à sua filha perder a posição no time de vôlei por causa de notas baixas está empregando o poder corretivo das consequências naturais. O pai que, penalizado, permite que seu filho passe uma noite na cadeia por dirigir bêbado está empregando o poder corretivo das consequências naturais.

Especificar as consequências lógicas

O outro modo de disciplina descrito nas Escrituras é o das *consequências lógicas*. Este simplesmente significa que o pai define junto com o filho quais consequências decorrerão se este não cumprir suas responsabilidades ou se comportar inadequadamente de certa maneira. Por exemplo: “Se você não jantar, não terá sobremesa”, ou “Se você não alimentar o cachorro, *você* também não comerá”.

Vemos o precedente para as consequências lógicas acontecendo no jardim do Éden. Deus preparou tudo para Adão e Eva e, como mencionei anteriormente, estipulou que a árvore da qual eles não poderiam comer era a árvore do conhecimento do bem e do mal. Se eles comessem daquela

árvore, Deus disse, sofreriam as consequências lógicas – eles *com certeza morreriam* (v. Gn 2.15-17).

Claro, Eva de fato comeu o fruto. Adão seguiu o exemplo, e as consequências vieram rapidamente. Adão e Eva ficaram sujeitos à morte física e a todas as penalidades consequentes, como sofrimento no parto, trabalho árduo e banimento do paraíso (v. Gn 3.1-19).

Deus havia explicado claramente os limites nos quais Adão e Eva podiam operar, e, quando eles escolheram violar esses limites, escolheram as consequências. Deus ainda os amava, mas aplicou as consequências lógicas que eles haviam escolhido.

Novamente, uma ilustração da experiência de paternidade de Dick Day exemplifica apropriadamente o poder corretivo das consequências lógicas:

Quando Dick, meu filho mais velho, tirou a habilitação para dirigir, ele e eu concordamos que, se, ele recebesse alguma multa de trânsito, ele mesmo a pagaria e perderia o privilégio de dirigir por trinta dias. Ainda me recordo do dia em que Dick recebeu sua primeira multa. Ele chegou timidamente e disse:

– Pai, recebi uma multa.

Não sei o que Dick esperava, mas tudo o que eu disse foi:

– Onde estão as chaves do carro?

Dick me entregou as chaves, pagou a multa e não dirigiu o carro durante trinta dias. Não houve sermão. Não houve pedido para que ele explicasse por que havia feito isso [...]. As consequências lógicas já haviam sido explicitadas, e Dick sabia que estava pagando o preço com o qual já havia concordado.⁵

Usar o poder corretivo das consequências lógicas elimina a necessidade de longos sermões, explicações, discussões e gritaria. Quando tanto pai como filho sabem que certas ações geram determinadas consequências lógicas, o assunto está resolvido assim que a ação é praticada.

O poder das consequências lógicas pode ser extremamente libertador tanto para o pai como para o filho. O pai não precisa assumir o papel de policial, juiz ou executor. Ele simplesmente aplica as consequências que o jovem, pelo próprio comportamento, escolheu.

Manter sua posição

Kelly, minha filha mais velha, certa vez estava numa festa de formatura da oitava série na casa de outra aluna e telefonou para casa perguntando se podia passar a noite lá. Ouvi seu pedido e depois fiz algumas perguntas. Kelly admitiu que haveria rapazes na festa “prolongada” e, não, ela não podia garantir que não haveria bebida. Quando ela me disse os nomes de algumas pessoas que estavam planejando ficar depois das 10 horas, reconheci o nome de um adolescente que tinha a fama de conseguir bebida, embora, como Kelly, ele tivesse apenas 14 anos.

Depois de ouvir Kelly, respondi:

– Não, Kelly, não concordo. Quero que você volte para casa quando a festa terminar às 10 horas.

Kelly telefonou três vezes na meia hora seguinte. A certa altura, ela começou a chorar ao telefone, e então percebi o que estava realmente acontecendo. Quatro ou cinco outras garotas também queriam ficar a noite toda, mas precisavam da permissão de seus pais – e tudo dependia do que o pai de Kelly McDowell dissesse.

Era óbvio que Kelly estava sendo pressionada por suas colegas. Ela começou dizendo que provavelmente não havia muito com que se preocupar. Os pais estariam na casa, e haveria muitos garotos por perto. Nenhuma garota ficaria a sós com outro garoto.

Percebi que Kelly estava me passando o que suas amigas lhe informavam, e mantive minha posição original.

– Sinto muito, Kelly – eu disse –, mas você tem de vir para casa.

Desliguei o telefone com as fungadas de minha filha zumbindo em meus ouvidos. Não gostei de decepcioná-la, mas sabia que havia feito a coisa certa. Mais tarde, quando Kelly chegou em casa, ela nos agradeceu e agradeceu por não lhe deixar passar a noite na festa!

– Pai – ela disse –, eu realmente não queria ficar, especialmente depois que você disse não e as outras garotas começaram a me pressionar. Obrigada por me ajudar.

Descobri que, quando os pais tomam uma posição e a defendem, isso tem duas consequências nos filhos. Primeiro, ajuda-os a lidar com a pressão do grupo porque eles podem dizer: “Meus pais não deixam”. Em segundo lugar, e até mesmo mais importante, faz que o filho saiba que existem valores e padrões que não podem ser ignorados ou comprometidos.

Agir com amor, e não com raiva

Porque o SENHOR repreende a quem ama, diz Provérbios 3.12. Observe que a Bíblia não diz: “O Senhor repreende a quem ele odeia”. Nem sequer diz: “O Senhor repreende aquele que o irrita”. Ele disciplina em amor, e não com raiva.

Todos os pais se irritam com os filhos. Mas o pai prudente tem cuidado ao administrar disciplina em tais ocasiões. Se você estiver irado ou aos berros, não está em condições de oferecer correção amorosa ao seu filho. Se você sentir vontade de atacar alguém verbalmente ou infligir-lhe dano, não está em condições de oferecer correção amorosa a seu filho.

Por isso é importante, como dissemos anteriormente, formular a correção em termos do seu relacionamento com seus filhos, perguntando ao filho *antes* de aplicar a disciplina: “Você sabe que eu amo você?” Esse exercício simples não apenas coloca sua correção no contexto do relacionamento, mas realiza algo mais – algo tão valioso (talvez até mais valioso, em algumas ocasiões): serve como uma correção para *você*, lembrando-o de que, se você quer ser um pai à imagem do Pai celestial, precisa disciplinar seus filhos em amor, não com raiva.

Ajustar seu plano

Alguns pais são rigidamente consistentes. Eles tratam um filho fundamentalmente da mesma forma aos 16 anos que quando eles tinham 6. A decisão é controlar o filho do berço à sepultura... ou pelo menos até que eles saiam de casa. Essa abordagem, entretanto, pode deixar o filho

sufocado, confinado, reprimido, quase sempre reagindo de maneira imprudente e prejudicial. O filho não somente jamais aprende o autocontrole; ele chega ao ponto de desprezar qualquer controle.

Mas não é assim que o nosso Pai trata conosco. O escritor de Hebreus disse que *Deus nos disciplina para o nosso bem, para sermos participantes da sua santidade* (Hb 12.10). Em outras palavras, Deus nos disciplina para que possamos crescer, nos tornar santos, maduros e mais parecidos com ele.

O pai sábio refletirá a imagem do Pai dessa forma também, ajustando sua disciplina à idade e à maturidade dos filhos. Ele discernirá quando o filho estiver pronto para um novo desafio, responsabilidade ou privilégio e abrandará a disciplina *externa* sobre o filho para permitir o desenvolvimento da disciplina *interna*.

O pai pode dizer a irmãos que estão discutindo, por exemplo: “Não preciso me envolver nisso. Vocês têm idade suficiente para resolverem esta controvérsia”. O pai de um adolescente pode dizer: “Acho que você tem idade suficiente para colocar o relógio para despertar e acordar sozinho pela manhã”, ou “Enquanto estiver tirando notas boas na escola, você pode ir dormir quando quiser”.

O fato é que a disciplina eficiente requer consistência e flexibilidade – consistência na aplicação e no cumprimento da disciplina, e flexibilidade em ajustar as regras e expectativas quando os filhos crescem e se tornam maduros.

O filho cujo pai proporciona disciplina divina – disciplina que é amorosa, clara e consistente – estará preparado para gerar uma colheita de respeito, paz e honradez. O pai prepara seus filhos para desenvolverem a autodisciplina, uma qualidade que os ajudará a serem saudáveis emocional, social, espiritual e fisicamente. Isso contribuirá para que seus filhos evitem as consequências quase sempre trágicas do comportamento imprudente. E capacita os filhos a desfrutarem a bênção de uma boa

reputação, promovendo harmonia na mente e no coração de seus filhos e em seus relacionamentos com outros.

É isso o que a disciplina de Deus realiza em mim, e isso é o que desejo para os meus filhos.

Para reflexão, discussão e ação

- *1. De acordo com este capítulo, existem quatro estilos básicos de paternidade: autocrático, permissivo, negligente e relacional. Quais estilos operaram em seu lar enquanto você crescia? Qual estilo mais caracteriza a sua abordagem à disciplina?

- *2. Hebreus 12.10 menciona o objetivo da disciplina de Deus a seus filhos (*para sermos participantes da sua santidade*). Nas linhas seguintes, registre quais são os seus objetivos ao disciplinar seus filhos:

Disciplino meus filhos para que

Disciplino meus filhos para que

Disciplino meus filhos para que

3. Você já usou consequências naturais ou lógicas para disciplinar seus filhos? Pense em alguns exemplos. Se quiser usar consequências

lógicas, comece a aplicá-las lentamente, em pequenas coisas, e confirme sua posição quando as consequências lógicas precisarem ser reforçadas.

4. Examine suas atitudes ao disciplinar seus filhos. Marque um “x” nas linhas seguintes para indicar em que grau você se encontra:

Exigente	Corretivo
----------	-----------

Crítico	Mestre
---------	--------

Manipulador	Orientador
-------------	------------

Controlador	Liberador
-------------	-----------

Que passos você precisa dar para se tornar mais parecido com o Pai nas características anteriores?

*5. Você disciplina mais frequentemente em amor ou com raiva? Que passos concretos você pode dar para melhorar nesta área?

¹ MCDOWELL, JOSH; DAY, DICK. *How to be a Hero to Your Kids* [Como ser um herói para seus filhos], p. 29.

² ROSEMOND, John. “Successful Discipline”, *Better Homes and Gardens* [Disciplina bem-sucedida], *Better Homes and Gardens* (abril de 1994), p. 32.

³ Ibid.

⁴ MCDOWELL, Josh; e DAY, Dick. *How to be a Hero to Your Kids* [Como ser um herói para seus filhos], p. 199-200.

⁵ Ibid., p. 201.

O pai e o perdão

Ouvi a história de Don através de um amigo comum. Don é pai de três filhas e um filho. Ele educou sua família na igreja, e ele e a esposa educaram com sensibilidade e fidelidade todos os filhos de acordo com os princípios bíblicos. Mas, quando a filha mais nova chegou ao final da adolescência, tornou-se sexualmente ativa.

Na verdade, para ser franco, ela se tornou sexualmente promíscua. Don e a esposa tentaram de tudo para ajudá-la, mas nada parecia funcionar. Ela continuava promíscua em aparente despreocupação, às vezes até fazendo sexo com os namorados em casa enquanto seus pais estavam fora.

Finalmente, Don a fez sentar-se e lhe falou do fundo do coração, a ponto de quase explodir de sofrimento.

– Cathy – ele disse –, sua mãe e eu tentamos de tudo. Não sabemos mais o que fazer. Mas sabemos que você não pode mais viver em nossa casa e fazer as coisas que está fazendo.

E Don pediu que a filha fosse embora. Ele e a esposa tentaram deixar claro a Cathy que a amavam, mas insistiram que ou ela aceitava a ajuda deles para mudar de comportamento ou teria de encontrar outro lugar onde viver.

Cathy saiu na manhã seguinte; arrumou uma valise e saiu de casa sem dizer aos pais para onde estava indo.

Três meses depois, por volta de uma hora da madrugada, Don foi acordado por um telefonema.

– Pai – disse a voz ao telefone –, estou telefonando da estação rodoviária.

Era Cathy. Ela pronunciou algumas frases incoerentes ao telefone, terminando finalmente com um pedido:

– Quero voltar para casa.

Don sentou-se na cama e acordou a esposa.

– Não vá a lugar nenhum – ele disse à filha, lutando para manter a voz calma. – Vou buscar você.

Don apanhou a filha na estação rodoviária e lhe deu um abraço longo e apertado antes de levá-la para casa. Ele não perguntou por onde ela havia andado. Não lhe fez um sermão sobre as noites em claro que ela havia causado. Não a lembrou das regras que ela aceitou ao voltar para casa. Apenas a perdoou.

Esse é o tipo de pai que precisamos ser, um pai que perdoa. Seus filhos precisam saber que podem admitir seus erros e transgressões e ter o perdão do pai. Eles precisam saber que o pai não guarda ressentimento contra eles. Quando falham, eles podem começar novamente.

Uma coisa eu digo: tenho visto em pais os efeitos de um espírito que não perdoa. Tenho visto filhos cujos pais guardam ressentimento e amargura por causa da conduta deles desenvolverem um baixo senso de autoestima. Tenho observado que os filhos cujos pais têm problemas em perdoá-los quase sempre são impacientes também e igualmente implacáveis com os outros. Tenho observado filhos de pais que não perdoam se rebelarem contra o lar, a família, a igreja, amargurados pelo que eles chamam de hipocrisia em seus pais.

Por outro lado, tenho visto como um pai perdoador pode nutrir um saudável senso de autoestima e autoconfiança em seu filho. Tenho notado que pais perdoadores educam filhos que se contêm e perdoam a si mesmos. Estou convencido de que um pai perdoador educará mais facilmente filhos honestos com as próprias falhas e que rapidamente

admitem um pecado ou erro, quase sempre poupando a todos muitos meses ou anos de angústia e tragédia.

É por isso que você deveria querer ser um pai perdoador, assim como é Deus, o seu Pai.

O PERDÃO DO PAI

Coloque-se no lugar do pai de um filho que é a menina dos seus olhos. Você esbanjou amor e atenção a ele desde sua infância. Você lhe deu o primeiro banho; ensinou-o a andar de bicicleta; foi a incontáveis jogos de futebol; cuidou dele na enfermidade e o encorajou nos momentos de tristeza. Esteve disponível e se interessou por tudo o que ele gostava de fazer. Você lhe proporcionou uma vida tranquila e o cobriu de presentes. Fez tudo que um pai amoroso poderia fazer por um filho.

Mas seu filho achou que tudo era sua obrigação de pai. Na maioria dos dias, ele simplesmente ignorou você, buscando-o somente quando precisava de alguma coisa, como dinheiro para o combustível ou tênis novos. Às vezes, ele desobedeceu a você intencionalmente. Ele foi sempre uma decepção; parecia ter vergonha do pai e tratava seus irmãos com grosseria e crueldade.

Como você se sentiria em relação a esse filho? Você o perdoaria? Pense cuidadosamente em sua resposta, porque você não é o pai nesta história – você é o filho.

O seu Pai celestial cobriu você de amor e graça, e você tem respondido de uma forma bem parecida com o filho da história anterior. (Na verdade, se você se parece um pouco comigo, terá agido *pior* do que descrevi nessa situação.) Todavia, Deus o perdoou sem restrições e continua perdando. Incrível, não é? Na verdade, não. Esse é apenas o tipo de Pai que ele é. Isso faz parte de sua natureza.

Como o Oriente se distancia do Ocidente, assim ele afasta de nós nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. (Sl 103.12,13)

Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões, por amor de mim, e não me lembro dos teus pecados. (Is 43.25)

Ele é um Pai perdoador. Embora tenha sido injustiçado e sua vontade tenha sido transgredida mais do que qualquer pai na História, ele permanece pronto e ansioso para perdoar seus filhos. Como o pai que espera na história de Jesus sobre o filho pródigo, Deus não apenas espera, mas *se apressa* em perdoar, e em sua graça e generosidade começa sua obra de perdão antes que nossas palavras de arrependimento saiam da nossa boca (v. Lc 15.11-32).

Nós estamos mal preparados – não, estamos despreparados – para sermos esse tipo de pai. Nosso orgulho, medo e fragilidade, tudo se coloca no caminho. Receamos que nossos filhos entendam mal, pensando que perdoá-los significa tolerar seu comportamento. Temos de ser pais perdoadores de fato, e não o retrato de uma simples imagem ilusória. Mas, porque o Espírito de Deus, nosso modelo de Pai, vive em nós pela salvação em Cristo, podemos, pela oração e segurança nele, mostrar a imagem do Pai aos nossos filhos. Entre as formas específicas pelas quais Deus nos capacitou para fazermos isso, estão as que vemos a seguir.

Compreender o perdão

Um dos obstáculos ao perdão é a falta de compreensão sobre o que é o perdão e o que ele faz. Perdoar meus filhos não significa fingir que não vejo sua desobediência, tolerar sua desobediência ou desobrigá-los da punição. Allen C. Guelzo, escrevendo em *Christianity Today*, afirmou:

Perdoar [...] significa de bom grado afastar nosso ressentimento ao sermos injustiçados. Isso implica não apenas conter ou restringir nosso ressentimento, mas deixá-lo de lado por completo [...].

O perdão significa mais do que apenas virar o rosto e se fingir de morto. Existem algumas coisas que o perdão não é, e estas podem ajudar a equilibrar o quadro. Perdoar não significa desculpar. O perdão é pessoal: está relacionado ao impacto que uma ofensa tem sobre você e sua necessidade de se libertar do ressentimento. A desculpa é legal em vez de pessoal, preocupada apenas com a situação jurídica do delito, e não com a relação entre o agressor e a vítima. A

desculpa, ao contrário do perdão, significa deixar alguém fora do vínculo moral e liberá-lo do castigo que merece [...].

Uma segunda coisa que o perdão não significa é justificação [...]. C. S. Lewis escreveu: “Existe toda a diferença do mundo entre perdoar e justificar. O perdão diz: ‘Sim, você fez isso, mas aceito seu pedido de desculpas. Jamais vou usar isso contra você, e tudo entre nós será exatamente como foi antes’. Mas a justificação diz: ‘Vejo que você não poderia fazer nada a respeito, ou não quis agir assim; você realmente não teve culpa’. Se a pessoa realmente não teve culpa, então não há nada a perdoar. Nesse sentido, perdoar e desculpar são quase opostos”.

Se isso é verdade, não precisamos temer que, ao praticarmos o perdão, estejamos de alguma forma tolerando o erro ou o mal. O perdão não significa “deixar de censurar”, e sim “deixar de lado o ressentimento”.¹

Compreender o perdão – o que ele é e o que não é – é um passo necessário no sentido de tornar-se um pai que perdoa.

Conter o impulso da reação exagerada

Os filhos podem levar você, às vezes, ao limite, tornando difícil para você perdoá-los, particularmente quando cada ação deles parece ter a intenção de irritar o pai. Mas você faz um enorme favor a seus filhos – e a si mesmo – ao resistir ao impulso de reagir com exagero.

Sempre que eu era tentado a reagir aos meus filhos com espírito rígido e implacável, tentava me lembrar de uma conversa que um amigo meu teve certa vez com um marido e esposa. Ele estava ajudando esses pais a lidar com o filho rebelde que tentava reagir negativamente à liderança deles. Em determinado encontro, ele lhes perguntou:

– Como o seu filho se comportou na semana passada?

Eles imediatamente responderam com tudo o que tinha acontecido de errado na última sexta-feira. Após meu amigo ter ouvido durante quinze minutos quão terrível tinha sido a sexta-feira com o filho, ele lhes perguntou como tinha sido a quinta-feira. Ótima. E a quarta-feira? Excelente. A terça-feira tinha sido ruim? Não. E, na segunda-feira, como ele tinha agido na segunda-feira? Realmente, a segunda-feira tinha sido muito boa.

Finalmente, meu amigo estava pronto para esclarecer a questão. Um dia ruim não anula quatro dias de bom comportamento. É verdade, a sexta-feira tinha sido péssima. Mas eles não conseguiam ver a melhora nos outros dias e dar um desconto ao revés na sexta-feira? Eles começaram a compreender como estavam reagindo com exagero, e de que maneira, no todo, o filho havia apresentado uma sensível melhora.

Uma vez que o amor não mantém registro de ofensas, você pode perdoar e esquecer os dias maus enquanto foca mais o sucesso de seus filhos do que seus fracassos.

Alistar ajuda

Dottie, minha esposa, tem sido uma ajuda inestimável para mim de muitas maneiras, não menos do que têm sido os meus esforços em me tornar um pai perdoador.

Eu pedia a Dottie que me avisasse quando eu estivesse agindo duramente para com nossos filhos. Acredite em mim, ela se tornou especialista em dizer: “Josh, acho que você deve pedir desculpas a Katie” ou “Josh, você não acha que tem algo a dizer a Heather?” Nem sempre foi fácil ouvir esses avisos, mas foi indispensável.

Lembre-se ainda de que, se você convocou a ajuda de seus filhos em mantê-lo responsável como pai, eles também poderão lembrá-lo de sua intenção de perdoar. Talvez digam: “Pai, não acho que você me perdoou por pintar seu carro esportivo” ou “Pai, você está seguro de que me perdoou por ter usado sua peruca para treinar bola ao cesto?”

Lembrar o passado

Crescer não é uma tarefa fácil. Se formos sinceros, todos nós, pais, temos de admitir que, enquanto crescíamos, cometemos tantos erros tão (se não mais) idiotas e/ou intencionais quanto nossos filhos cometem agora. Tínhamos dias ruins. Ficávamos irritados. Éramos travessos – às vezes,

francamente diabólicos! Houve momentos em que simplesmente nos rebelamos.

Nunca paramos para pensar que Deus pode estar vingando nossos pais, dando-nos filhos que são tão travessos e rebeldes como *nós* fomos!

O perdão é mais fácil se mantivermos um controle atento sobre nossas fraquezas e fracassos – e não apenas em relação à nossa infância, mas também ao nosso passado mais recente. Quando nosso filho se atrasa para chegar em casa, por exemplo, é bom verificar se você mesmo não se atrasou para um compromisso nesta semana. (Você ainda pode fixar uma punição para esse comportamento, é claro, mas lembrar seu passado pode ajudar a fomentar um espírito de perdão em você.) Se sua filha leva uma multa por excesso de velocidade, lembrar-se de sua última multa pode ajudar você a comunicar mais prontamente perdão para ela.

Praticar o perdão

Sim, seja o tipo de pai que perdoa seus filhos independentemente do “tamanho” da transgressão deles. Mas seja também o tipo de pai que perdoa seus filhos em relação às coisas “pequenas”. Tem sido minha experiência que “praticar” o perdão nas coisas pequenas, do dia a dia, ajuda a preparar o pai para mostrar perdão diante de uma crise maior.

Cada dia oferece múltiplas oportunidades para a prática do perdão. Por exemplo, se um filho falava de forma desrespeitosa comigo ou com Dottie, eu corrigia o comportamento e, então, conscientemente, o perdoava. Se o filho reagia positivamente à correção, eu quase sempre sorria e dizia: “Você está perdoado”. (Eu nunca tentava dizer: “Ah, está bem” ou “Sem problema”, porque queria focar em comunicar perdão, e não aprovação do comportamento.)

Ou, para usar outro exemplo, se um filho desobedecia ao horário de se recolher, eu usava aquele incidente de menor gravidade para praticar minha “habilidade de perdão”. Cuidadoso para não agir com excesso, eu aplicava uma punição adequada ao mau comportamento (tal como “Acho

que seu horário de chegar em casa será uma hora mais cedo no mês que vem”) e então comunicava meu perdão.

Tais oportunidades aparentemente “pequenas” de praticar perdão não apenas me ajudaram (com a ajuda de Deus) a comunicar um espírito de perdão aos meus filhos. Também me mantiveram “em forma” para momentos mais difíceis, quando as crises apareciam e era mais difícil – e mais necessário – perdoar.

Fazer o “teste do ímã”

Escrevi em coautoria com Dick Day o livro *How to Be a Hero to Your Kids*, no qual apresentamos o seguinte conselho que, penso, se aplica à discussão deste capítulo:

Quando começo a sentir tensão com meus filhos, descubro que é melhor dar um passo atrás e vê-los como Deus os vê: pessoas de valor infinito. Isso ajuda a me colocar num patamar de aceitação e perdão mesmo quando a situação requer disciplina. Posso aceitá-los e perdoá-los mesmo lidando com o comportamento deles.

Chamo esse processo de retrocesso de “teste do ímã”. Quando dois ímãs são separados e não estão no mesmo campo magnético, não têm influência um sobre o outro. Mas, se você coloca dois ímãs dentro do *mesmo* campo magnético, eles farão uma de duas coisas: ou vão se atrair mutuamente, ou acabarão por se repelir.

As emoções humanas nos tornam muito parecidos com ímãs. Você não tem poderes magnéticos, mas tem emoções, e seu filho também. Viver juntos como família coloca você e seus filhos no mesmo “campo emocional” e, quando isso acontece, ocorre um resultado semelhante a aproximar dois ímãs. Acontece uma das duas coisas: ou você se aproxima do seu filho, ou vocês reagem mutuamente e se afastam.

Sempre que me vejo numa situação tensa com meus filhos, faço a mim mesmo algumas perguntas sérias: “Por que o nosso relacionamento está sob estresse? Por que estou reagindo ao meu filho? Por que meu filho está reagindo a mim?” Quando as coisas ficam tensas em sua família, você pode ter certeza de algo: a segurança de um dos dois está sendo ameaçada e sua aceitação do filho também está em risco.²

Lembre-se, claro, de que fazer o teste do ímã é responsabilidade *sua*, e não do seu filho. Como adulto, você é quem pode dar um passo atrás – para fora da situação – e ver o que está acontecendo. Então, você pode controlar qualquer raiva ou ressentimento que possa ter e, se necessário, expressar ou pedir perdão, o que nos leva ao ponto seguinte...

Pedir perdão a si mesmo

Quando eu estava escrevendo este capítulo, fiz minha filha de 16 anos, Katie, sentar e lhe disse que precisava de sua ajuda no meu trabalho.

– Você pode pensar em um momento – eu lhe pedi – no qual eu a magoei, a ofendi e não lhe pedi que me perdoasse?

Ela se sentou em silêncio durante o que pareceram uns cinco ou seis minutos, pensando. Eu quase podia imaginar as engrenagens girando dentro de sua cabeça enquanto ela percorria um catálogo mental de todas as coisas precipitadas, impensadas e cruéis que eu havia dito ou feito em dezesseis anos como pai. Imaginei que, naquele momento, ela estava mentalmente selecionando dezenas de incidentes, tentando escolher o que pior me retratasse. Ao final, não consegui mais suportar o suspense. Katie ainda não havia dito uma palavra. Então, tentando terminar com o angustiante silêncio, eu disse:

– Querida, qualquer coisa.

Ela sorriu.

– Bem, papai – ela disse –, isso pode ser bom para *você*, mas não será bom para o seu livro.

Tive um pensamento repentino de que ela estava prestes a relatar algo tão horripilante que nem sequer poderia ser impresso. Então ela deu de ombros e disse:

– Não consigo pensar em nada.

Que alívio! E (tenho certeza de que minha esposa acrescentaria) que surpreendente!

Ora, não estou sugerindo que compilei um registro perfeito como pai. Tenho certeza de que houve momentos em que eu deveria ter pedido perdão a Katie e não o fiz. Mas, aos 16 anos de idade, Katie não conseguiu lembrar-se de nenhum e, para ser honesto, nem eu. Se houve algum, devo ter dado o melhor de mim para lidar com o assunto imediatamente.

A habilidade em admitir erros e pedir perdão é aparentemente rara entre pais cristãos. Uma pesquisa entre frequentadores de igreja revelou que 37% dos filhos pesquisados – mais de um em cada três – dizem que raramente ou nunca ouvem seus pais admitirem estar errados ou ter cometido erro. Presumivelmente, menos ainda pedem perdão a seus filhos.

Não é de admirar que nossos filhos tenham dificuldade em admitir seus erros! Não causa surpresa eles terem problemas em se identificar com os pais! Parece natural que eles sofram com a autoestima – seus pais são aparentemente perfeitos!

Feliz é a criança cujo pai é paciente com seus pecados e rápido em perdoar, cujo pai nunca esconde fracassos passados como uma espada pendurada sobre sua cabeça. Mais pronta e ricamente, esse pai pode instilar sabedoria, piedade e maturidade, bem como um senso de autoestima e autoconfiança em seus filhos, e pode educar filhos que se apressam em admitir seus erros e se arrepender de seus pecados, filhos que se perdoam e são pacientes com os outros. Esse pai pode mais rápida e ricamente refletir a imagem de seu Pai celeste... e, ao fazê-lo, atrair seus filhos também ao modelo de Pai.

Para reflexão, discussão e ação

1. Em que medida você foi um pai perdoador no passado? Assinale a declaração seguinte que reflete com mais exatidão seus hábitos:

Tenho sido um pai perdoador.

Hesito em perdoar.

Perdoo meus filhos ocasionalmente.

Perdoo meus filhos raramente.

Nunca perdoo meus filhos.

2. No espaço a seguir, descreva se e como acontecia perdão no lar em que você cresceu. Em que medida seu lar hoje é semelhante? Em que medida é diferente?

3. O que você pode fazer esta semana para perdoar seus filhos mais efetivamente? Seja específico e liste as ideias a seguir:

4. Há situações em que você precisa pedir perdão a seus filhos? Se há, quais são elas e quando você deve pedir perdão?

¹ GUELZO, Allen C. “Fear of Forgiving,” [Medo de perdoar], *Christianity Today* (8 de fevereiro de 1993), p. 42.

² MCDOWELL, Josh; DAY, Dick. *How to be a Hero to Your Kids* [Como ser um herói para seus filhos], p. 204.

O pai e respeito

Esta história é contada a respeito do arcebispo Tillotson, quando ele era deão de Canterbury, uma posição de grande poder e prestígio. Certa tarde, ele estava em casa quando um visitante apareceu à sua porta.

Um dos empregados do deão atendeu à campainha e deparou com um velho um tanto desarrumado, um morador comum do condado histórico de Yorkshire, que perguntou se “John Tillotson” estava em casa. O empregado, chocado com a insolência do velho por tratar daquela forma o respeitado deão de Canterbury, censurou o visitante e o expulsou da casa, limpando as mãos enquanto o estranho ia embora, como se tivesse acabado de colocar o lixo para fora.

O deão, entretanto, de dentro da casa, reconheceu a voz do estranho e correu para a porta no momento em que o empregado a fechava. Abriu a porta e gritou para espanto do empregado:

– É o meu amado pai!

O respeitado eclesiástico correu até onde o velho havia parado, ajoelhou-se e pediu a bênção de seu pai.

Embora o deão Tillotson tivesse alcançado uma posição de grande honra na igreja, ele amava e respeitava seu pai de Yorkshire, por mais simples e comum que fosse a sua aparência. A demonstração de respeito do deão não apenas refletia seu caráter, mas deixava entrever também o caráter do seu pai. Esse é o tipo de filho que queremos educar. Esse é o tipo de pai que queremos ser.

Queremos ganhar o respeito dos nossos filhos. Queremos que eles nos respeitem. Queremos que respeitem a mãe deles. Queremos que respeitem os anciãos. Queremos que respeitem as autoridades. Queremos que eles se respeitem.

Esse ideal não é irrealista. Estou convencido de que é possível. Mas creio que o motivo pelo qual esse tipo de respeito é raro hoje é que tais filhos são, em grande medida, produtos das primeiras nove qualidades de pai que discutimos neste livro. O pai somente ganha o respeito da esposa e dos filhos quando é exemplo de amor, aceitação, pureza, verdade, fidelidade, amizade, perdão etc. Cada uma dessas qualidades demonstra o respeito de um pai e confirma que ele é digno de respeito.

O respeito flui para – e de – um pai que se parece com o Pai.

A FIGURA DO PAI

A Bíblia está cheia de exortações para respeitar os outros. As crianças são intimadas a respeitar os pais. A Bíblia ordena: *Honra teu pai e tua mãe* (Êx 20.12). Somos instruídos a honrar *a pessoa do ancião* (Lv 19.32). Somos informados: *Todos devem sujeitar-se às autoridades* (Rm 13.1). Paulo aconselhou Timóteo: *Os presbíteros que governam bem devem ser dignos de honra em dobro* (1Tm 5.17).

A Bíblia ordena respeito porque respeitar os outros é correto. Há algo respeitável em cada um de nós que vem da própria natureza de Deus. *Deus é Espírito* e nele está *a vida*, diz a Bíblia (Jo 4.24; 1.4). É essa parte da natureza divina que o ser humano compartilha, porque *o SENHOR Deus [...] soprou-lhe nas narinas o fôlego [o ruach, “espírito”] da vida; e o homem tornou-se alma vivente* (Gn 2.7). Nós somos espíritos imortais, criados com dignidade e propósito. Todo ser humano, portanto, é digno de respeito porque é um reflexo do Deus que dá vida e espírito a todas as pessoas.

Além do respeito fundamental a todo ser humano, somos ordenados a respeitar e obedecer aos que estão em autoridade sobre nós, *pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram ordenadas por ele* (Rm

13.1). O respeito às leis civis e aos líderes da igreja é um reconhecimento da autoridade de Deus sobre todos.

Surpreendentemente, Deus não apenas *ordena* respeito de nós e entre nós; ele também nos *mostra* respeito. Ele nos criou *à sua imagem*. Por causa disso, ele nos trata com dignidade, muito mais respeitosamente do que merecemos:

Que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor que os anjos e o coroaste de glória e honra (Sl 8.4-5).

Deus é um Pai respeitoso. Ele é também um Pai que é digno do mais alto respeito. Esse é o tipo de pai que eu quero ser. Ah, eu sei que não sou – nem jamais serei – digno de respeito como ele é. Ele é santo e onipotente; eu sou pecador e fraco. Mas, pelo sacrifício do seu Filho e pela obra do seu Espírito Santo, posso mostrar sua imagem em meu ministério como pai a meus filhos. Isso requer dependência dele por meio da oração e da Palavra, assim como atenção às áreas ou habilidades descritas a seguir.

Demonstrar respeito

Como você trata seus pais? Como você fala a respeito de outras pessoas na presença dos seus filhos? Você demonstra respeito por seu cônjuge? Por seus superiores? Pelos líderes da igreja? Pelos colegas de trabalho? Pelas leis de trânsito? Pela criação de Deus?

Um dos segredos para se tornar um pai digno de respeito é ser um pai que demonstra respeito, assim como Deus, o Pai, não somente ordena respeito, mas também o demonstra a nós. Suas atitudes e ações mostrarão de forma concreta a seus filhos o que é o respeito.

Mostrar respeito inclui também tratar seus filhos com respeito. Alguns adultos consideram o respeito como uma rua de mão única, mas os *filhos* também são feitos à imagem de Deus. Tenho visto pais intimidando filhos após um fraco desempenho num evento esportivo; rolando os olhos diante

de uma declaração ingênua do filho; insultando os filhos ou falando com jovens de 17 anos como se eles tivessem 6.

Pais, a estrada para o respeito começa em nossos pés. Começa em ver nossos filhos pelos olhos de Deus e tratá-los com honra. Implica pedir a opinião dos nossos filhos e depois ouvi-los quando eles respondem. Significa dizer “por favor” e “obrigado” aos filhos, exatamente como faríamos com qualquer outra pessoa. Significa mostrar respeito por todos – até nossos filhos – e tratá-los como filhos de Deus que eles realmente são.

Definir respeito

Alguns pais dizem para os filhos agirem respeitosamente sem nunca explicar para eles o que significa respeitar.

Definir respeito inclui tornar seus filhos conscientes do mandamento bíblico de respeitar todos os seres humanos, particularmente os pais, os mais velhos, as autoridades do governo e da igreja. Inclui também explicar regras de bom comportamento – como tratar os mais velhos por “senhor” e “senhora”, ou abrir a porta para alguém – como formas de demonstrar respeito à outra pessoa.

Lembro-me de certa ocasião em que Sean foi comigo de carro a um *shopping center*. Estávamos os dois numa conversa animada quando chegamos ao estacionamento, e parei o carro um tanto apressadamente. Eu tinha já quase saído do carro quando notei que havia estacionado quase no centro de duas vagas em vez de ocupar apenas uma. Durante um segundo, vi-me tentado a deixar o carro onde estava porque estávamos com um pouco de pressa. Mas, então, pensei: “Não, isso pode fazer alguém ter de estacionar mais longe por não encontrar uma vaga aqui. Que tipo de exemplo darei a meu filho?”

Pedi que Sean permanecesse sentado. Enquanto estacionava o carro mais uma vez, percebi a oportunidade de dar um pequeno ensinamento.

– Filho – eu disse –, sabe por que estou fazendo isto de novo?

– Por que, pai? – ele perguntou.

– Bem – eu disse –, você pode ver que não estacionei direito. De fato, ocupei duas vagas. Seria grosseiro deixar o carro estacionado desse jeito. Outra pessoa poderia não encontrar lugar e teria de andar um pouco mais para entrar na loja.

Usei essa oportunidade para definir respeito e ajudar meu filho a compreender o que significa na prática ter um comportamento respeitoso.

Estimular o respeito próprio

O respeito saudável para com outros começa com o respeito próprio. O jovem que não respeita a si mesmo encontra dificuldade em respeitar o pai, a mãe, os professores, os pastores e qualquer outra pessoa. Os pais podem ajudar a estimular o respeito próprio em seus filhos transmitindo as seguintes ideias:

Eu o respeito porque você foi criado à imagem de Deus. É verdade que o pecado desfigurou e esmaeceu essa imagem. No entanto, todo filho é digno de respeito porque reflete a imagem de Deus.

Eu o respeito porque você é membro (ou membro potencial) da eterna família de Deus. O apóstolo Paulo afirma que os cristãos são *feitura de Deus* (Ef. 2.10, ARA). A palavra que Paulo usou para “feitura” nesse versículo é *poiema*, uma palavra que foi distintamente usada para se referir a obras de arte (e da qual temos a palavra “poema” em português). Em outras palavras, seus filhos são “poemas” de Deus, sua obra-prima, sua preciosa obra de arte.

Eu o respeito porque você enriquece minha vida. Salmo 127.3 diz que os filhos são um presente especial de um Pai celestial amoroso. Reconhecer que os filhos enriquecem nossa vida não é uma verdade arrogante, abstrata. Mais do que quaisquer outras pessoas, os filhos podem representar um desafio para que nos tornemos as melhores pessoas que pudermos pela graça de Deus. Sim, os filhos aprendem conosco, mas eles também nos ensinam. Você sabe o que eu estava dizendo a Sean naquela ida ao *shopping center* que mencionei anteriormente, quando estacionei mal o carro? Eu estava dizendo: “Sean, você é realmente especial para mim, e

quero que você aprenda com esta experiência exatamente o que eu estou aprendendo. Quero que você saiba que considero um privilégio ser seu pai. Sou um dos homens mais sortudos do mundo”. (Não é de admirar que ele deixasse de observar como eu dirijo mal!)

Eu o respeito por causa de sua singularidade, sua personalidade, seus talentos e seus dons. Todo ser humano – jovem ou velho – precisa ter a sensação de integração, a sensação de valor, a sensação de competência. Preste atenção no que uma jovem disse sobre seus pais:

Quando comecei a pensar no que [meus pais] fizeram certo em minha educação, a maneira como eles nos viam como indivíduos com diferentes dons se destacou em minha mente.

Minha irmã e eu íamos bem academicamente, apreciando coisas como memorizar e escrever ensaios. Nossos dois irmãos estavam envolvidos em escrever e representar, apreciavam arte e poesia, e gostavam de criar. Todos nós éramos encorajados a aprender, a desenvolver bons hábitos de estudo, a irmos bem na escola. Ao mesmo tempo, sentíamos grande liberdade e não éramos pressionados por causa da recusa de nossos pais em fazer julgamento de valor sobre nossas habilidades. [Meus pais] eram orientados para o estudo, por exemplo; todavia, aceitavam os dons criativos dos filhos com tanto elogio e encorajamento como qualquer conquista acadêmica.¹

Esse tipo de atitude, quando comunicada aos filhos, pode contribuir significativamente para atitudes saudáveis de respeito próprio.

Exigir respeito por sua esposa

Muitos anos atrás, quando Kelly, nossa filha mais velha, tinha cerca de 11 anos, ela e Dottie passaram por um período difícil no qual quase se magoaram uma à outra. Kelly começou a “desrespeitar” a mãe, falando de modo um tanto rude com ela.

Após observar isso algumas vezes, decidi que já era o suficiente. Tomei Kelly pelos ombros, virei-a gentilmente, olhei-a nos olhos e disse:

– Garota, você até pode falar com sua *mãe* desse jeito, mas jamais permitirei que fale assim com minha *esposa*! Eu amo esta mulher e vou não apenas protegê-la de pessoas *fora* da família, mas também vou protegê-la de vocês, meus filhos. Nunca mais fale com minha esposa desse jeito!

Kelly pestanejou, resmungou alguma coisa e se afastou. Mas os resultados do meu pequeno discurso foram imediatos. Na próxima vez em que começou a fazer uma observação um tanto ferina a Dottie, ela se conteve, olhou para mim e disse:

– Não, Kelly, você não pode – respondi com um brilho no olho.

Os filhos aprendem respeito em casa, claro, e permitir que eles falem desrespeitosamente com a mãe seria ensinar o oposto do que quero que eles aprendam.

Estimular o respeito entre irmãos

Irmãos e irmãs podem ser os melhores amigos, inimigos ferozes ou ambos, dependendo das circunstâncias, de sua idade, da hora do dia ou de seu humor na ocasião. Irmãos podem ser surpreendentemente amorosos uns com os outros, mas também podem ser chocantemente cruéis.

Diferenças e discordâncias podem ser inevitáveis entre irmãos e irmãs, mas o desrespeito não precisa ser tolerado. O pai prudente fixará os limites para os xingamentos, os insultos e as provocações, explicando que isso não está de acordo com os padrões bíblicos para o povo de Deus. O dr. James Dobson oferece os limites de respeito que ele traçou em sua família:

1. Nenhum filho jamais tem permissão para brincar com os irmãos de forma destrutiva. Ponto final!
2. O quarto de cada filho (ou parte dele, se os irmãos compartilham o mesmo quarto) é o seu território particular.
3. O filho mais velho não tem permissão para importunar o mais novo.
4. O filho mais novo não tem permissão para perturbar o mais velho.
5. Os filhos não são obrigados a brincar com outrem ou quando preferem estar sozinhos ou com os amigos.
6. Atuamos como mediadores em qualquer conflito genuíno o mais rápido possível, cuidando para sempre mostrar imparcialidade e

extrema justiça.²

Aproveitar momentos próprios para o ensino

Pais competentes procuram cada oportunidade para transmitir sabedoria e discernimento, aproveitam esses momentos próprios ao ensino, e tiram deles cada gota de possibilidade.

Conversas dirigidas durante o jantar, por exemplo, podem implantar sementes de verdade em seus filhos. (Isto presume, claro, que sua família faz as refeições em conjunto regularmente. E, do contrário, *por que você não faz?* Tais momentos – com a TV desligada – fornece oportunidades de ouro para discutir comportamentos respeitosos. Se sua família não faz as refeições junta regularmente, pense em tornar esse prática um hábito novamente.)

Aproveite o percurso de carro até o *shopping* ou o tempo gasto trabalhando com um filho num projeto para discutir por que o respeito é importante. Não tenha receio de perguntar ao seu filho como você pode demonstrar respeito por ele ou ela. Você também pode gentilmente sugerir uma ou duas formas pelas quais o comportamento do seu filho pode se tornar mais respeitoso.

Tente sair em um encontro com seu filho, como mencionei anteriormente neste livro, para ensinar-lhe a tratar pessoas do sexo oposto e a aceitar posturas respeitadas. Ao presenciar um filho sendo rude com a mãe no supermercado, use esse incidente para estimular uma conversa com o seu filho na volta para casa. Em vez de coibir programas de TV que mostram filhos sendo rudes com os pais, sintonize esses programas como o propósito de perguntar a eles durante os intervalos comerciais se o comportamento desrespeitoso torna a personagem engraçada, atraente ou bem-sucedida (e esteja preparado para respostas honestas).

Para ser um pai como seu Pai celestial, você precisa saber que um pai que *demonstra* respeito também *ganhará* respeito. Esse tipo de pai tem maior probabilidade de educar filhos que respeitem a si mesmos, às

autoridades, aos irmãos e aos colegas. É o tipo de pai que tem maior probabilidade de educar filhas que possam algum dia dizer: “Quero me casar com alguém como meu pai, alguém que eu possa admirar e respeitar”, ou filhos que possam algum dia dizer: “Quero ser como você, pai”. Esse tipo de pai tem maior probabilidade de educar filhos que ganham o respeito dos amigos, familiares, colegas de trabalho e – algum dia – também dos próprios filhos.

Esse é o tipo de pai que todos queremos ser. E, com a ajuda de Deus, esse é o tipo de pai que conseguiremos ser.

Para reflexão, discussão e ação

1. Classifique as seções deste capítulo de acordo com a estratégia que você considera ser a mais urgente e importante em sua família neste momento de vida (classifique-as de 1 a 6, com “1” sendo a área que precisa de mais atenção):

- ☐ Demonstrar respeito
- ☐ Definir respeito
- ☐ Estimular o respeito próprio
- ☐ Exigir respeito por sua esposa
- ☐ Estimular o respeito entre irmãos
- ☐ Aproveitar momentos próprios para o ensino

2. No espaço a seguir, liste maneiras de demonstrar respeito aos outros (seus pais, sua esposa, seus superiores, seus líderes na igreja):

3. No espaço a seguir, liste maneiras de demonstrar respeito a seus filhos:

*4. Cite três passos concretos que você planeja dar esta semana para estimular atitudes de respeito e ações tanto em você como em seus filhos:

Em seguida, transforme esses passos em ações específicas e mensuráveis e depois as organize em sua agenda diária.

¹ Como citado em *What They Did Right*, Virginia Hearn, ed. (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1974), p. 166-167.

² DOBSON, Dr. James. *The Strong-Willed Child* [O filho teimoso]. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, p. 132.

Um pai segundo o coração de Deus

Samuel, profeta de Deus, fez o que lhe fora ordenado. Ele visitou a casa de Jessé para examinar os filhos desse pastor de Belém da mesma forma que um general inspeciona suas tropas. Um deles, o Senhor lhes havia dito, era o escolhido de Deus para tornar-se o rei de Israel.

O profeta viu primeiro Eliabe, filho de Jessé, e pensou: “Deve ser este. É um homem de verdade! Tem todas as características esperadas: força, tamanho, inteligência, boa aparência. Mas Deus lhe disse:

– Não. Não é ele que tenho em mente.

O olhar de Samuel se fixou em seguida sobre Abinadabe, e o profeta pensou haver compreendido o raciocínio de Deus. “Não tão grande quanto Eliabe, mas também um ótimo candidato, é óbvio. Posso vê-lo liderando tropas para a batalha sem o menor traço de medo na face.” Deus disse:

– Faça a fila andar, Samuel. Você não tem o dia todo.

Então Samuel se voltou para Samá, o filho seguinte de Jessé, sentindo a resposta do Senhor mesmo antes de ouvi-la:

– Não é este, tampouco.

Samuel analisou novamente os sete filhos que Jessé havia orgulhosamente mostrado ao profeta do Senhor, e Deus respondeu não a cada um deles. Samuel começou a pensar: “Senhor, será que nossas linhas estão cruzadas? Disseste Jessé de Belém, não foi?”

Finalmente, certo de estar no lugar correto, Samuel perguntou:

– Jessé, estes são todos os seus filhos?

O pai, confuso, respondeu com indiferença:

– Ainda falta o mais novo – Jessé respondeu –, mas ele está cuidando das ovelhas.

– Mande buscá-lo – disse Samuel com a autoridade que somente um profeta de Deus podia exercer.

E Jessé mandou buscar seu filho mais novo, Davi.

Quando Samuel viu o rapaz se aproximando, foi como se uma descarga elétrica percorresse seu corpo, e o profeta sentiu (mais do que ouviu) o Senhor dizer:

– Levanta-te e unge-o, porque é este mesmo.

Nesse dia, Samuel ungiu Davi como o próximo rei de Israel. O novo rei, de modo algum, era uma escolha óbvia. Seus irmãos mais velhos eram guerreiros e líderes experimentados e testados. Cada um deles era maior, mais forte e mais instruído do que o garoto que Deus havia escolhido para ser rei. Mas a qualificação de Davi havia sido anunciada muito antes, antes mesmo que o rei Saul tivesse subjugado tanto os filisteus como os amalequitas, antes que Saul tivesse irritado o profeta do Senhor e desobedecido a Deus em Gilgal. Samuel disse ao rei que Deus já havia encontrado *para si um homem segundo o seu coração [...] para ser príncipe sobre o seu povo* (1Sm 13.14).

Davi não se tornou rei por causa de seu tamanho, suas proezas militares ou até mesmo sua inteligência. Ele se tornou rei porque era um homem segundo o coração de Deus. Ele foi qualificado para liderar Israel em razão de seu relacionamento – sua afinidade – com Deus.

Um homem segundo o coração de Deus. Esse é o tipo de homem que eu quero ser. Esse é o tipo de pai que eu quero ser: um pai segundo o coração de Deus. Quero ser um modelo do coração de Deus para os meus filhos – seu amor e sua aceitação incondicional. Quero refletir sua santidade e pureza. Quero provar ser um pai leal e digno de confiança, um conforto e refúgio para os meus filhos, assim como ele é para os seus.

Quero ser um amigo para os meus filhos, assim como ele é; propiciando disciplina santa aos meus filhos, perdoando da forma que ele perdoa. Quero que meus filhos me respeitem e ganhem o respeito dos outros.

Exercer o papel de pai é uma tarefa difícil e complexa para qualquer geração, mas Jerry Adler, escrevendo na *Newsweek*, sugere que “numa única geração, a paternidade (assim como a maternidade) se tornou duas vezes mais difícil”.¹ Ele cita as exigências e as expectativas cada vez maiores que a sociedade coloca sobre os pais nestes dias.

Seguramente, a paternidade no século 21 é um desafio que pode exaurir os recursos de um homem e esticar sua imaginação ao limite. Mas, se você estiver determinado a ser um pai segundo o coração de Deus, não estará limitado aos seus recursos ou à sua imaginação. Na realidade, você não estará limitado a nada, porque Deus é o seu recurso, e ele está disposto e é capaz de suprir *todas as vossas necessidades, segundo sua riqueza na glória em Cristo Jesus* (Fp 4.19). Deus fará cada vez mais à medida que você enfrentar a tarefa de desempenhar seu papel de pai com verdadeiro otimismo bíblico.

A ATITUDE CERTA

A Palavra de Deus nos ensina que, como o homem *imaginou na sua alma, assim ele é* (Pv 23.7, ARC). Sua atitude mental faz você ou mover-se de forma otimista, como um poderoso navio abrindo caminho pelas ondas revoltas do oceano, ou hesitar, vendo cada problema como um inimigo tentando torpedear seu navio. Uma atitude mental positiva é crucial para lidar com as circunstâncias singulares e as limitações pessoais que podem aparecer em sua tarefa de ser pai.

Se você ainda não o fez, decida agora mesmo enfrentar a paternidade com verdadeiro otimismo bíblico. O apóstolo Paulo disse: *Posso todas as coisas naquele que me fortalece* (Fp 4.13). O *todas as coisas* dessa declaração inclui ser um pai efetivo e piedoso em situações que exigem grande perícia e esforço.

A Bíblia diz que nosso amoroso Pai supervisiona cada aspecto de nossa vida. Ele conhece nossas circunstâncias e quer usar exatamente essas situações para nos fortalecer e nos estimular à plena estatura de homens de Deus. Portanto, sejam quais forem suas barreiras, limitações ou dificuldades, considere-as oportunidades para crescimento. Estou convencido de que a paternidade é uma das importantes maneiras que o Senhor usa para levar os homens à maturidade. É razão suficiente para sermos otimistas.

Com frequência, nossa atitude mental não é tão positiva como poderia ser porque pensamos em exercer a paternidade em termos das *nossas* responsabilidades, das *nossas* habilidades, dos *nostros* conhecimentos. Perdemos de vista o compromisso do Senhor em participar de cada faceta de nossa vida. Mas, quando pensamos em termos de buscar *sua* sabedoria, *sua* força, *seu* amor, *sua* paciência e *sua* compaixão, a nossa perspectiva muda. Somente o Espírito Santo pode criar as qualidades e habilidades de que precisamos para nos tornarmos pais segundo o coração de Deus. Nosso papel é andar com ele ao longo da experiência da paternidade, convidando e desejando sua participação ativa e fiel, a cada dia de nossa vida.

Vamos resumir esses pensamentos em quatro enunciados: 1) Sua atitude mental positiva aumenta grandemente sua eficiência como pai. 2) A paternidade é uma importante oportunidade de crescimento em sua vida. 3) Os desafios da paternidade levam você a descobrir a vastidão e a realidade da natureza e dos recursos de Deus para sua vida. 4) É possível ser um pai segundo o coração de Deus!

ENFRENTA SEUS DESAFIOS ESPECIAIS

Ser pai pode ser uma tarefa incrivelmente difícil, até mesmo dolorosa. Mas a dificuldade e o sofrimento da paternidade não são algo a temer. Não importa quais desafios você possa enfrentar, não importa como tenha sido sua infância, não importa quão fraco você possa ser, é possível

experimentar o poder capacitador de Deus para mostrar a imagem do Pai em e através de você.

Muitos pais enfrentam situações intensas e que exigem deles imenso esforço; elas merecem ser discutidas aqui. Você pode se ver numa situação difícil em razão de escolhas feitas por você mesmo. Pode se ver subjugado por circunstâncias além do seu controle. Seja qual for a situação, para ser um pai eficiente, você precisará enfrentar o problema honestamente e fazer as mudanças que forem necessárias.

O pai sobrecarregado de trabalho

Na geração de nossos avós, os homens trabalhavam fisicamente. Hoje, no entanto, o trabalho de um homem tende a exigir mais esforço mental e emocional. São prazos de entrega de trabalhos, pressões de atingir metas semanais ou mensais, para não mencionar o estresse mental associado ao mundo eletrônico e à vida acelerada. Se você é como muitos pais, provavelmente se vê voltando para casa mental e emocionalmente exausto ao final de um dia de trabalho, ainda pensando no que aconteceu naquele dia e no que acontecerá no dia seguinte. Para completar, vários de nós trabalhamos muito além de quarenta horas semanais. Em boa parte dos casos, sobra pouca energia para a paternidade.

Além dos nossos empregos, a maioria de nós tem outros interesses que competem com a família por nosso tempo. Esportes, *hobbies*, manutenção da casa, atividades da igreja, envolvimento na comunidade e uma quantidade enorme de outras atividades concorrem por nossa atenção.

Se você é um pai sobrecarregado, o seu desafio é duplo, como veremos a seguir:

Primeiro, você precisa reconsiderar sua personalidade e suas prioridades. Talvez você se sinta mais importante ou até mesmo mais seguro se estiver ocupado. Você tem excesso de compromissos por que quer? Ou você deixou de fixar prioridades para determinar (sob a perspectiva cristã) o que seria mais importante em sua vida? Você pode estar em posição

desconfortável às voltas com essas questões. Elas podem até estar ameaçando você. Mas é importante se dar conta de que ignorar essas questões pode causar danos irreparáveis no relacionamento com seus filhos.

As prioridades de um homem são postas em teste quando ele recebe a oferta de uma promoção no emprego que conflita com as necessidades da família. Ray foi um desses homens. Num retiro, ele relatou o seguinte incidente:

O vice-presidente da companhia me chamou ao escritório e disse que estava prevista para mim uma promoção para um novo cargo. Isso significava que a nossa família teria de se mudar para outra cidade, e eu teria mais responsabilidades. Inicialmente fiquei entusiasmado porque jamais pude resistir a um novo desafio.

Mas, como em toda decisão importante que havia enfrentado, comecei a buscar a orientação de Deus. Quando lhe confiei aquela oportunidade, ele me ajudou a ver que aquilo não seria saudável para a nossa família. O relacionamento com meus dois filhos é tão gratificante que percebi que não poderia trocá-lo por um trabalho.

Foi difícil declinar da promoção, sabendo que poderia não ter outra oportunidade como aquela. Mas, no meu coração, eu sabia que estava fazendo a escolha certa.

Esse é um homem segundo o coração de Deus! A decisão de Ray refletiu prioridades segundo a vontade de Deus, e ele ainda está colhendo a recompensa.

O segundo desafio para o pai ocupado é trabalhar de forma inteligente. Por exemplo, Neil é um vendedor que viaja por seu estado e, com frequência, precisa ficar longe de casa de segunda a sexta-feira. Quando Neil tem uma semana como essa, ele garante que o sábado seja o dia da família. Seus filhos esperam ansiosamente por esse momento, sabendo que terão a atenção total de seu pai.

O pai inteligente que é superocupado procura meios de fazer máximo uso de curtos períodos de tempo. Uma caminhada de vinte minutos com sua filha pode ser muito frutífera se você lhe dedicar total atenção durante esse tempo. Vinte minutos jogando futebol com seu filho antes do jantar pode ser tão bom para o relacionamento quanto é para o seu coração e

para a sua cintura. Um tempo de jantar habitual em família – com TV e telefone desligados – pode ser um refúgio de comunicação agradável para todos os membros da família.

Isso pode demandar esforço extra e pode significar mudar algumas prioridades, mas um pai ocupado pode, ainda assim, ser um pai segundo o coração de Deus.

O pai divorciado

Talvez a sua tarefa de pai tenha sido afetada por um divórcio. Isso pode enfraquecer, e algumas vezes até romper, o relacionamento entre pai e filho. Na maioria dos casos, os filhos continuam a viver com a mãe deles. Se uma mãe divorciada é amarga e hostil com relação ao pai das crianças, esse relacionamento pode ficar estremecido. Muitos pais acham difícil manter um relacionamento significativo com os filhos quando isso só pode ser mantido através de raros contatos.

Uma advertência fundamental para pais e mães divorciados: nunca coloquem os filhos no meio dos seus problemas. Se um cônjuge expressa ressentimento em relação ao outro, a tendência é o filho refletir o mesmo ressentimento.

Meu amigo Dick Day, conselheiro conjugal e familiar, contou-me certa vez como uma mãe divorciada o procurou para se aconselhar sobre a filha de 13 anos de idade. O pai havia deixado a família quando a mãe estava grávida dessa garota, e agora a adolescente se mostrava extremamente amarga em relação ao pai. Dick perguntou à mãe quantas vezes a filha havia passado algum tempo com o pai nos últimos treze anos. Ela estimou em cerca de dois meses. Dick imediatamente confrontou a mãe:

– Os sentimentos que sua filha tem para com seu pai não podem ter advindo daqueles dois meses de contato com ele. Desconfio que esses sentimentos vêm de você, e não da experiência dela com o pai.

A mulher foi para casa a fim de pensar a respeito e então voltou na semana seguinte.

– Você tem razão – ela disse a Dick. – Forcei meus ressentimentos sobre minha filha, e isso foi prejudicial para ela. Tenho de ser mais positiva a respeito de seu pai.

Conheço muitos pais divorciados que aceitaram o desafio, resistiram aos tempos difíceis e continuaram a ter influência positiva sobre os filhos. Esses pais pensam e agem com a percepção e a sabedoria do Pai.

Pais divorciados prudentes planejam a paternidade de forma ponderada e criativa. Rex é um desses homens. Ele tem duas filhas. Uma delas tinha 11 anos e outra tinha 13 quando o divórcio ocorreu. Embora Rex tivesse de trabalhar com sua dor emocional, ele confirmou seu amor e compromisso às garotas – nada espetacular, apenas sincero amor e cuidado paternal. Quando elas estavam com o pai aos sábados, ele passava o tempo trabalhando junto com elas e fazendo as coisas que elas gostavam de fazer. Depois de alguns tempos, sua ex-esposa se deu conta de que não podia cuidar das filhas, por isso elas foram morar com Rex, que, nessa época, havia se casado novamente. Hoje, as duas garotas têm uma vida mais estável em razão de um pai que não desistiu quanto as coisas ficaram difíceis.

Pais divorciados podem criar melhor seus filhos se eles próprios tiverem uma vida saudável e realizada. Quando a vida de um homem é vazia, cheia de tédio ou ressentimento, certamente esses sentimentos contaminam as pessoas ao redor. O homem que tem desafios pessoais, que mantém estreitos relacionamentos pessoais por meio de grupos de apoio e que foca sua energia no cuidado de outras pessoas será um modelo mais positivo para seus filhos.

O padrasto

Nos últimos anos, cresceu muito o número de pais casados novamente e de “famílias misturadas”. Quando este livro foi publicado pela primeira vez, mais de 40% de todos os casamentos nos Estados Unidos envolviam o novo casamento de uma ou das duas partes.² Hoje, de acordo com

pesquisa citada pela Focus on the Family, “aproximadamente 1.300 novas ‘famílias misturadas’ são formadas todos os dias nos Estados Unidos, e a previsão é de que, em 2010, haverá mais famílias desse tipo no país do que qualquer outro tipo de família”.³ Isso está acontecendo depressa, e o futuro certamente estará repleto de implicações dessa nova realidade.

Ser pai já é bastante difícil; ser padrasto pode ser ainda mais desafiador. Seu enteado pode se ressentir de você infringir o que ele acha ser território pessoal dele – a mãe. Ele o vê como alguém competindo pela atenção e pelo afeto da mãe. Provavelmente também se ressentirá de seus esforços para exercer liderança sobre a vida dele. Ele pode querer saber quanta autoridade você tem legitimamente sobre ele pelo fato de não ser realmente pai. E, mesmo que goste de você, ele se vê numa crise de lealdade. Aceitar ou ser amigável pode parecer uma traição ao próprio pai.

Estabelecer um relacionamento bom e proveitoso como padrasto não é um processo de um só dia. Tenho notado, entretanto, que o padrasto disposto a “andar a segunda milha” pode ter a alegria de ajudar uma criança ou um adolescente de maneira poderosa. Tenho também observado relacionamentos fortes, cordiais e duradouros entre padrastos e enteados. Eu gostaria de compartilhar algumas orientações gerais para ajudar você a desempenhar o papel de padrasto.

Lembre-se de que a recomposição de uma família leva tempo. Os filhos precisam de tempo para ordenar os sentimentos e se abrirem a um relacionamento com você. Se você quiser apressar o relacionamento, ou se forçar para impor autoridade sobre seu enteado, ele provavelmente se afastará. Dê tempo para ele conhecer melhor você, estabelecer um relacionamento de confiança e trabalhar seus sentimentos turbulentos.

Em muitas situações de famílias recompostas, a seguinte sequência se desenrola:

1. *Aceitação inicial pelo enteado*: “Eu gosto dele; case-se com ele”. Os filhos podem sentir que *é bom tudo* o que deixa a mãe feliz.

2. *O fim da lua de mel para a criança:* “Eu não gosto de você! Você não é meu pai! Não vou fazer o que você está mandando!” É importante que você não fique desanimado ou esgotado nessa fase. Lembre-se de que o enteado pode estar lutando com muitas emoções confusas. Você pode ser o objeto da raiva para com o pai natural. Ou o enteado pode estar testando se você realmente se importa com ele. Sua contínua compaixão, paciência e franqueza tendem a vencer no final.
3. *Aceitação pelo enteado numa base comprovada e confiante:* O enteado sabe que você realmente se importa com ele como pessoa, não importa o que ele faça ou a quem pertença.

A terceira e derradeira fase pode levar semanas ou meses. Em alguns casos, pode até levar anos. Mas as recompensas da paternidade aguardam um padrasto segundo o coração de Deus, assim como aguardam um pai segundo o coração de Deus.

O pai deficiente

Todos nós pertencemos a este grupo, embora não o queiramos admitir. Todos nós entramos na paternidade com deficiências de um tipo ou de outro. Mas Deus pode vencer – e mesmo usar – todas as nossas imperfeições, incapacidades e limitações para nos tornar pais segundo o seu coração.

Muitos homens têm *limitações de personalidade* que reduzem a eficiência de sua paternidade. Por exemplo, até onde Al consegue se lembrar, ele tem uma raiva enraizada que se manifesta tanto na comunicação verbal quanto na não verbal. Karl sente-se derrotado porque jamais consegue dizer não a alguém e coloca sua família em segundo lugar à vontade de outras pessoas. Ele sofre muita culpa. Paul cresceu sendo “o banana” da comunidade e sempre se sentiu envergonhado por não se mostrar mais corajoso.

Outros homens têm *limitações de habilidades*. Eles honestamente não sabem como ser pais competentes. Mark é um excelente contador e altamente respeitado por seus pares, mas fale com ele sobre filhos, e seu semblante murcha. “Acho que sou uma calamidade; não sei o que fazer”, ele suspira.

Um lamento comum que ouço em tantos seminários que tenho realizado por anos é: “Gostaria de ter aprendido essas coisas quando nossos filhos eram mais novos. Tenho feito muitas coisas erradas”.

Uma razão pela qual muitos homens carecem de habilidades da paternidade é por não terem um modelo positivo a seguir. Muitos homens cresceram em lares sem pai. Outros cresceram em lares nos quais o pai era um membro da família ausente em razão de trabalho, interesses externos ou negligência, e nossa sociedade impessoal reduz grandemente a oportunidade de os filhos encontrarem modelos adultos fora de casa. Muitos pais nunca conheceram o que era a boa paternidade. Minha oração é que este livro venha ajudar a preencher esse vácuo.

LIMITAÇÕES SÃO OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO

Encaremos com honestidade: todos nós temos limitações pessoais. A vida cristã é uma vida de crescimento. O apelo de Deus a cada um de nós é para encontrarmos libertação de pecados e hábitos escravizantes que nos roubam a alegria e a capacidade de gerar bons frutos. Se formos honestos com nós mesmos, teremos de admitir que nossas fraquezas e falhas na criação dos filhos nos convocam a lidar com questões do crescimento pessoal. Podemos negar isso, ou então encará-lo como um convite para crescermos à estatura de homens, maridos e pais piedosos que Deus nos chamou para sermos.

Creio que a vida é um dom especial do nosso amoroso Pai. A redenção que Deus ofereceu por meio de Jesus Cristo é seu sinal claro de que ele quer realizar uma poderosa transformação em nós. Seus recursos estão prontamente disponíveis. Tudo o que Deus quer é nossa resposta quando

ele nos chama para o seu lado, onde ele pode nos amar, instruir, enriquecer, libertar e abençoar. A paternidade é um ambiente prático no qual Deus pode agir.

Você tem seu conjunto especial de circunstâncias, bem como forças e fraquezas inigualáveis. Que a paternidade seja a situação da vida na qual você se compromete a se tornar o homem de Deus que o Senhor o chamou para ser. Não somente a sua vida se tornará mais gratificante, mas também você passará para seus filhos e filhas uma autêntica fome e sede por retidão. E isso seria de fato o maior legado que você lhes deixaria.

Saiba você ou não, as dez características da paternidade que discuti neste livro já existem em sua vida caso você já tenha nascido do Espírito (Jo 3.8; 2Ts 2.13). Pela oração, pela prática e pelo crescimento em Cristo, cada uma dessas qualidades pode ser refinada e liberada no relacionamento com seus filhos. Recorrendo a Deus dia a dia, você pode ser um pai como é o seu Pai celeste.

Para reflexão, discussão e ação

1. Avalie sua atitude em relação aos desafios da criação de seus filhos. A atitude é em geral positiva, negativa ou fica em algum lugar entre os dois? Explique a razão para sua resposta.

2. Como sua esposa avaliaria sua atitude em relação aos desafios da criação de filhos? Explique sua resposta.

3. Escreva por extenso e memorize um complemento para esta declaração: “Ser um pai amoroso e envolvido com meus filhos é uma experiência positiva para mim porque...”

- *4. Quais são os dois conceitos que mais se destacaram para você neste capítulo? Explique por que eles chamaram sua atenção e que ações você pretende tomar para integrá-los à sua vida.

- *5. Encontre um lugar tranquilo e invista de 10 a 20 minutos para escrever um complemento a esta sentença: “Como resultado da leitura, reflexão e discussão deste livro, pretendo...”. Seja o mais específico e completo possível. Depois compartilhe com seu grupo o que você escreveu. Quando todos tiverem compartilhado, reúnam-se em oração para que Deus os ajude a realizar os pontos de ação que vocês registraram. Se você não fizer parte de um grupo, compartilhe com sua esposa ou com um amigo de confiança.

6. Quais das dez qualidades da paternidade discutidas neste livro são mais fortes em sua vida? Quais das necessidades precisam de mais refinamento? Ore para que o poder de Deus ajude você a crescer em cada qualidade.

¹ ADLER, Jerry. “Building a Better Dad”, [Construindo um pai melhor], *Newsweek* (17 de junho de 1996), p. 59.

² MISRACH, Myriam Weisang. “The Wicked Stepmother and Other Nasty Myths” [A madrasta malvada e outros mitos maldosos], *Redbook* (julho de 1993), p. 88.

³ V. <<http://www.successfulstepfamilies.com/view.php/id/24>>.

60 COISAS DIVERTIDAS QUE UM PAI PODE FAZER COM SEUS FILHOS

1. Agende a cada três meses um “encontro com papai” para cada um de seus filhos.
2. Organize uma maratona de jogos de tabuleiro domingo à tarde com a família.
3. Faça com seus filhos uma caminhada pela vizinhança no Natal para ver as luzes e os enfeites.
4. Efetue um reparo doméstico ou conserto do carro junto com seus filhos.
5. Preparem juntos uma refeição especial para a mamãe. Peça para seus filhos organizarem o menu e servirem como garçom ou garçonete. (Depois limpe tudo!)
6. Vá tomar um café da manhã fora com seus filhos. Deixe que seus filhos façam o pedido por você.
7. Construam um modelo de avião ou carro juntos, mas deixe que seu filho faça a maior parte do trabalho.
8. Façam uma caminhada pela natureza.
9. Vá acampar com seus filhos por uma noite ou por um fim de semana inteiro.
10. Asse um grande lote de biscoitos para distribuir aos amigos do seu filho.
11. Façam sessões de fotos em passeios, no zoológico, em casa, e assim por diante. Selecione fotos e trabalhem juntos em um álbum de recortes.
12. Selecione versículos-chave das Escrituras e memorize-os junto com seus filhos, discutindo o que cada versículo significa para você. Recompensem um ao outro com iogurte gelado ou sorvete sempre que vocês dois puderem citar dez novos versículos corretamente.

13. Realizem um torneio de *croquet* ou *badminton* em seu quintal.
14. Joguem *video game* juntos.
15. Trabalhem num computador juntos.
16. Vá às atividades atléticas ou especiais do seu filho. Estimule e elogie (mas não seja um controlador da “Pequena Liga de Pais”).
17. Diga: “Quero orar por você esta semana. Quais são seus planos? Sobre que questão você gostaria que eu orasse?”
18. Planejem e plantem um jardim juntos.
19. Preparem uma cesta de frutas frescas, pães, biscoitos e alimentos enlatados, depois deixem-na na porta de entrada de uma família necessitada.
20. Pergunte: “Qual a melhor coisa que aconteceu a você hoje?”
21. Peça a seus filhos que orem por você.
22. Montem um programa surpresa do tipo “Esta é a sua vida” para a mamãe ou para os avós.
23. Diga a seus filhos que você ama a mãe deles. Peça para eles dizerem por que a amam. Depois pegue um pedaço de cartolina e junte-se a seus filhos para escrever todas as razões num cartão gigante com lápis de cor. Faça que seus filhos decorem o texto e mandem o cartão para a mamãe.
24. Unam-se a uma ou duas outras famílias para realizar uma paródia familiar e uma noite dos talentos, com a participação de todos. Alugue uma câmera de vídeo a fim de gravar o evento para a posteridade.
25. No jantar, faça que todos compartilhem o “Meu momento mais embaraçoso”.
26. Grampeie cartões medindo cerca de 3 cm x 5 cm formando um livro artesanal de cupons para cada filho. Cada cupom dá o direito a uma saída individual com papai para tomar sorvete, jogar bola, boliche ou fazer patinação, para comer uma *pizza*, seja o que for. (Regra sugerida: Limite um cupom por mês para cada filho.)

27. Leiam um livro da Bíblia juntos, discutindo-o à medida que leem.
28. Leve seus filhos a um museu.
29. Escolham uma colônia para a mamãe que todos apreciem.
30. Encontre um pomar de maçãs ou laranjas e organize um dia de colheita de frutas com seus filhos.
31. Vá fazer compras de roupas para você e seus filhos juntos.
32. Verifiquem em sua cidade a agenda de concertos ao ar livre ou peças de teatro no parque. Organizem um piquenique e faça disso um acontecimento.
33. Façam uma visita à biblioteca. Consiga um cartão da biblioteca para cada filho e ajude-os a descobrir o mundo dos bons livros.
34. Compre ou alugue um vídeo de ginástica e se exercitem juntos.
35. Vá com seus filhos assistir a peças e concertos encenados por faculdades e universidades locais.
36. Participem de passeios de bicicleta familiares.
37. Empinem pipa juntos.
38. Vá com seus filhos a canteiros de obras e observe o progresso da construção de um prédio, uma casa ou uma estrada.
39. Se os avós de seus filhos ainda estiverem vivos, organizem um “Dia de reconhecimento aos avós”, com cartões artesanais, artes e guloseimas feitas por você e pelas crianças. Depois façam o mesmo para a mamãe, para um vizinho ou amigo, ou, ainda, para o seu pastor ou o pastor de jovens.
40. Formem um quebra-cabeça juntos.
41. Após o jantar em família, afastem as cadeiras da mesa e façam a brincadeira da “Concentração”, aquele jogo de salão em que os participantes falam um número na sequência, depois batem no joelho duas vezes, e chamam o número deles e os números de outra pessoa enquanto estalam os dedos. Depois todos ajudam a limpar a cozinha. O vencedor escolhe sua tarefa.

42. Estenda-se no chão e assista com seu filho ao programa de TV favorito dele.
43. Leve seus filhos para colher flores do jardim e formem um buquê para mamãe ou outra pessoa especial.
44. Colha você mesmo flores e forme um buquê para sua filha.
45. Construa uma estante ou um carrinho de rolimã com seu filho.
46. Organizem uma noite à luz de velas. Desliguem todas as lâmpadas, acendam as velas e uma fogueira ou lareira, estourem pipoca e sentem-se em torno do fogo para contar histórias favoritas.
47. Orem juntos por pessoas especiais na vida de vocês.
48. Telefone com antecedência e depois leve seus filhos a um passeio no posto do corpo de bombeiros local.
49. Façam bolhas de sabão no quintal.
50. No Natal, na Páscoa ou em qualquer outra ocasião especial, encene com seus filhos peças para dramatizar o significado do feriado.
51. Para o aniversário de 15 anos de cada filho, dê-lhe uma jarra com 52 tiras de papel com “Privilégios especiais”. Seu filho pode retirar uma tira de papel por semana. Inclua privilégios simples, bem como outros mais elaborados (por exemplo, “Fique acordado até uma hora mais tarde esta semana”, “Convide um amigo para passar a noite em casa”, “Vá a uma sorveteria com papai”).
52. Trabalhem juntos em algum projeto da comunidade ou da igreja. Sirvam comida num abrigo para sem-teto e trabalhem como voluntários na creche da igreja.
53. Tomem aulas da escola da comunidade juntos: fotografia, carpintaria, mecânica básica de automóvel, consertos domésticos ou qualquer coisa que lhes interesse.
54. Escrevam cartas a pessoas da igreja que não podem sair de casa, ou visitem lares de idosos e levem filhotes para os pacientes mimarem.
55. Comecem a ler *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis juntos.

56. Faça uma surpresa ao seu filho pegando-o na escola e levando-o para assistir a um filme, a participar de um piquenique ou a comer uma *pizza*.
57. Providencie almoço com seu filho na ou depois da escola.
58. Planejem uma “Ceia oculta”. Escondam alimentos de preparo rápido pela casa, depois deem dicas de onde está o primeiro item (a segunda dica encontra-se no primeiro item, e assim por diante). Preparem os elementos juntos.
59. Organizem uma “Noite de honra” para cada membro da família. Preparem a refeição favorita dessa pessoa, separem um lugar especial de honra à mesa, desenhe uma placa de honra e façam cada membro da família compartilhar “O que eu aprecio em...”
60. Uma vez por mês, planejem um jantar especial. Todos devem se vestir bem, e a mesa deve ser posta com sofisticação chinesa. Use essa ocasião divertida para ensinar etiqueta.

AGRADECIMENTOS

Quero reconhecer uma inestimável equipe de pessoas que ajudou a tornar este livro uma realidade:

Norm Wakefield, que teve uma profunda influência sobre mim como pai. Seu discernimento (num livro que escrevemos juntos intitulado *The Dad Difference*) aguçou minha visão sobre o papel do Pai celestial em minha vida como pai. O profundo compromisso de Norm de viver à imagem de Deus está refletido nas muitas ilustrações de sua vida que usei neste livro;

Larry Keefauver, por sua ajuda em desenvolver o primeiro esboço desse manuscrito;

Bob Hostetler, por sua ajuda por modelar o primeiro esboço até sua forma final;

Janis Whipple, da *Broadman & Holman*, por seu apoio e experiência em orientar de forma original este projeto através do processo editorial; e Paul Mikos, Jeff Godby e Lawrence Kimbrough por seu trabalho na edição atual;

Dave Bellis, meu sócio de muitos anos, por contribuir com as ideias iniciais, estruturar criativamente o livro e auxiliar todo o projeto pelo labirinto de detalhes até sua finalização;

e, finalmente, minha esposa, Dottie, e meus filhos, Sean, Kelly, Katie e Heather, por sua paciência, amor, apoio e por me darem um treinamento “mão na massa” para me tornar um pai melhor.

Josh McDowell

Sua opinião é importante para nós.
Por gentileza, envie seus comentários pelo e-mail:
editorial@hagnos.com.br

Esta obra foi composta na fonte Adobe Garamond Pro.



Visite nosso site: www.hagnos.com.br